





RIBEIRO ARTHUR

ARTE

E

ARTISTAS CONTEMPORANEOS

2.ª *serie*



LISBOA
LIVRARIA FERIN
FORNECEDORES DA CASA REAL

M DCCC XCVIII

ARTE

E

ARTISTAS CONTEMPORANEOS

2.ª serie

JUSTIFICAÇÃO DA TIRAGEM

1 exemplar em papel Japão, assignado pelo auctor.
3 exemplares em papel Whatman, assignados pelo auctor.
1:000 exemplares em papel algodão de 1.ª qualidade.



Ribeiro Arthur

RIBEIRO ARTHUR

ARTE

E

ARTISTAS CONTEMPORANEOS

2.ª serie

ILLUSTRAÇÕES

DE

ALFREDO KEIL, ROQUE GAMEIRO
ADÃES BERMUDES, ANTONIO MOTTA
TEIXEIRA LOPES, RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO
CELSO HERMINIO, LUCIANO FREIRE
JOÃO VAZ E ANTONIO RAMALHO



LISBOA
LIVRARIA FERIN
FORNECEDORES DA CASA REAL

M DCCC XCVIII

No primeiro volume da=ARTE E ARTISTAS CONTEMPORANEOS=*faltavam nomes d'artistas illustres, já laureados, e bastantes d'aquelles, que, pelo devotado amor com que á arte se entregam, não podem deixar de tomar o seu logar n'uma obra que deve coordenar o maior numero de elementos uteis á historia da arte portugueza em nossos dias.*

O acolhimento que o primeiro volume recebeu fez-me ver que, apezar da sua modestia litteraria, elle veiu prehencher uma lacuna, e que o tornal-o mais completo seria agradavel a todos os que se interessam pelo mundo artistico. Embora não realise inteiramente o seu fim, é este segundo volume complemento do primeiro e anima-o o mesmo e unico intuito — a veneração e culto pela Arte.

A

Minhas queridas filhas

SARAH E ISABEL

Ribeiro Arthur.

I

PERFIS



ALFREDO KEIL

A boa fada que presidiu ao seu nascimento votara-o á *Arte*. Nasceu artista. Nas suas phantasias de creança, nos seus devaneios d'adolescente, apparecia-lhe sempre uma figura divina, que o chamava, sorrindo, mostrando-lhe corôas de louros.

Foram as artes plasticas que primeiro o attrahiram; a seducção da fórma, o deslumbramento da côr, levaram-n'o para a pintura. Consagrou-lhe com ardor Alfredo Keil os primeiros annos da sua ju-

ventude, e entre os moços pintores que, a esse tempo, procuravam uma vereda segura d'arte, elle era dos que seguiam impulsionados por mais orgulhoso enthusiasmo.

Natural de Lisboa, onde seu pae, Christiano Keil, era muito conhecido e estimado, partiu, em 1868, para a Baviera, com desasete annos, a encetar os seus estudos artisticos, e foi na patria d'Alberto Dürer, na velha e pittoresca Nuremberg, que começou a cultivar a arte. A residencia n'essa cidade, tão impregnada da attrahente poesia do passado, tão cheia de velhos monumentos, não podia deixar d'influir no espirito juvenil d'Alfredo Keil e lançar n'elle a semente d'essa poetica melancolia que o faz procurar asylo, para as suas horas de trabalho, junto ás penedias do oceano, que parecem desmoronamentos de velhas cathedraes, e em que as ondas vem quebrar-se entoando psalmos d'uma liturgia grandiosa.

De Nuremberg, Keil passou a Munich,

mas a sua delicada saude obrigou-o a deixar a Allemanha, e foi em Lisboa, com Joaquim Prieto, que continuou a estudar pintura. Em 1875 expoz, pela primeira vez, trabalhos seus na *Sociedade Promotora de Bellas-Artes*. Em 1878 concorreu á *Exposição Universal de Paris* com o seu bello quadro=*Melancolia*=. Em 1886 á *Exposição de Pintura de Madrid* com o=*Pateo do Prior*=e=*Boa lamina!*=que lhe obtiveram o ser condecorado com a ordem de Carlos III. Já em 1885 o governo portuguez o agraciara, pelo seu merito artistico, com o habito de Christo. Em 1890 abriu no seu *atelier*, na Avenida da Liberdade, uma exposição onde apresentava umas trezentas telas, na sua maior parte estudos de marinhas e de paysagem, que quasi todas foram adquiridas por diversos amadores, muitos d'elles estrangeiros.

Este artista, que, sem ser impulsionado pela rigorosa exigencia d'attender ás necessidades da vida, se dedicava

com tal ardor ao trabalho, era um espirito complexo e inquieto, a quem a pintura não bastava, e, ao mesmo tempo que lançava na tela, n'uma *pâte* delicada e fina com escrupulos singulares de nitidez, as suas impressões visuaes de paysagista, ia coordenando a harmonia dos sons, as vozes do mar a que estudava os cambiantes da vaga, a variedade de cantos, que em maravilhosos accordes animam o campo e os bosques, as alvoradas festivaes da natureza, os hymnos religiosos da noite, para os traduzir tambem pela arte sublime de Palestrina e de Mozart.

Ao tempo que estudava pintura com Prieto, cultivava a musica sob a direcção do professor Ernesto Augusto Vieira, e já em 1882 se cantava na Trindade a sua opera comica=*Susanna*=. Tão incansavel musico como pintor, o grande trabalho de composição da=*D. Branca*=que em 1887 apparecia em S. Carlos, não o impedia de apresentar bellas producções que, como a=*Patrie*=e as=

Orientaes=receberam unanime applauso em selectos concertos.

A=*D. Branca*=foi um grande triumpho para o artista, de que o publico se sentia orgulhoso, e em duas épocas seguidas foi ouvida em S. Carlos com successivas ovações.

Quando a sacudidella do *ultimatum* de 1890 fez vibrar n'um estremecimento de colera a alma adormecida do povo, deu-nos Keil o bello hymno=*A Portugueza*=, que ficou sendo o hymno patriotico, o grande desabafo da indignação nacional.

Depois da *D. Branca*, a=*Irene*=, depois da=*Irene*=a=*Serrana*=, e durante estes annos dedicados á musica, nas excursões pelo paiz, estudando os cantos populares, os caracteristicos das provincias, a que vai buscar os personagens para as suas obras theatraes, na Italia, onde vai fazer consagrar as suas grandes composições, o pincel trabalha sempre, estudando typos e costumes, interpretando trechos de paysagem, n'um

afan. extraordinario e febril, que assombra os que sabem quanto é fadigosa a brilhante faina da arte.

O fallecido rei D. Luiz, era amigo de Keil, e adquiriu para a sua galeria alguns quadros do artista, entre elles=*A sahida da Igreja*=, figura de mulher do seculo XVI;=*A Primavera*=grupo de mulher e creanças n'um campo em flôr;=*Marinha*=pedaço de *falaise* da pittoresca povoação das Azenhas do Mar; um=*Pôr do sol*=junto á ribeira de Collares.

Susceptibilidades, cuja razão ignoro, trazem-n'o ha muito affastado das nossas collectivas exposições artisticas, o que não obsta a que Alfredo Keil seja considerado como uma individualidade distincta no nosso meio d'arte.

Os seus trabalhos de pintura tem sido premiados no estrangeiro com diversas medalhas e recompensas. Como maestro escusado é encarecer a consideração de que já goza.

O governo portuguez agraciou-o com

a commenda de S. Thiago, o italiano com a commenda da Corôa d'Italia. É membro da *Associação dos Compositores de França* de que era presidente o illustre Ambroise Thomaz. O grande Massenet, a quem dedicou a sua opera *Serrana*, que esperamos em breve ouvir em S. Carlos, tem-n'o em grande apreço e distingue-o com a sua amizade.

Keil não descança. Julgo que actualmente se occupa d'uma opera relativa á descoberta da India. É possivel que, ás horas em que lhe dedico estas palavras de sincero e justo preito, elle esteja vendo o sol mergulhar no oceano, das janellas da sua poetica *Villa Guida* na deliciosa Praia das Maçãs, e, pensando nas naus do Gama, que sulcaram aquelles mares, tão vastos, tão profundos, vá traduzindo para algum pedaço da partitura modulações canoras das vagas.

Como a sua alma d'artista deve sentir-se bem gosando os esplendores da natureza, n'aquella encantadora habitação á beira-mar, d'onde se alcança tão

largo e magico horisonte, a filha a embellezar-lh'a de candidos sorrisos e o filho a animar-lh'a com a sua alegre travessura de rapaz!

Outubro de 1897.





ROQUE GAMEIRO

Quando, de 1881 a 1882, frequentava as aulas nocturnas de desenho, na Escola de Bellas-Artes, dirigidas pelo estatuario Simões d'Almeida, encontrei muitas vezes ali um rapaz que se dedicava assiduamente ao estudo; com dezoito annos apenas, illustrado, activo, interessava-me, e parecia-me que devia ser homem de futuro. Um anno mais tarde soube que ia partir para a Allemanha a estudar,

na *Escola d'Artes e Officios* de Leipzig, lytographia.

A grande intelligencia de Antonio Augusto d'Aguiar, então ministro, comprehendera a necessidade da creação de escolas industriaes de desenho no paiz, e pensara em mandar habilitar, no estrangeiro, professores para os varios ramos do ensino que n'ellas se deviam ministrar. Roque Gameiro entrou em o numero dos escolhidos para essa missão; esteve tres annos na Allemanha, e, voltando, tomou a direcção das officinas lytographicas da *Companhia Nacional Editora,* sendo depois, em 1894, nomeado professor da *Escola Industrial Principe Real,* ao Rato.

Os trabalhos primorosos da *Companhia Nacional Editora* attestam o seu merito profissional, os desenhos espalhados por varios jornaes, principalmente no *Seculo,* provam a facilidade e a subtileza do seu lapis de desenhador, mas não é sob qualquer d'estes aspectos que me compraz apreciar Gameiro, é pe-

los seus trabalhos exclusivamente artisticos.

A arte, mais que a industria, tentou sempre a sua fina organisação, e a par do trabalhador infatigavel, um delicioso artista se revelou; as suas aguarellas tão delicadas, tão largamente feitas, tão primorosas, dão-lhe um apreciavel logar no grupo dos pintores portuguezes.

Vendo-o, advinha-se logo o artista; não é d'industrial atarefado, nem d'um grave professor, aquella cabeça, que Ramalho tão bem reproduziu n'um soberbo desenho a pastel. A luminosa phantasia da arte anima-a e inquieta-a, o olhar condensa-se-lhe n'uma preoccupação, como o de todos aquelles cuja imaginação persegue um sonho alado.

As aguarellas de Gameiro, perfeitas pelo desenho, o que lhes dá o mais seguro valor, são d'uma largueza, uma finura e d'uma segurança de pincel admiraveis. O colorido é um tanto frio, mas que delicados segredos da côr elle surprehende para os revelar no papel!

Grande admirador de Luiz Leloir, um dos mais distinctos aguarellistas francezes, pintor de fino espirito e de grande merito, que, nos ultimos annos da sua vida, se dedicou particularmente á aguarella, Gameiro tem-se inspirado muitas vezes nos seus trabalhos.

Leloir, filho da notavel aguarellista Héloïse Colin, foi um dos fundadores da *Société des Aquarellistes Français,* que está tomando a importancia d'uma academia, e que todos os annos, na rua de *Sèze,* em Paris, abre uma exposição a que concorre a *elite* dos artistas. Entre as mais notaveis producções de Leloir figuram as aguarellas para as illustrações da obra de Moliere, feitas com um grande rigor de estudo. Toda a sua obra, os bellos quadros a oleo representando deliciosas scenas de seculos passados, aguarellas de grandes dimensões, pequenos estudos, delicadezas de leques, justificam a admiração do nosso aguarellista por esse mestre que tem sido seu guia.

Que fino artista Gameiro se tem tor-

nado. Cada anno, desde que comecei a admiral-o, mais vejo desenvolver-se-lhe e confirmar-se-lhe o talento, e o *savoir-faire*. Aos estudos, ás *pochades* já arrojadas e firmes, succederam-se os trabalhos completos. Bellos cantos de paysagem como=*A ponte dos Corvos*=exposta no *Gremio Artistico* em 1892, e enviada, ultimamente, á exposição de Berlim. Retratos que são verdadeiros retratos e em que as levesas da aguarella nada roubam á expressão e ao caracter. Figuras de grandes dimensões primorosamente desenhadas. Uma bagagem artistica, emfim, d'individualidade e merito incontestaveis.

As suas variadas aptidões tornam-n'o bastante conhecido do publico, todavia estou certo de que não é, em geral, apreciado pelo seu justo valor como artista, o que não admira, attendendo á difficuldade de se encontrar quem comprehenda a arte. N'um meio mais largo tão bellas qualidades teriam fundo onde brilhassem vivamente, e campo para se desenvolve-

rem, aqui estiolarão, talvez, apesar da exuberancia de seiva.

Que de coragem é preciso para se trabalhar, e trabalhar pela arte, no meio da estupida indifferença com que aos nossos concidadãos vêmos encarar tudo quanto represente um esforço d'intellectualidade. Homens da tempera de Gameiro, mesmo recebendo a justa consideração da minoria illustrada, devem sentir-se pouco á vontade n'esta boa terra, principalmente depois que o contacto intimo com a vida dos paizes em que se pensa e se estuda lhe tornam mais palpaveis a nossa insensibilidade artistica e a nossa vulgar ignorancia. Contra taes fatalidades de meio nada se póde, não se reforma d'um momento para outro uma sociedade; áquelles que sabem pensar compete, ao menos, animar os que trabalham, applaudil-os no exito, encorajal-os no desfallecimento, e ajudal-os a vencer as difficuldades que a cada passo se lhe levantam.

É nobre a missão do artista, mas não a comprehendendo ninguem seria inutil;

os applausos que se lhe enviam revertem, no doce orvalho da emoção, para as almas d'onde sahem.

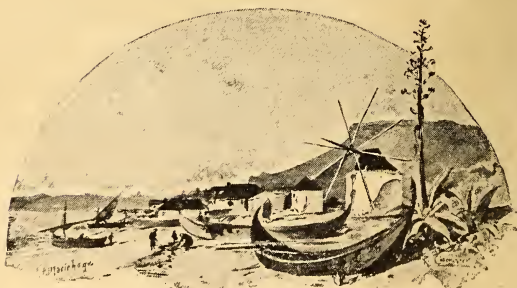
Aguarellista algum entre nós apresentou ainda tão serios trabalhos. Respigando entre elles, ao acaso, pódem citar-se primores, como o interessante estudo de figura do seculo XVII, exposto em 1894, e pertencente ao nosso mestre Simões d'Almeida, o retrato do pae do artista, apresentado em 1896, sob a epigraphe=*A epistola*=, e os dois bellos trechos de paysagem da=*Costa de Caparica*=expostos em 1897. Occupar-me de todos os que mereciam especial menção é impossivel pelo numero.

O seu merito tem recebido algumas justissimas recompensas, como uma medalha de prata e uma menção honrosa nas exposições do *Palacio de Crystal*, no Porto, e a terceira medalha nas exposições do *Gremio Artistico* em 1892 e em 1894. Na ultima exposição, em 1897, recebeu o mais elevado premio que podia ser-lhe concedido como expositor.

2

Fino artista e fino caracter, as mãos que se levantam para o applaudir estendem-se-lhe calorosamente em affectuosa expressão de estima, applausos e estima que elle recebe sem envaidecer-se, trabalhando sempre para progredir com maior ancia, com maior coragem.

Junho de 1897.





ANTONIO MOTTA

e o monumento
a Affonso d'Albuquerque

Succedeu-me entrar no *atelier* do esculptor Antonio Motta, no dia em que elle devia submetter á approvação da commissão technica o ultimo dos baixo-relevos destinados á ornamentação do pedestal do monumento, que a Affonso d'Albuquerque mandou erguer Luz Soriano. Para este monumento, no concurso realisado em 1893, onde entraram artistas como Simões d'Almeida e Teixeira Lopes, apresentára Motta um bello projecto, que ficou approvado.

O *atelier* do esculptor é um templo erguido ao trabalho. Ponham um bloco de pedra ao lado de uma obra animada pelo divino sopro da inspiração artistica e pensem a somma de labor intellectual e manual que se accumula em volta da pedra transformada. Pensem nas longas horas de elaboração genesica, nas noites de estudo e nos dias de canceira que precederam a realisação d'essa obra. O motivo estudado, a idéia concebida, modelará a mão do esculptor, no barro, as figuras que a sua imaginação creou ou reconstruiu, e o conhecimento anatomico das fórmas, a sciencia da ornamentação, do estylo, mostral-os vae essa mão experiente nos segredos do *metier*. Prompto o *esquisse* e impresso no conjuncto o sello da subjectividade do artista, a obra terá alma. Agora é encarnal-a, preparar o molde em que irá vasar-se o gesso; que de cuidados e sobresaltos!... Depois o ponteamento e o transporte ao marmore. Que de esforços violentos e de operações delicadas até que o ultimo

toque do cinsel deixe completo o trabalho do esculptor!

É a grande arte, a arte por excellencia a esculptura. Revela-nos o ideal da fórma, na sua mais elevada pureza; mostrando-nos o bello levanta-nos até ao grandioso, e o grandioso da fórma obriga-nos a prestar culto ao grandioso da idéia. Pela representação real ou allegorica dos homens ou dos factos, ella conserva escripta, em paginas de marmore ou de bronze, as memorias gloriosas das nações, e o culto do passado impõe-se, pela influencia divina da arte, aos espiritos mais frivolos, ás almas mais obtusas.

«Um homem, diz-nos Charles Blanc, que segue pela praça publica, julgando só pensar em si e nos seus negocios, recebe, sem dar por isso, o choque das grandes idéias que a esculptura manifesta.»

O mesmo escriptor assevera que:

«A indifferença d'uma nação em materia de esculptura denuncía uma falta na educação publica.»

Estas idéias me passavam pela mente em quanto admirava o bello baixo-relevo onde Antonio Motta representa o grande Affonso d'Albuquerque recebendo o embaixador do rei de Bisnagá [1].

No baixo-relevo de Motta o episodio historico reproduz-se com uma expressão viva e intensa, nas attitudes, nos gestos e na decoração. Desde a magestosa figura d'Affonso d'Albuquerque, que avança para o indio curvado em grande çalema, até ás figuras que, nos ultimos planos, curiosamente espreitam a riqueza dos presentes e a magnificencia da recepção, nem uma só desmancha a harmonia do conjuncto de que resalta viva a scena. Um estudo rigoroso dos costumes, uma comprehensão de grandiosidade expressa sobriamente, torna este baixo-relevo um formoso detalhe do monumento que, fallando do talento do artista que o conce-

[1] Lenda das Indias, pag. 37. Tomo 2.º, 1.ª parte.

beu, erguerá á veneração do povo a estatua d'um heroe, ensinando-lhe tambem a respeitar as virtudes civicas do venerando velho que, tendo dedicado a vida inteira ao serviço da patria, o mandou construir.

Antonio Motta é um artista sério, talentoso, e desde muito novo se dedicou esforçadamente aos estudos artisticos tornando-se um distincto esculptor. Foi de certo com porfiada lucta que se elevou ao ponto em que o applaudimos hoje, pois sem sahir das escolas do seu paiz, sem reclames que o evidenciassem, tem conseguido obter a consideração e respeito que o cercam.

É natural de Coimbra e nasceu em 1862. Na velha cidade do Mondego, cursou as aulas de desenho e esculptura decorativa na *Associação dos Artistas,* e na *Escola Livre das Artes do Desenho,* sob a direcção do actual professor e director da *Escola Industrial Brotero,* Antonio Augusto Gonçalves. Em 1884 veiu para a *Escola de Bellas Artes de Lisboa* onde

teve por mestres Victor Bastos e Simões d'Almeida, de quem é um dos discipulos mais considerados e queridos. Durante o curso, que terminou em 1891, recebeu cinco medalhas e dois premios pecuniarios.

Melhor, porém, que estes premios officiaes o tem galardoado a consideração com que desde logo o honraram os mais distinctos criticos e apreciadores d'arte. Na primeira exposição do *Gremio Artistico,* em 1891, já Fialho d'Almeida lhe notava no busto=*Uma velha*=coisas justas e finamente observadas para um debutante. N'esse mesmo anno fazia-lhe o dr. Barahona a encommenda da graciosa estatua a que o artista, recordando as camponezas da sua terra, deu o nome de=*A volta da fonte do Castanheiro*= e que na exposição do *Gremio Artistico* de 1893 foi muito apreciada pela critica. Em 1892 outro distincto amador, o dr. Ayres de Campos, encommendou-lhe um grande mausoleu. É em estylo gothico e mede dezoito metros de altura. Das cinco

figuras que devem ornal-o, duas=*A meditação*=e=*A religião*=já estão passadas ao marmore.

Em 1893, no concurso para o monumento a Affonso d'Albuquerque, mereceu o seu projecto, como já disse, a approvação, apesar do grande valor artistico dos outros concorrentes. É d'esta importante obra que Antonio Motta se occupa actualmente; já tem promptos em gesso e em parte passados á pedra os quatro baixo-relevos que representam =*A resposta dada por Affonso d'Albuquerque aos embaixadores do rei da Persia*=*A entrega das chaves da cidade de Goa*=*A tomada de Malaca*=e=*O governador recebendo o embaixador do rei de Bisnagá*=.

Um d'estes baixo-relevos esteve na exposição do *Gremio Artistico* de 1895.

Na de 1892 apresentou Motta=*O remorso*=estatua que concentra muita expressão, e, em algumas outras exposições varios bustos, todos manifestando o merito do esculptor.

Mas querem ver como em Portugal, nas regiões officiaes, são attendidos e considerados os artistas de incontestavel valor?



Antonio Motta foi um academico distincto, e é um artista a quem todos consideram pelas provas de talento que tem dado e pela seriedade do seu caracter; pois ha cinco annos que anda requerendo o logar de professor em uma das nossas

escolas industriaes, e sabem a quem foi conferido, ainda ha pouco, um d'esses logares? Ao filho de um influente de Cintra, que tendo frequentado, por algum tempo, a Escola de Bellas-Artes, e pedido a um dos seus professores um attestado da sua frequencia, este só lh'o concedia com a nota de *nenhum aproveitamento*. Vejam que esperanças para a industria e para a arte nacional.

Fevereiro de 1897.



TEIXEIRA LOPES

Quando ante uma obra d'arte a admiração nos empolga, um segundo sentimento vai rompendo inconscientemente á medida quea subjectividade d'essaobra d'arte actua em nosso espirito, posto em communicação com a alma do artista. Esse sentimento, que póde ser a sympathia, o respeito, a desconfiança, a repulsão mesmo, dirige-se para o homem cujo modo de sentir pela interpretação do assumpto se revela.

O desejo de conhecel-o, d'investigar d'elle, de saber se a sua envergadura real corresponde ao sentimento que em nós desperta, inquieta-nos. Se pertence ao passado vamos anciosamente estudar nos livros a sua historia, se é contemporaneo com que curiosidade o procuramos, nos interessa tudo quanto a imprensa a seu respeito denuncía, escutamos informações dos que o conhecem!

Ha annos já, n'um crescendo de elogios, ouvia fallar d'um talentoso esculptor portuense, que, em Paris, completava os seus estudos, mas pouco conhecia da sua obra. Foi n'uma exposição do *Gremio Artistico*, que uns adoraveis bustos de creança e uns notaveis esbocetos em gesso me attrahiram irresistivelmente para o artista. Não podiam ser exaggerados os elogios com que o incensavam. Quando porém essa maravilha da — *Rainha Santa* — appareceu em Lisboa como um meteoro a deslumbrar-nos, a personalidade de Teixeira Lopes sur-

gia tão profundamente sympathica, na magistral interpretação d'esse typo lendario e suavemente luminoso d'Isabel de Portugal, que um vivo desejo d'entrar mais particularmente na sua intimidade me assaltou. Pezava-me de não ter, durante a minha residencia nas cidades do norte, quando relações assiduas com Marques d'Oliveira me franqueavam a sociedade dos artistas portuenses, procurado conhecer de perto os Teixeira Lopes, familia previlegiada, onde já fulgia um nome aureolado pelo nimbo inapagavel da gloria.

Na setima exposição do *Gremio Artistico* o emocinante grupo=*A viuva*=, a soberba *maquette* para a porta da igreja da Candelaria do Rio de Janeiro, toda a exposição de Teixeira Lopes, que attrahia os olhos e os corações, subjugou-me inteiramente a esse excepcional talento, e eu via com prazer o publico curvar-se na admiração respeitosa pelo grande artista que nos dá o orgulho de ser nosso.

D'elle possuo hoje uma carta tão re-

veladora da sua bella feição moral que me dispenso de conhecel-o mais para confirmar a sympathia que pela suggestividade da sua obra me despertou. Ha n'essa carta um periodo que é para mim uma grata recompensa: — «Consola-me ver tanto esforço em favor da arte e tenho fé que alguma cousa havemos de fazer trabalhando como temos feito ha dez annos para cá.»

*

* *

Á poetica e garrida Villa Nova de Gaya, nome que por si só accorda uma festival fanfarra, resoando atravez de luxuriantes verdes e de azues d'agua e céo, ficará para sempre ligada uma tradicção luminosa d'arte enlaçando-lhe os nomes dos mais geniaes estatuarios da moderna arte portugueza, Soares dos Reis e Teixeira Lopes. Dois artistas, dois poetas, dois sonhadores melancholicos, que dos reconditos mysteriosos da sua

alma extrahiram n'uma synthese d'harmonias, de dôres, d'aspirações infinitas e de suaves perdões, as bellas figuras que a arte portugueza guardará com orgulho entre as suas joias mais preciosas o=*Desterrado*=e a=*Rainha Santa*=.

A=*Rainha Santa*=é uma ideal figura que a poesia popular doira de luz suave; ante ella os crentes vão ajoelhar em commovido extasi, e todos os que sentem o coração ajoelham tambem, subjugados pela candida doçura d'essa alma angelical de mulher.

Foi a tocante lenda que a immortalisou na imaginação do povo quem o fez accudir em tumulto ao templo de S. Domingos, onde a estatua de Teixeira Lopes estava em exposição, e ali todos paravam, os ignorantes mudos d'assombro, os intellectualisados no espasmo sublime da admiração, ante a maravilha d'arte que fazia reviver, triste, meiga, bella e divina, a doce Isabel d'Aragão, rainha de Portugal, que a fazia reviver tal ella existia latente na imaginação dos simples,

tal a sonhavam em luminosa idealisação os poetas. Um brado enthusiasta d'applauso sahia do peito de todos, bem dizendo o artista que da sua alma tirara aquella interpretação tão bella.

Não foi bem entre as paredes do seu *atelier* d'esculptor que Teixeira Lopes a trabalhou n'um pedaço de madeira, foi no templo da sua alma, *atelier* cerrado àos olhos do mundo, que elle modelou essa imagem, lá, onde se guardam os segredos do mais intimo sentir, arrancou uns pedaços á dôr, á resignação, á bondade, á ternura, para os reunir na figura que nos traduz um doce coração de mulher, magoado pelas asperesas do egoismo, que em seu redor braveja, acolhido nas carinhosas consolações da piedade. O nome de Teixeira Lopes recebeu uma plena consagração com este trabalho em que o sentimento, a graça e a belleza esthetica se alliam n'uma glorificação.

Outra das suas estatuas—*A viuva*—tem egual encanto suggestivo. Que suave

e resignada figura a d'aquella plebeia joven, offerecendo os braços e o seio ao filhinho em quanto o olhar amargurado segue fito a miragem do seu amor perdido, arrebatado, talvez, por uma traiçoeira vaga, invejosa, em dia de temporal! Só uma grande alma ingenua e boa, poderia ser a *alma mater* d'essas creações magistraes, bafejadas por um sopro de lirismo casto, idealisadas, mas sem que a idealisação nada roube ao sentimento da fórma que n'ellas attinge perfeições sublimes.

Os bustos de creança de Teixeira Lopes são tão encantadores, sahiram-lhe tanto d'alma, que diriamos serem todos seus filhos, de tal modo tratou carinhosamente a pedra e o bronze em que lhes deu fórma. Assim como as suas figuras de mulher, elles são, mais do que a copia dos modelos, productos d'esse vago sonhar que transparece no proprio olhar do artista quando, parado, se alheia na intima contemplação.

A *maquette* para a porta em bronze

da egreja da Candelaria, na qual, como architecto collaborou seu irmão José, é um d'esses trabalhos que, pelo elevado da composição alliado aos primores da execução, basta para por si só engrandecer um nome d'artista.

É já um grande nome o de Teixeira Lopes e elle tem apenas trinta annos.

*

* *

Nasceu no Porto, em 1866, e é filho de José Joaquim Teixeira Lopes, esculptor de merito que na setima exposição do *Gremio Artistico* se apresentava honrosamente, ao lado de seu glorioso filho, com um formoso Christo em bronze, e, no Porto, tem a demonstrar-lhe o talento notaveis trabalhos no baptisterio da Sé e no tumulo da familia Campeão, no Repouso, onde ha uma bella estatua da *Caridade*. É tambem sua a estatua de D. Pedro V, em Braga. D'elle recebeu Antonio Teixeira Lopes as primeiras li-

ções. «Fui discipulo de Soares dos Reis, o nosso grande auctor do=*Desterrado*=. Comtudo devo muito a meu pae, que foi o meu primeiro mestre.»

Em maio de 1885 partiu para Paris, com uma pensão particular, tendo sido preterido por Thomaz Costa no concurso que, na *Academia de Bellas-Artes* do Porto, fizera para pensionista do estado. Tres mezes depois da chegada, sendo discipulo de Gauthier e de Berthet, apresentou-se ao concurso d'admissão á *Escola de Bellas-Artes* da grande capital e foi classificado numero um, obtendo o titulo de *premier*. Estudou sob a direcção de Cavelier e de Barrias, obtendo na escola differentes mensões honrosas, e, em maio de 1866, o terceiro premio pecuniario; sendo-lhe conferido o primeiro premio, que a escola offerece, no final d'esse anno. Continuou frequentando, até 1888, a *Escola de Bellas-Artes* de Paris, onde se demorou uns dez annos trabalhando e luctando. Não deviam ter-lhe faltado horas d'angustia na lucta, tantas

vezes desesperada, do artista que rende culto a um grande ideal e a quem as mesquinharias da existencia obrigam a descer do templo da pura arte. «A falta de dinheiro, tão prejudicial a um artista, obrigou-me, como a muitos outros, a reproduzir todas as carantonhas que me appareciam para não morrer de fome. Não conheço maior martyrio.»

Concorreu ao *Salon* a primeira vez em 1886 com o retrato do pintor=*Rodrigues Soares*=, medalhão em gesso. Em 1887 com um busto de creança=*Thereza*=. Em 1888 com a=*Ophelia*=, estatua em gesso, e um busto de marmore=*Botão de rosa*=, que figurou na oitava exposição do *Grupo do Leão* em 1889 e actualmente está na *Camara Municipal de Lisboa*. Em 1889 a estatua em gesso=*Infancia de Caim*=e um busto de creança, em marmore,=*A primeira communhão*=obtiveram-lhe uma mensão honrosa. Em 1890 expoz o grupo =*A viuva*=, em gesso, e o=*Caim*= em marmore, alcançando cada um d'es-

tes trabalhos a terceira medalha d'ouro. Em 1891 o busto em gesso=*Rapariga napolitana*=em 1892 os bustos em marmore da=*Condessa de Valenças*=e de *Madame Cardoso*=e o marmore=*A Viuva*=.

Em 1894 expoz em Lisboa, no *Gremio Artistico,* tres bustos de creança, dois em marmore e um em bronze, e quatro esbocetos em gesso=*A victoria*=*A caridade*=*A inspiração*=e o=*Infante D. Henrique*=todos de extraordinario merito. A figura da *Caridade,* com a sua admiravel expressão de divina bondade, de piedosa ternura, era uma idealisação poetica.

Em 1897 apparecia Teixeira Lopes, de novo, no *Gremio Artistico* com uma bagagem soberba, além do grupo em gesso=*A Viuva*=e da grandiosa porta da Candelaria, tres bustos em marmore, uma=*Cabeça de velha*=em gesso, magnifica d'expressão, e um=*Bébé*=adoravel na sua attitude inconsciente de mal desperto á vida, e a que o marmore

transparente dava uma epiderme setinea de flôr.

Não é o menor encanto dos trabalhos de Teixeira Lopes a sua delicada execução, amacia-se-lhe ao contacto das mãos a pedra, com branduras de cera, transformando-se em carnações as mais mimosas, em finas roupagens envolventes. Mas se as suas obras encantam pela delicadeza do cinzel, impõem-se pela energia da concepção, e a assombrosa robustez do seu talento venceu o publico no concurso para o monumento do=*Infante D. Henrique*=, que foi para Teixeira Lopes mais uma gloria.

No concurso para o monmento a=*Affonso d'Albuquerque*=apresentou um projecto tão extraordinariamente grandioso e imponente que se tornou irrealisavel.

O monumento que deverá perpetuar a memoria de Soares dos Reis foi confiado ao seu grande discipulo, assim como tambem, creio, o que o Porto destina a Anthero do Quental. A nobre figura do

mysantropo divino, cujo olhar, vago e absorto, só podendo supportar a luz suave do amor e da justiça, por não ver a crueza das miserias e das paixões humanas se cerrou voluntariamente, deve encontrar na alma do esculptor poeta um interprete que saiba fazel-a comprehender á presente e ás futuras gerações.

No formoso *atelier* que de caprichosos recortes corôa o alto das Devezas, revelando o gosto architectural de José Teixeira Lopes, de quem é a construcção, o grande esculptor se encerra na meditação e no trabalho, descançando das fadigas por entre as flôres do quinteiro e a horta vicejante, vendo lá em baixo o Douro e a casaria da cidade, de que elle foge ao bulicio. Ali, cercado dos seus esbocetos, acariciando os seus marmores, na laboriosa gestação das futuras obras, elle vive essa vida concentrada do artista que ama apaixonadamente a sua arte e para si creou um mundo mais em harmonia com as aspirações da sua alma, povoado pelas creações do seu espirito,

que o acompanham em animador convivio, familiar e amoravel.

José Joaquim Teixeira Lopes, que, sem esquecer a esculptura, se occupa da ceramica, e cuja vida não tem sido isenta de amarguras, deve alı, na alegre Villa Nova, passar uma feliz velhice, tendo junto de si dois filhos, um dos quaes é uma gloria e o outro mais já que uma esperança.

Esta casa, em que todos são sacerdotes d'um mesmo culto, tem os seus ares de templo, e deve contribuir para a religiosidade com que o estatuario se consagra á sua obra. Cada creação é a celebração de um sacrificio em que elle amassando



com cada pedaço de barro um pedaço da sua alma, vai attrahindo a um mesmo tempo a admiração e o amor.

«Trabalho com verdadeira paixão, tendo em vista, sobretudo, poder satisfazer um dia a minha consciencia artistica.»

E como o asceta santo, que, n'uma ancia de suprema perfeição, procura elevar a alma ás celestes virtudes, elle procura elevar a sua arte até á belleza e grandeza sonhadas, ideal sempre intangivel para a aspiração, não contente nunca, do verdadeiro artista.

Outubro de 1897.



ADÃES BERMUDES

e o monumento dos Jeronymos

Da nossa grande epoca historica dois gloriosos monumentos nos ficaram, os *Luziadas* e os Jeronymos, um poema escripto e um poema esculpido.

A linguagem symbolica da architectura monumental echoava ainda fortemente quando ás praias do Restello arribavam as naus do Gama, carregadas dos thesouros da India.

Eram epocas de fé, as mãos erguiamse para Deus na prece e na acção de

graças, a ogiva erguia-se tambem e ficava perpetuando esse gesto.

A renascença, quebrando com o seu influxo pagão a força da aspiração mystica da edade media, modificava a architectura n'esse começo de seculo XVI e o mosteiro de Santa Maria de Belem, commemorando a aventura dos que, partindo a levar o Evangelho, voltavam trazendo a riqueza, devia assentar solidamente as suas bases, apesar do impulso com que a tradição gothica o fazia elevar para o céo.

Mas, verdadeiro monumento nacional, elle devia synthetisar mais particularmente o genio e as tradições do povo.

A arte arabe bafejou-lhe um sopro e os arrojados navegadores que o construiam, á vista do mais demandado porto que na Europa então se abria, enrolavam-lhe as cordagens e os cabos das suas embarcações.

Levantada a fabrica o artista popular tomou posse d'ella.

Como a sua phantasia borboleteia por

essas pedras que o architecto alinhara sábia e inspiradamente!

Os motivos de ornamentação abundavam alli á vista, o cinzel do lavrante escolhia, não faltavam plantas para enredar por laçarias e festões, molluscos e sementes para ornar a pregaria, e essas embarcações, grandes e pequenas, que no largo e azul Tejo se embalavam, não estavam offerecendo em seus apparelhos tantos modelos sympathicos aos que celebravam a volta dos navegadores feli zes?

Se era o voto do rei quem o fazia construir, era a alma do povo que o erguia.

Sob o portico o grande heroe da navegação, armado, parece apontar o caminho dos mares, o caminho da grandeza e da gloria, e os santos mais queridos, mais populares, abrigam-se sob os baldaquinos.

Uma arte nacional irrompe da alegria do esforço heroico corôado, e o estylo que tomou o nome do rei venturoso, vai,

por todo o paiz, espalhando a esphera armillar nas mil construcções que a riqueza subitamente adquirida levanta.

Para o interior d'esses edificios, que são joias de pedra, cinzelam-se as joias de ouro.

Gil Vicente vai rendilhando com amor a sua custodia; artistas cravejam de pedras preciosas cofres, lavram cruzes e baculos, que são prodigios, e a phantasia dos bordadores carrega frontaes com a exuberancia do Oriente.

A arte entoava a hosanna da gloria.

O grande monumento que celebra a magnificencia do nosso destino historico, deve ser-nos tão querido como queridos nos são os cantos da grande epopeia nacional de Camões.

Se estes espalhados pelo mundo, reproduzidos atravez dos seculos, pódem fazer-nos viver até quando já não existirmos, as estrophes de pedra de Santa Maria de Belem devem acalentar docemente o nosso intimo viver nacional, romanceiro sublime, coordenado n'um mo-

mento de enthusiasmo, reunindo na harmonia de um rythmo solemne canções d'amor, psalmos religiosos e hymnos de triumpho.

Se o *ceci tuera cela,* de Victor Hugo, representa um facto, e a architectura deixou, após a invenção da imprensa, de ser a suprema expressão do pensamento humano, não tem por isso menos o passado os seus annaes escriptos n'esses livros de pedra; e, quando elles são a Illiada de um povo, com que veneração e respeito devem ser soletrados! Teremos nós, porém, assim considerado o monumento de Santa Maria de Belem? Respeito tem-nos sempre merecido, e demos-lhe a ultima consagração, tornando-o abrigo sagrado dos restos dos nossos grandes homens, mas a funda ignorancia artistica que tantos annos tem pesado sobre os nossos dirigentes, acarretou, em demolições, reparos e construcções, sobre o venerando templo os mais extranhos desacatos.

Aquelle tragico desastre de 1878 foi a

intervenção da Providencia n'um crime de lesa-arte. O subtil espirito de pensador e de artista que se chamou Guilherme de Azevedo, apreciava com a sua fina ironia, n'uma chronica de então, essa catastrophe:

«A perspectiva da torre podia chamar-se uma *bonita* perspectiva. Sobre uma graciosa varanda de rendilhados floridos, que bem podia servir para varanda de Julietta, um frontão com o seu relogio de mostrador — eloquente protesto de cantaria contra a poesia inutil da renascença. Por baixo do relogio a estatua da Caridade, e por cima, remontando ás nuvens orgulhoso, contemplando com manifesto desdem o templo dos Jeronymos, humilhado a seus pés, um altivo miranete, a que faltava unicamente a consagração gloriosa do catavento.

Um dia a argamaça de uma simples pedrinha diluiu-se. A agua das chuvas foi-se infiltrando por todas as juntas. As faces do edificio sem ligações fortes que as tornassem solidarias entre si, pende-

ram cada uma para seu lado, divergiram, e a grande torre espapou-se como um monumento feito d'ovos e assucar n'uma confeitaria da baixa, ficando reduzida a um montão informe, de que a apotheose necessaria é a pá do carroceiro.»

Ultimamente pensou-se de novo no acabamento dos Jeronymos. Nos aureos tempos da architectura christã, monumentos houve que levaram seculos a construir, mas se os estylos mudavam, a idéia que levantava o monumento era immutavel, a crença viva, ingenua e firme; portanto, n'essas construcções hybridas, existia uma harmonia indestructivel, e, como diz Victor Hugo, elles eram mais o producto dos povos em trabalho, do que o trabalho dos homens de genio. Hoje succede exactamente o contrario, e o artista que se encarrega da reconstrucção e da continuação d'um antigo monumento deve reconhecer quão pesada é a tarefa que se impõe, e aquelles a quem compete o mandato superior n'esses tra-

balhos, convencerem-se de que só um artista, verdadeiramente dedicado á sua arte póde emprehendel-o.

Este pensamento moveu alguns dos nossos mais illustrados artistas a representarem ao governo, pedindo fosse posto a concurso o projecto da restauração dos Jeronymos. Realisou-se este concurso, e um dos concorrentes, o architecto Adães Bermudes, apresentou um projecto revelador de brilhantes faculdades, e de tão aturado estudo, que se evidenciou notavelmente.

Os que apenas conhecem de vista Adães Bermudes não pódem suppôr, ante o seu typo effeminado, que escrupulosos cuidados de *toilette* ainda mais accentuam, o activo trabalhador e energico luctador que elle é. Esse projecto da restauração dos Jeronymos, que, apezar de applaudido e premiado, tem encontrado a mais violenta opposição nos que tem a seu cargo a direcção superior d'esses assumptos, mostrou a sua grande aptidão artistica.—Em todo o verdadeiro

architecto ha dois homens, um artista e um constructor — diz Charles Blanc, e Adães Bermudes corresponde a esta definição exacta.

A arte foi seduzil-o em creança na pessoa d'um emigrado hespanhol, republicano, que se refugiou no Porto, em casa da familia Bermudes, fugindo ás consequencias do golpe de Sagunto. Este homem arruinára com a politica a sua fortuna, e, no exilio, na miseria, dedicava-se, por necessidade, á pintura, que na sua juventude opulenta cultivara por distracção.

O futuro architecto passava horas inteiras vendo os pinceis do artista correr sobre a tela, dourando de sol phantasticas cidades em que miranetes e cupulas recortavam o azul do céo, prateando de luar as muralhas negras de velhos castellos, avermelhando poentes que cahiam sobre lagos melancholicos, sobre musgosas penedias alcantiladas. No seu infantil enthusiasmo por esta arte, que, assim romanescamente lhe apparecia, de-

clarou á familia que queria ser pintor; mas, apezar d'esta declaração cathegorica, mandaram-n'o para o commercio.

Vieram pouco depois, independencias de orphandade, permittir-lhe que se matriculasse na *Academia Portuense de Bellas-Artes,* onde apezar da falta de recursos conseguiu cursar o desenho, a esculptura e a architectura, fixando-se afinal n'esta arte que o prendeu pela sua alliança com a sciencia, pelo seu mysterioso symbolismo, e por abranger em si todas as outras artes.

Em 1886 alguns admiradores do talento do joven architecto realisaram-lhe o desejo d'ir completar em Paris os seus estudos; mas como, pouco depois, se abrisse na *Real Academia de Bellas-Artes* um concurso para pensionistas do estado em paizes estrangeiros, na secção de architectura civil, veiu tomar parte n'esse concurso que teve de repetir duas vezes, de ambas ellas classificado n.º 1 pelo jury.

Logo á sua chegada a Paris os seus trabalhos eram recebidos no *Salon* o que

por si só constitue uma consagração de artista.

Em Paris cursou regularmente, além d'outras escolas, a *Escola Nacional de Bellas-Artes,* como alumno de Paulo Blondel, um dos mais illustres architectos de França.

Entre os seus professores de sciencia ou de arte contam-se muitas outras notabilidades, como os distinctos mathematicos Pillet e Brisse, Ivon, pintor reputadissimo, Taine, no Collegio de França e o seu successor Mantz, na *Escola de Bellas-Artes;* Boitte, o distincto archeologo que mediu e desenhou todos os templos da Grecia antiga; de Baudot, o discipulo dilecto do grande Viollet-le-Duc; Magne que está restaurando o Parthenon d'Athenas; Maspero, o illustre orientalista.

A convivencia com estes grandes espiritos inspirou-lhe um profundo respeito pela sua arte e uma nobre ambição de se distinguir por ella.

As extraordinarias manifestações artis-

ticas das notaveis epochas que precederam a nossa, impressionaram-n'o particularmente, e como aspirava de ha muito ligar o seu nome a algum dos nossos admiraveis monumentos, a Batalha ou os Jeronymos, fez um estudo profundo da architectura da edade média e da renascença, medindo e desenhando as esplendidas cathedraes de Chartres, Amiens, Toures, Orleans, Paris, Saint Denis, Caen, Rouen, e muitos outros monumentos hespanhoes e flamengos, estudando tambem todos os monumentos de Portugal.

Posto a concurso o projecto da restauração do monumento dos Jeronymos, apresentou-se n'esse concurso de modo que lhe foram concedidos um primeiro e um segundo premios, além das mais elogiosas referencias do jury e do publico que apreciou esses trabalhos.

Quando se realisou o concurso em que tão notavelmente se distinguiu, já Adães Bermudes era conhecido do publico e, nas exposições do *Gremio Artistico*, alguns trabalhos seus chamaram a atten-

ção dos que sabiam apreciar os estudos architectonicos.

Em 1891 expunha o=*Projecto d'um museu*=planta, corte e alçado. Em 1895 =*Projecto d'um museu para a cidade d'Evora*=conjuncto e detalhes. Um=*Projecto de cathedral*=,=*Projecto de decoração d'um vestibulo*=,=*Estudo sobre architectura grega*=e o=*Projecto para o monumento do Infante D. Henrique*=.

Em 1896 publicou Adães Bermudes um interessante=*Projecto para a organisação d'uma Sociedade promotora de habitações economicas destinadas ás classes laboriosas e menos abastadas*=em que empregou muito estudo e uma grande actividade.

É, porém, sob a feição puramente artistica que nos interessa encaral-o, e a sua paixão pela architectura antiga, o amor com que soube analysar no mais expressivo do seu caracter o nosso augusto monumento, mostram n'elle um artista d'alma.

É possivel que o seu brilhante proje- não seja perfeitamente exequivel, e tambem é possivel que o mau fado perseguidor do grande edificio manuelino, continue a fazel-o victima d'incurias, mas, se a Adães Bermudes fôr dado o realisar a nobre aspiração de deixar o seu nome vinculado ao venerando monumento nacional, oxalá que o futuro possa abençoar esse nome. O genio da arte guie a mão do artista que houver de tocar o sagrado monumento da nossa gloria, para que ella o não profane, mas possa engrandecel-o ainda.



Janeiro de 1897



CELSO HERMINIO

Celso Herminio, quasi uma creança ainda, mercê d'um talento grande, desequilibrado, crivado de geniaes lampejos, e de somnolencias estranhas, tem-se em poucos annos elevado bem acima do nivel em que rastejam os banaes e os nullos.

Os desenhos e caricaturas que tem espalhado por livros e jornaes, mesmo os mais descuidadamente feitos, conseguem prender por um singular subjectivismo, e penetrar fundo nos espiritos pelas agu-

das arestas da sua critica pungente e mordaz. Todavia, custa a crer, ante a timidez delicada de maneiras, mal dissimulada por uns ares petulantes de bohemio, d'esse rapaz attencioso, docil, quasi meigo, que elle seja o audacioso revoltado do *Microbio* e do *Berro*, o illustrador da *Patria*, o auctor de *Soror Amelia*.

Para o podermos comprehender, é preciso estudal-o atravez de toda a sua obra, em que o philosopho domina o trocista. O lapis de Celso ao apontar o ridiculo, n'um movimento convulsivo, transmittido por algum impulso de coração, desvenda sempre uma face da miseria inconsciente, tragica, ou ignobil, que esse ridiculo encerra.

Podemos encontrar n'elle a violencia da *charge* politica, mas não a alegre, faiscante, e aggressiva ironia de Raphael Bordallo Pinheiro. Sobresaltam-n'o visões que inquietaram Goya, e nos seus typos ha lados que ajustam nos de Gavarni. Em caricaturas suas, d'um tragi-

comico pungente, estranhas deformidades d'alma e corpo, que magoam e repugnam, abafando a meio a gargalhada que despertam, se escapam das figuras que elle enreda em funambulescas apotheoses, onde estralejam foguetes de chimeras estorcendo-se em esgares.

Rapaz, com o cerebro povoado d'illusões, a alma talvez ingenua ainda, alcança, pela intuição, humanas profundezas onde só se chega aos empurrões da dôr e dos desenganos.

Embora irregular e disseminada, a obra de Celso mostra um vivo e pujante temperamento d'artista, que opressões de meio nunca atrophiaram, e n'uma carreira veloz se tem evidenciado, mais e mais, sempre, desde o ephemero supplemento do *Universal,* saltando pelas paginas do *Antonio Maria,* do *Seculo,* do *Popular,* da *Marselheza,* do *Branco e Negro,* do *Dia,* do *Correio da Manhã,* da *Geração Nova,* do Porto, da *Arte,* de Coimbra, e d'outros jornaes, firmando-se no *Microbio* e no *Berro,* pa-

rando a illustrar varios livros, como a =*Ceara alheia*= e a humoristica =*Lisboa em camisa*= de Gervasio Lobato, passando por cartazes, capas de livros e titulos de jornaes, deixando aqui e ali fulgurações de talento, chispas de genio, e em tudo a evidencia de que no momento em que se concentrar com um esforço de vontade hade subir muito mais.

Nasceu em Lisboa a 2 de março de 1872, e é filho do tenente coronel Gaudencio Carneiro.

Onde começou essa carreira que parece conduzil-o a um brilhante futuro? Pela bohemia artistica, nas mezas dos cafés, pelas redacções dos jornaes, onde começou a dar sahida aos borbotões de idéias que lhe irrompiam da imaginação vivaz por meio da penna, antes de encontrar a vasante mais adquada ás suas faculdades—o lapis. As suas primeiras caricaturas apresentavam já originalidade que revelava alguma cousa mais que uma simples vocação. E apezar da pouca paciencia que elle tinha para disciplinar

pelo estudo as phantasias rebeldes do seu temperamento, em pouco tempo excedia todos os que depois de Raphael Bordallo appareceram manejando a caricatura. Todavia a caricatura politica, que glorificou o nome de Bordallo, não é o forte de Celso, póde mesmo dizer-se que é a sua parte fraca. A sua vocação chamava-o para outro lado. Na analyse dos typos e costumes da nossa sociedade decadente é que elle attinge por vezes intensidades d'expressão que só póde alcançar um grande artista.

É vêr essas paginas de carnaval que atirou para o *Berro,* para o *Microbio* e para o *Antonio Maria,* e por entre a obra esparsa d'elle respigar as figuras, palpitantes de vida psychica, que soprou n'um alento creador para o papel.

Algumas das suas illustrações são admiraveis, como a extraordinaria capa para a segunda edição do=*Nada*=de Julio Dantas.

Tem retratos *charges* deveras espirituosos e entre os que apresentou na ex-

posição do *Gremio Artistico,* de 1894, salientavam-se os de Gouveia Pinto e do pintor Ramalho.

Á exposição Guedes, inaugurada em agosto de 1897, no Porto, mandou essa typica=*Mulher do Bairro Alto*=que é uma das obras primas do seu lapis.

Um jornal do Porto, dizia sobre a exposição de Celso:

«Envia para aqui uma serie de caricaturas, algumas maravilhosas, vinhetas, typos que fazem rir, sob o seu lapis sarcastico, mas aquelle riso afinal doloroso que arranca o que é infame e desgraçado. Eis o valor social do caricaturista, a sua força, que póde nascer da sua justiça. Não é necessario que faça rir — é talvez necessario que faça chorar. E Celso Herminio, dadas as differentes arestas do seu temperamento artistico, por vezes intensissimo, tem, querendo aproveital-o, um logar que nenhum outro novo lhe usurpa.

«Mas, entre esses trabalhos á penna, manda-nos uns tres «pasteis», que são

magnificos. Um d'elles, «Mulher do Bairro Alto», deve ficar figurando entre os primeiros trabalhos de Celso. Essa mulher é tragica. Faz pavor e nojo — no corpo lascivo e livido, na alma espapaçada em lamaçaes dolorosos. Se d'essa miseria e d'essa desgraça, nós arrancarmos a flôr virginea e poetica — que nasce da piedade e talvez da justiça —; se nós, deixando de vêr o quadro na sua representação natural, tivermos alma para subir, e intuição para comprehendermos o soffrimento de uma alma que é necessario dar a esse corpo — o «pastel» é admiravel e mais triste na sua dôr, que o enterro irremediavel e bem dramatico de Ophelia.»

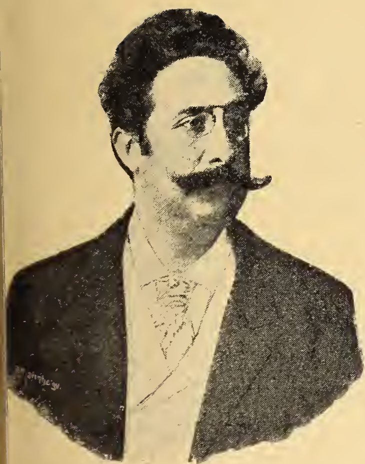
Este artista novo, promettedor ainda, já tão querido, abala-nos de repente em busca da fortuna, que não floresce para os que trabalham em nossa terra, e, a estas horas, segue, mar fóra, até ao Rio de Janeiro, onde as paginas do *Jornal do Brazil* lhe offerecem um largo espaço para a sua phantasia talentosa d'artista

e a remuneração indispensavel para o trabalhador.

É possivel que o acolhimento carinhoso feito ao seu talento pelos nossos irmãos d'além-mar lhe prenda lá o coração, mas nós desejariamos bem, todos, que a nostalgia da patria o fizesse um dia voltar, farto d'ouro e d'applausos, a procurar os antigos companheiros da cavaqueira ás mesas do *Suisso* e da *União* e dos noctivagos passeios pela adormecida cidade, para recordar com elles as horas passadas no grato convivio, que vinha sempre alegrar com algum dos seus bons sorrisos a arte.

Outubro de 1897.





JOÃO VAZ

N'esse grupo de rapazes, companheiros de Silva Porto, que, ha desaseis annos, cavaqueando alegremente ás mesas do café *Leão d'Ouro* fundaram uma arte, distinguia-se a galharda figura d'um moço setubalense, cheio de vida e d'enthusiasmo.

Nas exposições por elles organisadas, primeiro nas salas da *Sociedade de Geographia,* em 1881, e depois nas do *Commercio de Portugal,* d'onde rompeu a

aurora do nosso movimento artistico moderno, entre varias telas promettedoras, que o nome de Vaz assignava, appareceram umas deliciosas marinhas como a =*Benção da rede*=os=*Barcos no Sado*=e a=*Pesca das lulas*=, todas ellas colhidas nas aguas mansas do Sado, as companheiras da infancia do artista, socias das suas pueris travessuras, confidentes dos primeiros sonhos juvenis, e a quem, talvez, elle ainda hoje vá contar as maguas que os mais rijos corações d'homem occultam sempre, á vista dos indifferentes, na sobranceira mascara que a esgrima da vida obriga a afivellar.

Já então Vaz pintava paysagens com um verdadeiro sentimento de côr,=*Caminho do Pinhal*=, por exemplo, pedaços d'um intenso *rendu* como=*Callejon del Vicario*=(Toledo), e, cheio d'emoção artistica, parava ante=*A porta da egreja*=(Setubal), o=*Castello d'Obidos*=o=*Convento de Santa Clara de Santarem*=a=*Torre das Cabaças*=, mas na sua obra então, como agora, nada

egualava essas seductora marinhas que o seu pincel larga na tela, molhado na tinta azul das aguas. Aspectos encantadores, tão gratos para os nossos olhos, do Tejo e do Sado, *silhouettes* caracteristicas, bem queridas, dos barquinhos de pesca das nossas costas, costumes sympathicos dos homens do mar, tudo isto a desenrolar-se debaixo d'um céo luminoso, que poucas nuvens toldam, ao correr d'aragens brandas, mal encrespando a superficie ondulante.

Mas este nome de João Vaz que de lembranças saudosas me desperta! Vejo surgir a um por um todos aquelles alegres companheiros, radiantes de mocidade, de quem o Columbano perpetuou a cavaqueira pincelando-os na parede do café, onde elles deixaram estampada a feição caracteristica do seu talento, e onde o Raphael os atirou, apanhados em flagrante, para um quadrado d'azulejos, d'onde nos fitam ainda, saudosos tambem, saudosos...

Foi um bom tempo aquelle, palpitan-

te de esperanças, rubro d'enthusiasmo! Apoz o successo da primeira exposição, que fez saltar para o cerebro burguez uma faiscasinha d'arte, que febre os animava a todos! Com elles se enthusiasmava aquelle bom Alberto d'Oliveira, chegando ao excesso de publicar um perfumado jornalsinho d'arte, a *Chronica Illustrada,* onde o lapis dos do *Grupo* collaborava assiduo, e onde travei conhecimento com as deslumbrantes facetas do espirito de Fialho d'Almeida atravez d'uma chronica d'aquella primeira exposição d'arte ornamental, que transportou Lisboa ante uma visão de maravilhas.

Quando entro no café e contemplo a serena paysagem de Silva Porto e vejo, entre os dos companheiros, o rosto melancholico do *mestre,* que saudades!

Que saudades leiu tambem nos olhos do Manuel, vendo as mesas dos artistas desertas ou povoadas d'intrusos, quando, apertado no seu avental branco, me vae apresentando o *menu* e caturrando de pintura — de que elle entende mais que

todos os conegos da Sé e todos os *flaneurs* da Avenida.

Vaz tambem lá deixou nas paredes do *Leão d'Ouro* uma das suas marinhas.

É artista desde creança, pois creança ainda era quando, em 1872, entrou para a então *Academia de Bellas Artes* de Lisboa a estudar com Annunciação, o notavel animalista, que, por intuição do seu grande talento, soube ser sincero na arte. Depois d'Annunciação teve por mestre Silva Porto, e concluido, em 1878, o curso, fez a sua viagem d'estudo por Madrid e Paris, demorando-se aqui algum tempo a estudar na companhia de Ramalho.

Em Lisboa, nas oito successivas exposições do *Grupo do Leão,* os quadros e estudos de Vaz foram provando a sua aptidão artistica, e o seu amor pela arte. São d'esse tempo, além dos que já citei, as =*Margens do Sado*=, =*Convento d'Arrabida*=, =*Á beira-mar*=, =*Barracas de Pescadores*=, =*Convento de Christo*=, =*Uma manhã no Sado*=,

=*A torre d'Ajuda*=, =*Margens do Tejo*=, =*Papôa*=(Peniche).

Em 1884 foi Vaz nomeado professor da *Escola Industrial Affonso Domingues*, em Xabregas, de que em 1889 assumiu a direcção.

D'então o Tejo passou a alternar com o Sado nas *reveries* do pintor.

No *Gremio Artistico* as marinhas de Vaz tem reclamado sempre os olhares pelo attractivo do harmonioso colorido, da frescura inconfundivel das aguas; numerosas em todas as exposições, provam que as tarefas officiaes não prejudicam o artista e que as suas melhores horas são as que elle consagra ao cultívo da arte.

Em 1891 a=*Calmaria*=(Outão),=*Na praia*=, =*Um canto d'Evora*=. Em 1892=*Desembarque de peixe*—(Setubal), =*Povoa de Varzim*=, =*Matriz de Villa do Conde*=, =*Portuzello*=(Vianna do Castello), =*A praia*=(Setubal). Em 1893=*Baixa-mar*=, =*Pôr do sol*=, =*Vespera de temporal*=, =

Patacho á carga=, =*A Torre das Freiras*=, =*Em terra*=. Em 1894 =*As gaivotas*=, =*Barcos da minha terra*=*O concerto da rede*=, =outro =*Pôr do sol*=, =*Tranquillidade*=. Em 1895=*Fins da tarde*=, =*Esperando a maré*=, =*O carreiro de Joanna*=(Peniche)=, =*A ribeira de Peniche*=. Em 1896=*Tarde d'outomno*=, =*Bahia de Lagos*=, =*Rochedos a beiramar*=(Lagos). Em 1897=*No Tejo*=, *Chegada de barcos*=(Nazareth), =*Effeitos de nebrina*=, =*Cahir da tarde*= (Xabregas).

Esta longa resenha é uma parte apenas dos trabalhos expostos por Vaz no *Gremio Artistico,* e em demasia prova que a pintura occupa o melhor do seu tempo. As suas marinhas, grandes quadros, ou pequenas notas colhidas rapidamente nas excursões annuaes das ferias, agradam em extremo ao publico pela expressão levemente sentimental. Entre os seus quadros ha muitos encantadores, e d'um grande merecimento artistico, póde

censurar-se n'outros uma ligeira banalidade, mas banalidade gentil que seduz, como certos versos em que a melodia do rythmo faz esquecer o pouco vigor das idéias.

Vaz tem-se occupado tambem de importantes trabalhos decorativos. Foram Vaz e Ramalho que decoraram o magnifico theatro Garcia de Rezende, de Evora. Para Alcacer do Sal pintou Vaz um magnifico panno de bocca, cujo assumpto é uma formosa marinha.

O elegante theatro que a cidade de Setubal inaugurou no dia 1 d'agosto de 1897, construido sob a direcção do architecto Bigaglia, deve ao pincel de Vaz toda a sua bella decoração. O panno de bocca, offerecido pelo pintor á sua terra natal, é primoroso e do mais bello effeito a decoração do café, toda em assumptos maritimos.

Setubal, que se orgulha de ter sido a patria de Bocage e de Mousinho de Quevedo, hade tambem guardar ciosa o nome d'este pintor seu filho, que, em

deliciosas estrophes d'azul transparente, tem cantado a sempiterna belleza da sua bahia incomparavel.

Setembro de 1897.





LEANDRO BRAGA

Esta figura saliente d'homem e de artista, que a morte arrebatou em plena florescencia ainda, devia ter passado entre os contemporaneos erguida sobre um pedestal. Se tivesse nascido alguns seculos antes, n'uma epoca em que a galhardia do talento e a galhardia do caracter, não encontrando a deprimil-as burocraticas peias, podessem expandir-se livremente, como tal figura se accentuaria em magnificos relevos.

Não é para artistas d'alma grande o nosso seculo de machinas e d'industrias a vapor, e ainda menos este nosso paiz, onde um homem como Leandro Braga viveu obscuro e morreu pobre. Devia ter nascido na côrte dos Medicis ou na de Luiz XIV.

Até onde chegaria este aprendiz do mestre Ignacio da rua da Rosa, com passagem pelo *atelier* de Calmels, se tivesse sahido d'um *studio* florentino da Renascença, ou transitado pela fabrica polyartistica dos Gobelins?

Quando a exposição aberta no palacio Foz reuniu n'um recinto esse conjuncto d'obras d'uma concepção tão larga e d'uma execução tão perfeita, dispondo-as pelas salas, onde a phantasia e o saber do artista se combinaram em explendidas decorações, havia quem ficasse surpreso pela maravilha de ser um artista portuguez quem fizera tudo aquillo. Se não era muito conhecido o nome de Leandro Braga, menos conhecido era ainda o grande valor d'esse nome. Foi a morte

quem prestou o serviço d'essa revelação.

Todos aquelles moveis de diversos estylos, na riqueza equilibrada e harmonica da renascença, na opulencia apparatosa da grande epocha de Versailles, na graciosa delicadeza do gosto de Maria Antonietta, e entre elles, sorrindo *coquette* nas douraduras, algum representante da *rocaille, vitrine* ou *ecran,* a lembrar os luxuosos desvairamentos de Luiz XV, faziam pasmar na admiração os burguezes de Lisboa, que a curiosidade levara ali. A magnifica decoração da principesca sala de baile do palacio, onde, n'um *pele mele* d'exposição, se encontrava a maior parte d'esses moveis, completava o assombro.

Quem fôra Leandro Braga? Um homem que fazia moveis — um marceneiro —, então; tinha officina, onde se trabalhava, e a idéa d'um alinhador de gavetas de commodas, que sabia esculpir bonitas fructas nos angulos dos aparadores e nos tectos das casas de jantar era,

de certo, a que d'elle faziam. Mas aquelles moveis ali reunidos, a que ponto modificavam essa idéa! Como a figura desalinhada de Leandro Braga parecia levantar-se, rindo do assombro, a dizer-lhes:—Tudo isto que os admira é pouco para o que eu teria feito, se não fòra vosso contemporaneo e patricio, se, em vez de copiar esses modelos d'epochas passadas, podesse dar largas á minha phantasia creadora, que me rasgava visões de novas fórmas, de caprichosos devaneios d'arte. Eu era um artista que consegui, no isolamento rustico em que vós deixaes a arte, tornar-me grande; maior sería se, planta exotica, delicada, não me afogassem os cardos e urzes da vossa civilisação maninha.

Leando Braga com a sua galhardia fidalga d'animo, o desprendimento com que encarava a vida, a maneira como entendia a arte, fazia lembrar um d'esses artistas da Renascença, contemporaneos de Cellini, de quem o pae era architecto, musico, fabricante d'orgãos, es-

culpia marfim, construia machinas, sabendo um pouco de latim e fazendo versos. N'esse tempo em que a industria e a arte estavam intimamente ligadas, em que o Pontorno e o Rosso deviam pintar *cassoni* como Dello os pintara um seculo antes, e em que os bahus e credencias, que ainda nos estonteiam pela belleza da fórma e do lavrado, eram esculpidos por Fra Giovanni de Verona, por Brussolon de Veneza, pelo Baccio Bandinelli, pelos Donatello, os Cannozzi, os Moranzone, que, no radiante fulgor do seculo XVI, deviam continuar e exceder os primores de Giuliano da Maiano e de Benedetto, contemporaneos de Dello.

Era um gemeo d'elles Leandro Braga. Como os artistas italianos tem o nome da sua terra natal, Braga, a cidade dos arcebispos, a Sé primacial das Hespanhas. Ali nasceu em 1839 e occupando-se seu pae, André de Sousa Braga, no trabalho de armar egrejas, começou para elle o sonhar d'artista nos velhos templos em que a arte e a riqueza dos

nossos seculos passados deixaram impresso o seu cunho grandioso, e onde a architectura, a esculptura e a pintura, reunidas, iam illuminando a sua intelligencia infantil com vivas luzes, que os annos não deviam apagar. Chamava-o já a esculptura, e emquanto o pae dispunha cortinados e pregava sanefas, dispensando o seu auxilio, elle modelava, em pedaços de barro, a copia das cabeças esculpidas que mais impressionavam a sua imaginação de nascente artista. Foi um dia surprehendido n'este trabalho pelo capellão da Misericordia, Fr. Luiz de Braga, que aconselhou o pae a mandál-o para Lisboa aprender alguma arte em que se lhe aproveitasse a vocação.

Veiu, em 1853, para a officina d'entalhador do mestre Ignacio Caetano, então no Loreto, e depois na rua da Rosa, onde passou os tres annos d'aprendizagem, ficando official do mestre Ignacio; trabalhava ainda sob a sua tutella quando executou a decoração da tribuna do theatro de S. Carlos.

Em 1862 passou para o *atelier* do esculptor Antonio Calmels, que então trabalhava na execução do Arco triumphal da Praça do Commercio, onde Leandro Braga collaborou. Quando se construiu a grande sala da Camara dos pares, foi Calmels encarregado do modelo para o docel do throno, sendo a execução, em madeira, confiada a Leandro Braga, que a desempenhou superiormente. Depois executou por modelo proprio a cadeira presidencial, em que manifestou a sua forte individualidade.

Abriu então, em 1865, um *atelier* na Calçada do Combro, occupando-se, entre outras obras, de primorosas esculpturas em madeira; aqui o foi visitar El-rei D. Fernando, um dos grandes impulsionadores do nosso movimento artistico, encommendando-lhe trabalhos que auxiliaram a sua reputação. D'este *atelier* sahiram as primorosas decorações e a mobilia, seculo XVI, da casa de jantar do Conde de Cabral, e tantas outras que perpetuarão o nome de Leandro Braga.

Em 1875 encarregava-se na decoração do *chalet* da duqueza de Palmella em Cascaes. A rainha D. Maria Pia confiou-lhe a do seu *atelier*, do seu *boudoir*, e da casa de jantar do palacio d'Ajuda, onde Leandro Braga deixou trabalhos notabilissimos. Por occasião do casamento de El-rei D. Carlos, decorou algumas salas do palacio de Belem e executou o leito nupcial, estylo Luiz XV, dos reaes noivos.

No palacio do marquez da Foz a escada e gabinete Renascença, a grande sala de baile e a graciosa sala Luiz XVI, são primores que Lisboa poude admirar na exposição posthma das obras do artista.

No *chalet* Biester, em Cintra, o salão, a casa de jantar, um gabinete e a capella são obra de Leandro Braga. A decoração do palacete Baerlein, de que na exposição estiveram preciosas peças de mobiliario, é tambem sua. A morte surprehendeu-o trabalhando, para a duqueza de Palmella, em decorações importantes,

a que se dedicava com extraordinario interesse.

Durante quarenta annos de trabalho Leandro Braga realisou primores, deixando no livro da arte portugueza uma formosa pagina; os moveis marcados com o seu nome entrarão no inventario da nossa riqueza artistica como preciosidades.

Entre elles ha alguns extraordinariamente bellos, como a preciosa mobilia d'escriptorio, estylo Renascença, do Dr. Carvalho Monteiro, a mesa, estylo greco-romano, da rainha D. Amelia, a explendida *vitrine* pertencente ao marquez da Foz.

Este illustre titular, que na epoca da sua grande opulencia tão fidalgamente auxiliou os artistas portuguezes, foi um verdadeiro amigo de Leandro Braga. O artista adorava-o, e acompanhando-o em viagens pela França e Inglaterra, visitando palacios e museus, aperfeiçoando os seus conhecimentos d'arte, ia delineando o plano de decoração do palacio

da Avenida, que desejou e conseguiu fosse confiado a artistas portuguezes. O antigo palacio Castello Melhor foi explendidamente remodelado e decorado sob a direcção do architecto Gaspar e do decorador Leandro Braga. Os tectos e sobportas são pintadas por Columbano, Malhôa, Villaça e outros artistas; operarios distinctos, entre os melhores portuguezes, como Raymundo Meira e José Onofre ali deixaram trabalhos que os honram, e a habitação do marquez da Foz ficará sendo um documento importante da arte portugueza na epoca actual.

São muitos os trabalhos de Leandro Braga em mobilias, decorações de theatros e habitações particulares, esculpturas para egrejas, projectos de monumentos, sendo bastante notavel o seu projecto do monumento a Affonso d'Albuquerque. No centenario de Camões decorou o carro das Sciencias e o das Artes no do Marquez de Pombal. Possuia grande erudição artistica, fallava varias linguas, e era um espirituoso conversador, jovial.

Um grupo d'artistas e admiradores de Leandro Braga resolveu prestar-lhe á memoria a homenagem publica abrindo uma exposição das suas obras, para a qual o marquez da Foz offereceu bizarramente o palacio onde o artista deixara tanto do seu talento. Não se pouparam esforços para que a exposição fosse o mais brilhante possivel e elucidasse o publico sobre o valor d'esse vulto que a arte nacional perdeu.

«O que principalmente caracterisa os trabalhos de Leandro Braga, como marceneiro e como entalhador, é a justa correlação da mão d'obra e do material de execução.

A bitola adoptada para levantar os relevos, para recuar os fundos, para avivar ou amortecer as arestas, para nutrir ou adelgaçar os roleios e os recamos, differe fundamentalmente nas obras de pedra, de metal, de marfim ou de madeira, e ainda de pedra para pedra, de metal para metal e de madeira para madeira.

A comprehensão d'essa justa medida entre a plasticidade do material, a intenção do espirito e a energia da mão, determinando o estylo da modelação, e detendo o corte na phase precisa que mais convem á transfiguração da materia sobre que se opera, é a dominante faculdade de que principalmente procede esse aspecto de cariciosa estabilidade, de definitiva harmonia, que tanto caracterisa os grandes artistas sumptuarios da Renascença.»

Como homem Leandro Braga interessa tanto como artista. Alma generosa e grande, nada percebia das mesquinharias da vida. Chamavam-lhe bohemio, extranhando-lh'o, como se um homem da sua tempera podesse ter a feição conselheiral d'um chefe de secretaría, methodico e pautado qual modelo d'officios.

Sempre despreoccupado e alegre, a lhaneza do seu trato attrahia-lhe todas as sympathias. Parece que o estou vendo á habitual mesa da Trindade, n'um cir-

culo d'amigos e admiradores, cavaqueando d'arte, obsequiando todos, a bolsa e o coração abertos como o sorriso. Tinha amigos que o estimavam profundamente, e elle dedicava um verdadeiro culto á amizade. Soares dos Reis, o estatuario, em algumas das muitas horas angustiosas da sua vida, foi no grande coração de Leandro Braga que encontrou consolo. N'um medalhão em gesso datado de 1888 modelou elle as feições de Leandro Braga, deixando assim o seu nome ligado ao do bom amigo.

Não morreu velho, se já tinha os cabellos prateados, fulgurava-lhe no olhar muita vida, podia ainda accrescentar á sua obra muitos capitulos soberbos. Deixou discipulos que poderão completarlhe os trabalhos delineados e começados, mas a sua individualidade é insubstituivel.

A caracteristica feição que as artes sumptuarias da nossa epoca tomaram de reconstruir e imitar o passado, dá pouca margem para novas e originaes creações,

e os maiores artistas consagram á archeologia as melhores horas d'estudo, roubando-as até á inspiração. A vertiginosa corrente do nosso seculo, arrastando tudo n'um turbilhão, nada conservando estavel, mal deixaria esboçar modelos novos em que a arte podesse reflorir, mesmo nos mais brilhantes centros da civilisação.

Não podia Leandro Braga deixar de ser um artista do seu tempo e como tal conhecedor dos differentes estylos, de que discernia as mais delicadas *nuances*. Nunca produziu obra bastarda; a sua phantasia de decorador bordava sempre o motivo adquado á fórma determinada.

Entre nós era unico, em qualquer paiz seria grande e tanto maior quanto mais largo o ambiente em que respirasse.

Teve admiradores verdadeiros como o marquez da Foz, a duqueza de Palmella, alma d'artista sincera, e alguns obscuros amadores d'arte, que, se fossem millionarios o cobririam d'ouro; apezar porém de labutar perto de meio se-

culo, honrando o seu paiz e o seu nome, por ter vivido n'um meio em demasia mesquinho para a generosidade da sua alma, o grande artista morreu pobre.

Junho de 1897.





LUCIANO FREIRE

É uma agradavel tarefa a de biographar artistas. São tão sympathicos estes mineiros do ideal, escavando os occultos filões do objectivo na ancia de arrancarem alguma d'essas gemmas finas, que devem enriquecer o templo augusto da arte!

Uns são graves como sacerdotes, outros, filhos da verde bohemia, alegres, *tapageurs*, celebram com risos o triumpho e com gargalhadas castigam as in-

justiças da sorte. Ha tambem os trabalhadores devotados, que passam a vida obscuramente no cumprimento do dever que a si mesmo impozeram.

Não são para estes os applausos ruidosos, a multidão não os conhece, mas, como possuem a justa consciencia do seu valor, seguem, modestos, mas altivos e energicos. Eu quero-lhes a todos e respeito-os, sinto-me rejuvenecer entre a mocidade perenne dos que folgam e riem, e bato as palmas n'um fremito de enthusiasmo quando vejo os esforços dos que luctam sem ruido corôados pelo exito.

Luciano Freire trabalhando corajosamente, tem conseguido alcançar uma subida consideração. É um espirito recto e um caracter austero, que sob uma severa apparencia, esconde intimas delicadezas e susceptibilidades quasi infantis. A rijeza da sua opinião torna-o para alguns intratavel, porque, não só não condescende, mas irrita-o a contrariedade. Não possuindo essa maleabilidade que

permitte a muitos tornear os obstaculos que não pódem destruir, bastantes vezes tem sido obrigado a deter-se na sua carreira.

Não tem a attractiva exterioridade que impõe o seu dominio á primeira vista, mas, quem o conhece bem e o trata, estima-o profundamente. Possue talento e vontade e procura distinguir-se pela cultura do espirito, alargando a sua illustração, que é já consideravel.

É natural de Lisboa e tem pouco mais de trinta annos, pois nasceu em 1864. Começou em 1878 a cursar a escola de Bellas-Artes, onde foi discipulo de Chaves, e ainda de Lupi e de Silva Porto. Na exposição que por occasião do centenario do Marquez de Pombal os estudantes abriram na Escola Polytechnica, apresentou Freire, assim como Salgado e Reis, as suas primeiras provas publicas. Concurso de rapazes, anciosos por mostrarem os seus esforços, e em que Freire, então alumno do quarto anno de desenho, obteve uma menção honrosa.

Na exposição da *Sociedade Promotora de Bellas-Artes,* de 1884, ainda Freire apparecia com trabalhos de estudante, e é na ultima exposição d'essa sociedade, em 1887, que elle, já completo o seu curso de pintura historica, apresenta os seus primeiros trabalhos de artista=*D. Sebastião*=e=*Agar e Ismael*=, velho thema academico que a todo o passo vemos surgir nas exposições. N'esta estreia conferiu-lhe o jury uma 3.ª medalha.

Concorreu ao pensionato em Paris, na pintura historica, com Salgado, que obteve a preferencia, e depois com Reis, no de paysagem, que teve quasi vencido.

Quando em 1889 a camara municipal de Lisboa abriu o 2.º concurso para quadros de historia patria sendo o thema=*Martin de Freitas ante o tumulo de D. Sancho II*=obteve Freire n'esse concurso um segundo premio.

Na exposição industrial realisada na Avenida da Liberdade em 1888 apresentou o seu=*D. Sebastião*=que foi então adquirido pela camara e a=*Octoge-*

naria=que lhe obteve uma medalha de cobre.

Inauguradas em 1891 as exposições do *Gremio Artistico*, tem Freire concorrido a todas, apresentando em algumas trabalhos que chamavam a attenção para o artista consciencioso que as firmava.=*Na arribana*=apresentado na primeira exposição, poderam logo apreciar-se as suas qualidades de animalista, baseadas na solidez do estudo. A=*Ribeira de Algés*=tambem era uma bella estreia de paysagista. Na segunda exposição distinguiu-se o seu grande painel decorativo =*Ilha dos Amores*=interpretação do delicioso episodio dos *Luziadas,* composição de muito merito, que collocava o auctor em evidencia =*A ração*=confirmava-lhe meritos de animalista e os =*Effeitos de chuva*=não lhe desmereciam creditos na paysagem. Obteve n'esta exposição a 3.ª medalha. Na exposição de 1893=*A venda do leite*= era um quadro muito interessante de observação e d'um perfeito *rendu* e o=

Effeito de manhã=paysagem fria como as neves d'uma madrugada de inverno, interessante e expressiva, prendia a attenção dos que a observavam.

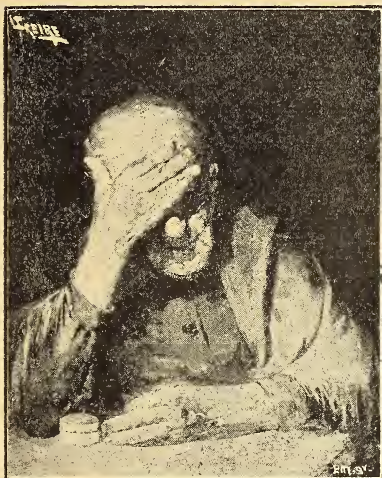
No anno seguinte uns=*Fins de dezembro*=testemunhavam a sua predilecção pelos aspectos brumosos, e um grande quadro=*Os catraeiros*=impunha-se, apezar de certos defeitos, como um trabalho talentosamente executado. O *Gremio Artistico* conferiu-lhe a 2.ª medalha.

Na ultima exposição apresentou o=*Retrato de Silva Porto*=, uma boa paysagem=*Inverno*=e a=*Bucolica*=bello estudo de poente, onde a luz se vae perdendo no horisonte, contrastando com a escuridão cerrada dos primeiros planos.

É um minucioso observador e d'ahi a justa expressão dos seus quadros que traduzem, com escrupulosa verdade, rectamente, o assumpto.

Em 1895 foi eleito membro da Academia de Bellas-Artes e actualmente é professor interino da segunda cadeira da escola, substituindo no logar a Simões

d'Almeida, que passou a reger a aula de esculptura. As naturaes qualidades o tornam um bom e zeloso professor.

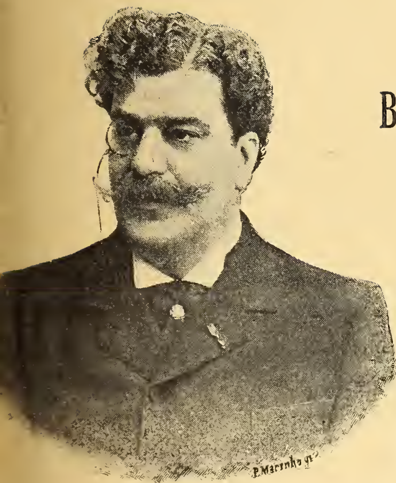


A sua intransigente austeridade temlhe acarretado um certo numero de semsaborias, inevitaveis nos meios em que uma natural e violenta emulação move os confrades, e a excessiva susceptibilidade do seu espirito torna-lhe essas contrariedades mais dolorosas.

Não lhe ferem, porém, esses atrictos o credito de artista consciencioso e honesto. Estuda e trabalha, é a sua força, e com ella irá resistindo e vencendo. Umas viagens de estudo a Paris e a Madrid alargaram-lhe o campo da sua visão esthetica. Concorreu, com o grupo escolhido dos nossos pintores, á ultima exposição de Berlim.

Já bastante considerado, reserva-lhe ainda o futuro eompensações e applausos que sempre encontram os que proseguem rectamente, não desanimando nunca.

Janeiro de 1897.



BORDALLO PINHEIRO

Conseguiu passar a fronteira com fóros de celebridade indiscutivel e não ephemera, porque os volumes que se publicaram de 1879 a 1884 com o nome de *O Antonio Maria* são immorredouros, e talvez a obra d'arte mais culminante, mais vivida, realisada em Portugal no nosso tempo. O valor d'essa obra extraordinaria, começada no *Antonio Maria* e continuada nos *Pontos nos ii,* ainda não está devidamente julgada. Quando ne-

nhum de nós, seus contemporaneos, existirmos já, quando as paixões e as idéas, que nos tem movido, tiverem passado para dar logar a idéas e paixões novas, é que essa obra, isolada d'appoios e d'invenctivas, sacudida a poeira das opiniões, que a turva aos nossos olhos, hade elevar-se monumentalmente bella, singular padrão artistico a perpetuar a historia do nosso tempo.

Essa galeria unica de retratos, que começa a apparecer logo que abrimos os primeiros numeros do *Antonio Maria,* e em que cada personagem é representado sob todas as fórmas, vivendo n'uma realidade intensa, acompanhado d'accessorios anedocticos que caracterisam o meio em que se agita, é dada com um poder superior d'arte, e assim como os *Caprichos* de Goya nos legaram viva a Hespanha do seu tempo, as caricaturas de Raphael Bordallo Pinheiro conservarão para a historia as figuras animadas de todas as individualidades que com elle viveram.

Não ha caricaturista que o exceda na facilidade assombrosa de manejar a physionomia humana; n'esta qualidade é superior mesmo a Daumier e a Cham. Hoje que essa pleiade da *Caricature* e do *Charivari*, Philippon, Decamps, Daumier, Grandville, Charlet, Raffet, Gavarni, Mounier, Cham, Grevin, deixaram d'existir, não vejo caricaturista francez que eguale Raphael Bordallo. Quando folheamos o *Antonio Maria* e os *Pontos nos ii* depois do *Charivari* e da *Caricature* o talento de Bordallo avoluma-se; os dois jornaes francezes são a obra de muitos artistas, os portuguezes representam o trabalho de um só.

A obra de Raphel Bordallo é tão grande que o fatigou, e elle deitou-se a descançar n'um olympico ocio fecundante, amassando geniaes figuras de barro e brincando folhagens de faiança, na rumurosa sombra da Fabrica das Caldas da Rainha, n'uns devaneios encantadores de Palyssi; a esse descanço envia-lhe a arte emissarios, os mesmos talvez que segre-

davam aos ouvidos d'Holbein, a mostrar-lhe que está ainda incompleta a tarefa que hade immortalisal-o, á qual elle volta por momentos, com bocejos de leão dormente, que sacode a juba e distende os musculos vigorosos.

Este homem notavel que, na familia notavel d'artistas a que pertence, toma o logar de chefe, pela arrogancia altiva do porte e pela energia defensora, tem, pela vereda artistica, transitado n'uma accidentada carreira. Em vez de começar pela arte começou pela burocracia, e foi, provavelmente, de manga d'alpaca que o seu lapis d'acerada *verve* se estreiou, visando a *pose* prudhomesca dos chefes de secretaria.

Estreiou se para o publico em jornaes satyricos de vida ephemera como o *Calcanhar d'Achilles* e a *Berlinda,* que appareceram em 1870, mostrando logo a vivacidade da sua imaginação, a *verve* nexgotavel, e a faculdade genial d'apanhar n'um relance, ao primeiro golpe de vista, de reproduzir n'um traço, toda a

expressão physionomica e o gesto particular d'aquelles de quem o seu lapis tentava apoderar-se. Não o cegaram os primeiros applausos e procurou corrigir pelo estudo as incorrecções de desenho, tendo em seu pae, Manuel Maria Bordallo Pinheiro, um artista distincto, fallecido em 1880, o melhor mestre. Cultivou então particularmente a aguarella, e d'entre os seus trabalhos d'esse tempo, que figuraram pelas exposições da Sociedade Promotora de Bellas-Artes, teve voga um quadrinho=*Jogadores de petinga*=que chegou a ser reproduzido, pela gravura, em Hespanha, na França e Inglaterra. Á exposição de Madrid em 1872 concorreu com um quadro=*Bodas n'aldeia*= que alcançou da critica hespanhola grandes elogios para o auctor.

A vivacidade do lapis de Raphael Bordallo adquiriu logo, porém, maior acolhimento que o seu pincel, e quando a Hespanha mais rijamente se debatia nas luctas civis do carlismo, e chamava sobre si a attenção da Europa, o grave e

e meticuloso jornal inglez a *Illustrated London News* confiou-lhe a chronica dos episodios d'aquella guerra, onde o lapis do desenhador podia colher notas do mais extraordinario pittoresco e do mais vivo e palpitante interesse. No desempenho d'esta missão principiou o nome de Bordallo Pinheiro a alcançar foros de notabilidade.

A caricatura chamava-o, arrastava-o, prendia-o, e elle obedecia-lhe com o fervor da vocação, e, depois do *Calcanhar d'Achilles* e da *Berlinda,* fundou o *Binoculo* e a *Lanterna Magica,* começando a alcançar a popularidade, que nunca o abandonou.

Pelos fins de 1873, Raphael Bordallo Pinheiro que, apezar do seu talento, vegetava n'uma quasi pobreza, galardão habitual dos nossos operarios de espirito, partiu para o Brazil em bnsca de fortuna. Não foi dos felizes e, ou porque as ferroadas do *Besouro,* que lá fundou, fossem mal supportadas pelos que as recebiam, ou porque não podesse resi-

gnar-se a viver expatriado, pouco depois estava de volta.

Em 1879, associado com Guilherme d'Azevedo, fundou o *Antonio Maria*. Da fusão d'estes dois espiritos, que tão bem se comprehendiam, sahiu esse extraordinario monumento de critica humoristica, em que todos os acontecimentos decorridos, todos os personagens em voga, todas as notabilidades, a politica, a litteratura, a arte, os ridiculos, foram apontados pelo lapis e pela penna d'esses dois homens, que ora servem a opinião ora a dirigem.

Ha no *Antonio Maria* paginas admiraveis. Professando idéas avançadas, empenhou-se em renhidas luctas contra os homens da politica, que desprestigiou por mordentes sarcasmos. D'essas batalhas a mais notavel, pelo alcanee patriotico, foi a travada contra o celebre tratado de Lourenço Marques, em 1881, que fez cahir o ministerio progressista, presidido por Braamcamp.

Fontes, o notavel estadista, que du-

rante tantos annos occupou o logar mais eminente da politica portugueza, foi a principal victima do lapis de Bordallo, que pega d'elle por todos os lados, o torce, o achata, o estica, o empoleira, ajusta-lhe a cabeça a todos os corpos, faz-lhe dar saltos, cambalhotas, mergulhos, coroa-o com as raizes dos dentes apanhados em nevralgias do ministro, que coincidem com crises ministeriaes transforma-o em polichinello, fal-o cavalgar atravez da *Lusa bambochata,* estampa-o no *Album das Glorias,* n'um retrato que lhe immortalisa a figura, e não o larga até ao dia em que a morte rouba a victima ao lapis implacavel que, depois de curvar-se respeitoso ante o leito mortuario, a prestar-lhe a homenagem da justiça, o deixa repousar na inviolabilidade do sepulchro.

Dotado de espirito magnanimo, e profundo golpe de vista, Fontes alargava os direitos da imprensa, e a liberdade de exame, segundo a phrase de Virchow, do *Antonio Maria,* não incommodava o

ministro, nem mesmo quando applicada aos seus proprios actos.

Em 1880 encetou Bordallo Pinheiro a publicação d'esse magnifico *Album das Glorias,* ainda collaborado por Guilherme d'Azevedo, collecção sem egual de retratos de celebridades, onde encontramos n'uma realidade inexcidivel entre outras as figuras d'El-Rei D. Luiz, de seu pae, D. Fernando, de Fontes, do Bispo de Vizeu, do Duque d'Avila, de Mariano de Carvalho, de Taborda, de Ramalho Ortigão, d'Eça de Queiroz, de Guilherme d'Azevedo, que, em fins de 1880, foi para Paris, ao serviço d'um jornal brazileiro, e lá ficou no pobre cemiterio de Saint Ouen.

Depois de Guilherme d'Azevedo, collaborou no *Antonio Maria,* Ramalho Ortigão, que, nas *Farpas,* quando Raphael Bordallo encerrou, ao fim de seis annos, a publicação do seu grande semanario de critica, apresenta ao publico n'um explendido artigo o perfil d'essa organisação poderosa d'artista.

É tão justa a maneira como elle pinta o retrato de Raphael Bordallo, que o reproduzo, pois não é possivel esboçal-o melhor, nem, a golpes de luz, tornar mais saliente essa figura magnifica.

«Bordallo é o mais genuino e o mais puro typo de meridional que eu conheço. O retrato d'elle mais parecido, á parte os vicios locaes determinados pela contaminação ambiente, é o que fez Daudet de *Numa Roumestan*. Forte, sanguineo, sensual, largos hombros, tendencia para a obesidade como Courbet, André Gill, e Theophile Gautier, labio grosso e vermelho, cabello crespo, e olhos negros, scintillantes e papudos. A feição mais caracteristica d'esta mascara, prodigiosamente parecida na configuração anatomica com a de Goya e com a de Daumier, é a linha consideravelmente accentuada e longa do beiço superior. Champfleury, referindo-se ás analogias physionomicas achadas por elle entre a figura do artista hespanhol e a do artista francez, particularisa o desenvolvimento do

beiço tão fortemente accusado nos retratos de Talleyrand, e o illustre critico accrescenta: «Será no labio superior, desenvolvido como o dos macacos, que reside a revelação physiologica do espirito satyrico? Os physionomistas nada dizem a este respeito. N'uma sciencia tão arbitraria, que não chega a ser sciencia, taes pormenores prestam-se a tantas controversias, que só adquirem importancia, quando apoiadas em analogias, e estas são notaveis nos dois mestres, cujo parentesco julgo ter entrevisto.» A figura de Bordallo confirma exactamente a observação feita pelo erudito historiador da Caricatura Moderna.

Nos retratos de Bordallo, principalmente n'aquelles em que elle figura sem bigode, o comprimento do beiço superior accusa-se com pronunciada evidencia, e cotejando um d'esses retratos com o medalhão de Daumier, feito por Michel Pascal e com a gravura de Goya, feita por elle mesmo, a similhança dos tres artistas é tão flagrante, que Bordallo

e Daumier parecem dois filhos gemeos do immortal iniciador da pintura satyrica do nosso tempo.

Ha poucas noites, ainda, no theatro de S. Carlos, emquanto uma cantora no proscenio concentrava em si todas as attenções da sala, eu me occupei, do fundo d'uma frisa de bocca, em examinar, ao oculo, as diversas expressões physionomicas do publico, pousando de frente e em meio corpo nas cadeiras da superior.

No meio d'essa grande exposição de caras, pela maior parte incaracteristicas e banaes, de lindos janotas bem assediados, correctos, insipidos, estreitos de tudo, — de hombros, de casaca e de testa —, entre rostos suinos de antigos burocratas, fuinhas de papelada official, gallinaceos de parada militar, ou graves tocheiros decorativos de salão de embaixada, a accentuada figura d'elle, energicamente modelada, de uma solida carnação á Van Der Helst, coroada por uma espessa juba leonina, a cabeça alta, um

vidro no olho, uma grande rosa na lapella, destacava de tudo mais com o contraste de um ser palpitante e vivo no meio de uma galeria de personagens de cera.»

Bordallo que fizera dos *Pontos nos ii* a continuação immediata do *Antonio Maria,* ainda durante alguns annos se occupou assiduamente da caricatura, mas, deixando-se arrebatar pela paixão da ceramica, a Fabrica das Caldas da Rainha passou a absorver o melhor da sua actividade. É previlegio dos grandes artistas vivificar tudo quanto tocam, e a velha industria das faianças das Caldas, renasceu sob o influxo do talento de Bordallo.

Descrever as maravilhas de graça artistica, as obras extraordinarias que a sua opulentissima imaginação tem realisado com o fragil barro caldense, é uma tarefa irrealisavel aqui. Aproveitando os ricos modelos nacionaes, sendo uma das nobres aspirações de Raphael Bordallo o restituir, quanto possivel, á arte portu-

gueza o seu cunho d'originalidade, elle ornamenta esses modelos da maneira mais caprichosa e rica. Tem jarrões que são poemas, talhas que entoam symphonias, e a sua veia humoristica passeia tambem pelo barro, em que modela o *Zé povinho* e vae interpretando figuras e episodios que o lapis do caricaturista colhe para os offerecer ao esculptor. O estylo decorativo japonez, d'um naturalismo tão expressivo, é felizmente empregado por Bordallo em grande numero das suas faianças. Os nossos usos populares fornecem-lhe os mais graciosos motivos, recordo-me d'uma singela bilha *Santo Antonio* decorada a ramos d'alfazema, que era um appetitoso *bijou*.

Entre os trabalhos que perpetuarão a memoria da Fabrica das Caldas devem collocar-se no mais elevado plano as esculpturas em barro destinadas ás capellas do Bussaco, interpretações geniaes, assombrosas d'expressão, que engrandecem o já illustre nome de Raphael Bordallo.

Esta tentativa de aperfeiçoamento da industria das faianças das Caldas sería uma bella empreza n'outro paiz, para nós é demasiado rica e luxuosa, e quasi inutil para os habitos estreitamente burguezes da nossa sociedade. Causa verdadeira magua vêr paradas as machinas, que animadas por um forte impulso de vida tornariam a Fabrica das Caldas da Rainha uma das coisas mais dignas de vêr-se em Portugal. É pena que não possa progredir largamente essa empreza, que tanto auxilia o desenvolvimento do gosto puramente nacional, de que tem sido sempre fervorosos cultores os artistas que honram o nome de Bordallo Pinheiro.

Quando em 1890, apoz uma encarniçada guerra feita pelos *Pontos nos ii* ao visconde de Melicio, que dirigia os trabalhos do pavilhão portuguez do *Quai d'Orsay,* Bordallo foi encarregado da decoração e disposição interior do pavilhão, conseguiu, apezar da deficiencia de tempo e das contrariedades de todo o ge-

nero, tornar a exposição de Portugal, no grande certamen internacional de 1890, o mais portugueza que as circumstancias o permittiam, e os nossos instrumentos de lavoura, tão interessantes e caracteristicos, como a canga minhota, os nossos alegres cobrejões, as chitas e lenços de ricas ramagens, e mil outros objectos da industria nacional mais intima, appareceram em Paris, onde eram desconhecidos, chamando a attenção dos colleccionadores mais intelligentes, pela sua pittoresca originalidade, sendo muitos adquiridos para o museu ethnographico do Trocadero, por Mr. Landrin, então seu director.

O caracter alegre e expansivo de Bordallo attrahe-lhe todas as sympathias. A parte da sua obra que mais o eleva, podia ter-lhe creado inimigos, mas a poderosa magia do seu genio artistico leva tudo de vencida, e elle tem caminhado entre clamores de triumpho; as suas satyras tem-lhe grangeado tantos amigos como se foram lisonjas.

O futuro hade acabar a consagração de Raphael Bordallo Pinheiro, e poderá applicar-lhe rectamente o juizo que Baudelaire faz do illustre caricaturista francez ao dizer que: «*Daumier fut non seulement un des hommes les plus importants de la caricature, mais encore de l'art moderne.*»

Novembro de 1897.



II

NOTAS E IMPRESSÕES

A EGREJA DA FLOR DA ROSA

E A

Commissão dos monumentos nacionaes

Ao meu velho amigo e camarada
Luiz Feliciano Marrecas Ferreira.

Em 1356 o prior do Hospital, D. Frei Alvaro Gonçalves Pereira, dava começo á edificação d'um mosteiro em que devia ter sepultura. Eram os hospitalarios uma poderosa ordem de monges-militares que Gérard de Martigue fundára quando a flôr dos guerreiros christãos corria á conquista da Palestina. O priorado da ordem em Portugal, tinha a sua séde no Crato, e ahi vivia o prior D. Alvaro. Verdadeiro typo de monge-soldado, esforçado e sabio, era o prior homem de paixões fortes e de largo animo, a sua cruzada fôra no occidente contra os mou-

ros; batera-se no Salado junto d'Affonso IV e tornara-se um vulto importante na politica nebulosa do seu tempo. Envelhecendo pensara em fundar a egreja que devia abrigar o seu tumulo na paz de Deus, e, a pouca distancia do Crato, na Flôr da Rosa, fazia levantar, com esse fim, sob a invocação da virgem, um mosteiro da sua ordem que levou perto de vinte annos a construir.

Era no seu conjuncto um soberbo edificio acastellado, prompto para resistir aos assaltos, frequentes, n'aquelles tempos irrequietos, por toda a região fronteiriça. Os rigidos angulos das suas torres quadradas, a forte dentadura d'ameias, os muros impenetraveis, a custo rasgados por alguma estreita janella, caracterisavam a altiva habitação d'esses homens que sobre o manto negro dos Agostinianos pregavam a cruz d'oiro de oito pontas, para com elle cobrirem as mais resistentes armaduras e os mais pesados montantes que podiam cingir guerreiros.

Estes soldadss de Christo, nacionalisando-se, formavam os mais poderosos elementos dos exercitos de então, e comprehende-se que importantes fortalezas podiam ser taes mosteiros.

Alguns chegaram até aos nossos dias, como a Flor da Rosa, como Leça do Bailio, interessantes capitulos da historia da edade média, traduzindo-nos idéas do seu tempo e apresentando-nos vivas as imponentes figuras d'esses freires-cavalleiros que empunhavam a espada segurando a cruz, e lá se encontram ainda dormindo o somno eterno.

A Flor da Rosa, porém, não tem só o valor de representante d'uma epocha passada, a elle está ligado o nome da mais bella, mais pura, mais grandiosa figura de heroe que a nossa historia celebra, Nun'Alvares. Lá repousa seu pae, o prior D. Frei Alvaro Gonçalves, assim como lá foram repousar tambem seus avós, D. Gonçalo Pereira e a bella Thereza de Villarinho. Como Nun'Alvares na edade infantil devia folgar vendo ele-

var essas torres, que com elle cresciam, dirigindo-lhe o animo para as altas emprezas com que lhe acenava o destino! Foi da Flor da Rosa que elle partiu para a côrte de D. Fernando, levando na imaginação gravadas, já, as imagens dos paladinos castos e formosos de que fazia modelos.

As historias de cavallarias, as façanhas gloriosas, quem lh'as contaria melhor do que esses homens de manto negro, em que refulgia a cruz, que traziam do Oriente as tradições maravilhosas e conheciam de perto as temeridades heroicas, as loucuras sublimes, elles mesmo, na maior parte, paladinos e heroes? Foi por essas aridas charnecas do Alemtejo, junto ás severas torres do Crato e da Flor da Rosa, entre os braços dos monges-cavalleiros do Hospital, que cresceu Nun'Alvares Pereira o paladino da nacionalidade portugueza.

Ha mais de quinhentos annos que o robusto mosteiro affrontava as inclemencias do tempo, os materiaes que o com-

punham eram da tempera dos homens que o construiram, mas, assim como elles se iam desfazendo em pó nas sepulturas, desaggregadas as moleculas dos seus corpos, os elementos que formavam as velhas paredes das torres desaggregavam-se tambem, mercê dos seculos. Abateu primeiro a mais alta das torres e, no dia 11 de janeiro de 1897 ruiu parte da egreja, sepultando-se o altar-mór, ficando por milagrosa fortuna, de pé o corpo da egreja, onde se encontra o tumulo de D. Frei Alvaro.

Ora em Portugal existe uma commissão, que se diz ter a seu cargo a conservação dos monumentos nacionaes. Deve incumbir-lhe o evitar que se falte ao respeito devido a esses monumentos, e prevenir os desastres que o tempo e as intemperies da natureza lhes podem causar, remediando aquelles que forem inevitaveis.

Como ha annos a torre que estava na parte mais alta do edificio, abatendo, avisou de que o interessante monumento

ameaçava ruina, todos julgariam que, organisada essa commissão, ella correria logo á Flor da Rosa, afflicta por tal desastre, tratando, senão de reconstruir a torre, ao menos de examinar o estado do edificio, procedendo aos reparos indispensaveis para a futura segurança do glorioso templo.

Em Lisboa, porém, no dia 11 de janeiro, recebia-se a noticia telegraphica do desabamento da egreja e no dia immediato lia-se, com certo espanto, em jornaes da capital, ter o sr. Luciano Cordeiro, que occupa varias presidencias, incluindo a da commissão de monumentos, tido a respeito da Flor da Rosa, uma conferencia com o ministro das obras publicas, e que em resultado d'essa entrevista o sr. Campos Henriques telegraphára ao director das obras publicas de Portalegre, pedindo-lhe com urgencia o projecto e orçamento de reparação elaborado em tempo e que fôra mandado reformar. Para que seria? Estaria já previsto n'esse projecto o caso d'uma derrocada?

Vamos conversar um pouco ácerca do que relativamente aos monumentos historicos se faz lá fóra, apontando as nações de que mais temos soffrido a influencia, a França e a Inglaterra.

Pessoa alguma ignora o quanto o respeito e o amor pela tradicção é proverbial nos inglezes, e portanto ninguem se admirará quando ouvir dizer que em parte alguma são mais venerados os monumentos nacionaes. Já em 1847, Vitet nos seus—*Estudos sobre Bellas Artes*—apresentava a Inglaterra como um modelo a seguir na maneira porque alli se respeitam os monumentos, nos piedosos cuidados que lhes prestam e na veneração geral em que são tidos. N'esse paiz d'homens de apparencia fleugmatica, vive um enthusiasmo ardente por tudo quanto possa ser uma gloria nacional, quer pertença á arte, quer pertença á historia. A arte de restaurar os monumentos da edade média, chegou alli ao maior grau de perfeição.

Existem, para esse fim, cursos publi-

cos e particulares, manuaes, livros elementares. É um elemento da educação popular, e certos sacrilegios que nos são familiares, tornam-se lá impossiveis.

A França, de que imitamos até os desvarios, dá-nos a tal respeito severas lições.

Tendo comnosco affinidades de raça que não teem os saxonios, mais de accordo com o seu modo de pensar e sentir deve estar o nosso. Como se tratam n'esse paiz os monumentos nacionaes?

Quando a orientação dos espiritos, dirigida pela philosophia do seculo XVIII, se inclinou para a investigação scientifica da historia, e entrou no conhecimento do profundo valor de todos os documentos que podiam auxiliar esse estudo, logo appareceram as leis que deviam protegel-os e guardal-os.

As supremas convulsões do Terror não impediram a Convenção de publicar, com data de 4 de junho de 1893, um decreto ordenando a pena de dois annos de prisão contra quem praticasse

qualquer degradação nos monumentos artisticos dependentes das propriedades nacionaes. A mesma Convenção prohibia, por decreto de 2 de brumario do anno II, de mutilar, ou alterar de qualquer modo, mesmo sob o pretexto de fazer desapparecer signaes de feudalismo ou realesa, fosse o que fosse que podesse interessar á arte ou á historia.

«Se a historia da arte se lê sobre os monumentos sahidos das nossas escolas de architectura e de esculptura, nenhum d'elles deixa tambem de servir para estudo da historia dos nossos diversos estados sociaes. Melhor de que todos os livros os torreões de Couci e de Gisors, as muralhas de Carcassone e de Avignon nos instruem sobre o poder do regimen feudal. Todas as nossas grandes aventuras, todos os traços salientes do nosso caracter nacional, todas as influencias estrangeiras, que a França tem soffrido, estão escriptas n'esses livros de pedra. N'elles se encontra o que Augustin Thierry chama a alma da historia.»

. . . .

«Foi dada á nossa epocha a faculdade de comprehender o sentido e a grandeza de todas as tradicções historicas e de conhecer que, conservando e divulgando esses edificios, resuscitava o passado em proveito do futuro.»

Que nação, fallando dos seus monumentos, não poderá repetir estas palavras, ditas em França no seculo XIX?

Em coherencia com estas idéas e com os sentimentos que d'ellas provêm, não se poupam esforços, n'esse paiz, para que a conservação e mesmo o acabamento dos velhos monumentos seja realisada o mais efficaz e respeitosamente possivel. Apesar das grandes agitações e mudanças politicas, essa idéa tem progredido sempre, e occupado sériamente o cuidado dos dirigentes. Em 1830 votaram as camaras um credito de 80$000 francos para reparações e conservação dos monumentos, creando, com o mesmo intuito, uma inspecção geral, sendo nomeado inspector Vitet.

Em 1837 o ministro do Interior, Montalivet, organisou a primeira commissão de monumentos historicos, sob a presidencia de Vitet, e logo na sua primeira sessão este illustre publicista propoz que se voltasse á lei de 1833, que ordenava a expropriação por utilidade publica das construcções que pejassem ou prejudicassem os monumentos.

Em 1840 um dos membros da commissão, Lenormand, chama a attenção para os monumentos prehistoricos, de que os sabios, mais tarde, se vão occupar com ardor. As sommas á disposição da commissão já tinham subido a 600:000 francos.

Em 1848 pede-se ao director das Bellas-Artes, Charles Blanc, para exigir do ministro que se trate da classificação dos monumentos. Apesar de todos estes esforços o Congresso das Sociedades sabias, reunido em Paris, em 25 de março de 1854, decide que a lei não protege sufficientemente os monumentos e que alguns vão desapparecendo. A commis-

são protesta, mas verificando a verdade, procura por necessarias providencias tornar efficaz essa protecção.

Em 1879 nm decreto reorganisa a commissão de monumentos, que fica sob a presidencia do ministro d'instrucção publica e de Bellas-Artes, sendo nomeado vice-presidente Antonin Proust. Conseguiu esta commissão que se effectuasse a classificação methodica dos monumentos, realisada em conformidade com o admiravel relatorio do grande Violet-le-Duc, que fallecia em 1879, tendo entrado para a commissão dos monumentos em 1860. Com a sua entrada passou a dominar na commissão o elemento artistico, sendo principalmente formado por architectos, tendo n'ella até então predominado os archeologos e litteratos.

Em 1887 foi votada nas camaras a lei de protecção dos monumentos historicos, sendo por essa lei determinado que: Os monumentos historicos sejam excluidos de todo o serviço de utilidade publica.

Nenhuma reparação ou trabalho qual-

quer, por *mais insignificante que seja*, possa n'elles ser executado sem auctorisação do ministro, depois de ouvido o parecer da commissão.

Os artigos 1.º, 4.º e 5.º da lei, permittem aos prefeitos o proseguirem a expropriação dos immoveis de que os proprietarios se opponham á classificação.

Quanto aos trabalhos de reparação são classificados de *muito urgentes, menos urgentes* e *pouco urgentes;* estes ultimos são os trabalhos de restauração geral ou parcial, e estão sujeitos á mais minuciosa vigilancia.

Aos prefeitos dos departamentos pertence reclamar as reparações dos monumentos a seu cargo, enviando um relatorio expondo as necessidades do monumento, o estado em que se encontra, uma noticia historica, descripção, planos, croquis e um orçamento tão minucioso quanto possivel, feito por um architecto.

Apenas o ministro recebe qualquer d'estas reclamações, o inspector d'aquella das tres grandes inspecções a que estão

encarregues todos os monumentos existentes no territorio francez, e a que incumbe o monumento requerente, recebe ordem para ir proceder á investigação dos trabalhos requeridos, enviando, após o devido exame, um relatorio, que é analysado pela commissão dos monumentos historicos, a qual decide se os trabalhos devem, ou não, ser executados, podendo approvar os projectos enviados, modifical-os ou fazer levantar outros.

Admittida pela commissão uma reparação, passa ainda a ser submettida á approvação do ministro, pela direcção de Bella-Artes, depois de ter sido o projecto e orçamento revisto por um verificador dos trabalhos dos monumentos historicos, ao serviço do ministerio. É só com esta multipla approvação que se póde tocar n'um monumento historico, quer elle pertença ao Estado, quer a um particular.

Expondo assim a parte principal dos serviços da commisão dos monumentos historicos em França, não descrevo, por

evitar prolixidade, muitos dos seus importantes trabalhos, como creação de escolas e museus, mas pelo que fica dito se vê que ella tem tratado zelosamente da missão que lhe incumbe.

A *Flor da Rosa* acaba eloquentemente de dizer-nos o que vale a commissão dos monumentos em Portugal. O brado energico da sua derrocada é acompanhado d'um echo lamentoso, repercutido por todos os velhos e gloriosos edificios que nos legou o passado.

A *Batalha*, a formosa *Batalha*, que é, ao mesmo tempo que um padrão patriotico, o mais bello e completo exemplar da atchitectura gothica em Portugal, senão em toda a Peninsula, aponta-nos compungida para o pulpito e para o baptisterio que lá lhe puzeram, a desmanchar a harmonia da sua soberana belleza.

O acabamento das *Capellas imperfeitas*, pelo plano de João de Castilho, no estylo da renascença italiana, estava tambem guardado para os nossos dias.

Quando D. Manuel vio a sua maravi-

lhosa capella tumular, na *Batalha,* manchada por um pedaço d'essa obra d'um estylo espurio, mandou sustar a continuação dos trabalhos. «Obra bastarda é imperfeita» disse, preferindo que ficasse incompleta. O tempo tinha-se encarregado de limpar as capellas d'essa mancha architectonica, destruindo a parte estranha, mas a direcção d'obras publicas, que cuida do monumento, foi exactamente o que mandou refazer.

Que diz a isto a commissão, que permitte se confiem os trabalhos de reparação d'esse admiravel monumento dos fins da edade média, a edade aurea da architectura, a um conductor d'obras publicas, quando um architecto teria de fazer um demorado estudo antes de poder tocar-lhe? N'esses trabalhos, bandos de canteiros, artifices ignorantes, cujo ideal d'arte consiste em deixar as arestas vivas como navalhas de barba, mal avistam uma pedra com manchas de salitre substituem-n'a por uma nova. Que essa pedra seja um ornato, florido ramo de la-

çaria, a cabeça ou membro d'alguma ingenua e graciosa esculptura medieva, pouco importa. Os canteiros, sem nenhuma direcção d'artista competente, guiada apenas pelo seu capricho ignorante, a mão mais ou menos habil, lá substituem o que arrancam.

Que diriam D. João I e o architecto Affonso Domingues vendo assim reparar a *Batalha*?

Que diriam tambem, do fundo do seu tumulo, em *S. Domingos de Bemfica,* os restos do velho João das Regras, se pudessem ter visto um pedreiro restaurando a sua estatua tumular?

Que diria Nun'Alvares se soubesse o emprego para que hoje se utilisa a sua cella no *Carmo*?!

A commissão não estacou d'assombro, quando viu restaurada a *Sé de Lisboa,* ante aquella genial idéa de pintar a oleo, fingindo pedra, um claustro de pedra?

Em *S. Vicente de Fóra* vá ver porque foi substituida a talha dos velhos altares?

Em toda a parte as restaurações são do mesmo theor.

Não é a architectos que se incumbe dirigil-as, mas a engenheiros e conductores d'obras publicas, homens illustrados, mas na sua maior parte sem criterio artistico, nem estudos especiaes d'arte e d'archeologia que lhe permittam occupar-se de taes obras.

É ver *Santa Cruz de Coimbra* e a *Sé Velha* da mesma cidade, onde arrancaram os admiraveis azulejos hispano-arabes, vendendo parte d'elles por uma ninharia, indo os outros parar á Sociedade de Geographia, suprema presidencia do sr. Luciano Cordeiro. Vão ver os artistas e os archeologos porque foram substituidos esses bellos azulejos.

Que diriam os francezes que em 1833, promulgaram o decreto d'expropriação para as construcções que pejassem os monumentos, se vissem aquelle pavoroso gazometro enrodilhando em nuvens de fumo a *Torre de Belem?*

Não repetirei aqui nada do que já se

tem dito sobre os desastres do acabamento dos *Jeronymos,* nem irei investigar tudo quanto de lá tem desapparecido, mas digam, ao menos, o que é feito d'um lindo lago, forrado d'azulejos da epoca manuelina, que estava onde existe agora um banal jardim?

No claustro é que ainda se conserva, talvez, o ornamento d'uns paineis de pinho, com disticos allegoricos ao sr. João Franco e outros personagens, para a collocação dos quaes se esburacaram as venerandas paredes, n'uma occasião de festa. Para deixar passar os tubos do gaz, ignaros trabalhadores, destruiram lindos frisos rendilhados das paredes. A commissão nunca se lembrou de advertir á direcção da Casa Pia de que lhe cumpria ter veneração e respeito pelo monumento glorioso de que estava de posse.

Se entrarmos em Thomar, no venerando *Convento de Christo,* povoado pelas grandiosas sombras dos nossos templarios, lá encontramos evidentes provas do zelo da commissão.

O admiravel claustro dos Filippes, um dos mais soberbos exemplares da renascença classica que existem, encontra-se n'um revoltante abandono, comido pela vegetação, corroido pelas aguas. Estando os aljarozes do edificio obstruidos, os terraços transformam-se, no inverno, em grandes lagos, que se vão escoando, por infiltração, atravez das paredes e das abobadas, arruinando-as lentamente. Ha pouco tempo ainda, os vidros das janellas da curiosissima *charolla* estando partidos, a chuva corria a jorros ao longo dos preciosos paineis manuelinos. N'uma visita que fiz ao convento, ha alguns annos, recordo-me de ver creanças, pertencentes a familias que habitavam nas dependencias do edificio, jogando com pedras que iam bater nos rendilhados da janella do Capitulo.

Pobres monumentos manuelinos, representantes da nossa mais caracteristica epoca d'arte, da nossa epoca triumphante, que mau fado vos persegue, depois de tanto banal arremedo!

A bella egreja manuelina de Beja, tem soffrido nefandos attentados.

Em *Nossa Senhora da Oliveira,* de Guimarães, antiquissima egreja, anterior á fundação da monarchia, o cabido, para festejar a ultima visita do ministro das obras publicas, foi-se á torre, reedificada, no tempo de D. Manuel, pelo Dr. Pedro Esteves Cogominho, e mandou-a limpar a picão e a vassoura d'arame. Os tumulos do fundador da torre e da capella, o Dr. Cogominho, e de sua mulher D. Isabel Pinheiro, que lá estão esboroando-se, affirmam-nos que, durante muitos annos, serviam de urinol aos musicos do côro, sem que alguem pensasse em evitar tão repugnante profanação.

O velho convento de *Leça do Bailio,* doado por Dona Unisco Mendes e seu filho D. Oseredo, no anno de 1021, ao abbade Tedeogildo, da ordem de S. Bento, e depois, nos principios do seculo XII, por D. Thereza, mulher do Conde D. Henrique, á ordem militar do Hospital, tambem está em eminente perigo. A cu-

riosa cobertura, que é pelo menos feita sobre o modelo da primitiva, ameaça ruina pelo abandono. As chaves das janellas das torres estão soltas, ameaçando cahir e com ellas o resto. Não posso crer que a commissão ignore o estado do edificio.

Leça, era a séde do bailiado, depois do priorado do Crato a mais importaute dignidade dos cavalleiros de Malta em Portugal. Este bello exemplar da architectura religiosa e militar, anterior á monarchia, na sua primitiva e humilde fundação, cuja egreja mandada construir pelo bailio D. Fr. Estevam Vasques Pimentel, e concluida em 1336, era uma resistente fortalesa medieval, formando com as torres do convento um conjuncto de fortificações importantes, terá em breve o destino da *Flôr da Rosa*.

Mas dispõe a commissão de tempo para ir lá, tão longe, quando o não tem tido para acudir aos fogachos da egreja da *Estrella,* que pesam algumas tonelladas, e estão estalados, sustentando-se por um

milagre d'equilibrio, até que um dia vão abater sobre os devotos que frequentam aquelle grandioso templo?

Na egreja da *Graça*, d'Evora, que possue uma curiosissima fachada, a abobada está a cahir, e nem sequer tentam pôr a salvo os admiraveis baixo-relevos italianos que n'aquelle desmoronamento ficarão perdidos.

Sobre antigos quadros, que escondem os nomes dos seus auctores, alguns notabillissimos, pelas nossas velhas egrejas, muito haveria que dizer; vá apenas indicada ao membro da commissão actual, o sr. Benarus, a quem o attentado poderá incommodar mais particularmente, a maneira porque um sachristão trata dos magnificos quadros da egreja de *Santa Isabel* em Estremoz, lustrando-os annualmente com toucinho. É original e perfeitamente alemtejano.

Seria um nunca acabar a enumeração dos desastres occorridos e dos attentados que se commettem contra os venerandos monumentos do nosso passado, é impos-

sivel dar cabimento, aqui, mesmo aos mais importantes. O sr. Ramalho Ortigão, que tambem faz parte da commissão dos monumentos, no seu interessante e livro *O culto da arte em Portugal,* apresenta-nos d'elles uma larga resenha. Todavia já ha bastantes annos se diz existir uma effectiva vigilancia sobre os monumentos e, se á pouca attenção dos governos sobre o assumpto é devido este estado de cousas, porque não eleva a Commissão de monumentos altamente a sua voz, protestando?

O grande espirito de Alexandre Herculano, que para levantar a historia portugueza teria de empregar como alavancas todos os monumentos do passado existentes em Portugal, foi, como naturalmente devia ser, quem por elles despertou, nos seus contemporaneos, o sentimento de respeito devido. O bom e erudito Vilhena Barbosa, empregando em estudos archeologicos o melhor da sua intelligencia, foi um dos grandes combatentes d'essa cruzada.

Era todavia difficil fazer germinar rapidamente idéas tão elevadas no seio da geral ignorancia do paiz.

Por decreto de 10 de Novembro de 1875 foi nomeada uma commissão para propôr ao governo uma reforma do serviço de Bellas-Artes, um plano d'organisação do museu de pintura e esculptura, e providencias adequadas á conservação dos monumentos historicos. D'esta commissão foi nomeado presidente o marquez de Sousa Holstein e secretario o sr. Luciano Cordeiro; entre os vogaes havia distinctos archeologos como o architecto Joaquim Possidonio Narciso da Silva, Filippe Simões, e o Dr. Augusto Carlos Teixeira d'Aragão.

O velho Possidonio era um zeloso defensor dos monumentos historicos, e um grande serviço prestou conseguindo salvar as ruinas da antiga egreja do *Carmo,* de que uma camara municipal de Lisboa mandara fazer a montureira da cidade! Este respeito dos vereadores da primeira cidade do reino pela memoria do grande

condestavel, transformando em vasadouro publico a egreja fundada por elle para abrigar os seus ultimos dias e o seu tumulo, dão a medida da illustração dos seus contemporaneos. Possidonio, depois de grandes canceiras, conseguiu fazer limpar o templo, estabelecendo alli a séde da Associação dos Architectos e Archeologos, e, em 1866, o museu archeologico, aberto ao publico mediante uma pequena esportula, destinada ao piedoso fim da restauração da egreja.

A influencia da commissão de 1875 a favor dos monumentos historicos, ficou mal assignalada pelo desastre dos *Jeronymos,* em 1878.

Em 1880, n'um relatorio elaborado pelo illustre architecto Alfredo Andrade e pelo escriptor Rangel de Lima, após uma excursão pelo norte do paiz, pedia-se ao vice-inspector da academia, Delfim Guedes, para que advertisse as pessoas possuidoras ou encarregadas dos monumentos existentes, informando-as do valor d'elles, appellando para o seu pa-

triotismo e para o seu proprio interesse, afim de não demolirem, construirem, nem restaurarem n'elles coisa alguma sem consultarem pessoas entendidas.

Alfredo Andrade, que se tornára um dos mais illustres architectos da Italia, via bem que a falta de direcção artistica competente, nos trabalhos de reparação emprehendidos, era a principal causa dos desastres e das profanações que soffriam os antigos monumentos.

Ora essa causa morbida de ha vinte annos é ainda a mesma que os faz soffrer hoje.

Percorrendo os nomes dos membros das commissões modernas, o que encontramos? Litteratos, engenheiros, alguns archeologos e raramente artistas. A comprehensão dos engenheiros ácerca de obras de arte mostraram-n'a em França os que propozeram a destruição do admiravel monumento do Monte de S. Miguel, para a construcção de um molhe. Os litteratos prestam grandes serviços com a propaganda artistica, e com a critica, mas

não podem ser competentes para tomar uma direcção activa sobre assumptos que exigem cuidadosos estudos technicos, e, mesmo entre os artistas, devem, para este fim, ser escolhidos os que apresentarem provas de se ter dedicado mais especialmente ao estudo das obras do passado.

O espirito esclarecido e analysador de Vitet soube, na inspecção de que em 1830 foi encarregado, fazer com lucidez o estudo historico e critico dos monumentos francezes, mas foram os estudos technicos de Violet-le-Duc e dos seus continuadores que elevaram a arte de restaurar os edificios do passado ao grau de perfeição a que chegou.

«Se um architecto encarregado da restauração de um edificio deve conhecer as fórmas, os estylos, pertencentes a esse edificio e á escola d'onde elle saiu, deve ainda melhor, se possivel fôr, conhecer a sua estructura, a sua anatomia, o seu temperamento, porque, primeiro que tudo, é necessario que o faça viver. É preciso

que elle tenha penetrado em todas as partes d'essa estructura como se a tivesse dirigido; alcançado este conhecimento deve ter á sua disposição varios meios de emprehender a restauração, se um d'elles falhar devem estar promptos um segundo e um terceiro para o substituir.»

Estas palavras do grande architecto francez bastariam para fazer comprehender á Commissão de monumentos o grau de imcompetencia que deve existir na grande maioria dos que em Portugal teem sido encarregados de reparações e restaurações dos edificios do passado.

Quando o sr. Bernardino Machado reorganisou a commissão, nomeando membro d'ella o architecto Luiz Monteiro, este artista apresentou logo a sua demissão por entender que a commissão não tinha o caracter technico necessario. Foram tambem nomeados, entre outros vogaes, os srs. Gabriel Pereira, Sousa Viterbo, Ramalho Ortigão, Alberto Pimentel, mas, d'esses vogaes, os mais interes-

sados por assumptos archeologicos não querendo sujeitar-se ao predominio do sr. Luciano Cordeiro, abandonaram a commissão deixando de comparecer ás sessões.

Em Janeiro de 1897, por proposta do sr. Luciano Cordeiro, o ministro das obras publicas fez elevar de 11 a 23 o numero de vogaes da commissão, recaindo a escolha, segundo o costume, em engenheiros e litteratos, mais ou menos distinctos, sendo minimo o elemento artistico. O sr. Ventura Terra entrou na commissão imposto pelo sr. Ramalho Ortigão, parece que contra vontade do presidente, que influe directamente na escolha dos vogaes.

No mesmo mez de janeiro, na sessão do dia 27, foi apresentada na camara dos dignos pares, pelo sr. Fernando Larcher, uma proposta de lei destinada a prover á conservação dos monumentos, e dos objectos d'arte que offerecessem qualquer interesse para a historia e arte nacionaes. Essa proposta era baseada na lei franceza.

Organisada assim a commissão, bem provida de membros, e estando o assumpto monumentos na ordem do dia, occasião era de que entrasse n'um verdadeiro periodo d'actividade. Amiudaram-se as sessões, e entre varias propostas, n'ellas feitas, deve mencionar-se a do sr. Folque, para que já esteja por occasião do centenario da India a *Torre de Belem* libertada do gazometro.

Occupou-se tambem a commissão da relacionação, que já ha muito devia estar feita, dos monumentos que devem collocar-se ao abrigo das leis de protecção. Foi proposto que se enviasse o sr. Ventura Terra a examinar os monumentos de Coimbra, e foram nomeados vogaes correspondentes em diversas terras do reino.

A falta de direcção artistica da commissão evidencia-se porém no criterio que presidiu á escolha de muitos d'estes vogaes. Em Vianna do Castello, por exemplo, foi nomeado o dr. Figueiredo da Guerra, acertadamente, porque Figuei-

redo da Guerra é um archeologo apaixonado, um investigador erudito, que póde prestar serviços importantes; mas existe em Vianna um artista que parecia estar indicado para vogal da commissão, é o esculptor Seraphim de Sousa Neves, professor da escola industrial, um discipulo e companheiro de Soares dos Reis, a quem ajudou nos trabalhos do monumento a Affonso Henriques e nas bellas moldagens que o grande artista fez em *Leça do Bailio,* um artista que tem uma boa comprehensão da arte moderna, e veneração profunda pela arte do passado, cujas reliquias colleciona como erudito amador. Pois em seu logar vemos nomeado o sr. Luiz Trigueiros, cavalheiro muito estimavel e litterato distincto, mas que me não consta se occupassa nunca d'arte nem de archeologia.

O sr. Luciano Cordeiro para dar largas á sua actividade irrequieta, e occupar o espirito aproveitando as suas faculdades, bastam-lhe os trabalhos da Sociedade de Geographia, a que mesmo pa-

rece querer subordinar tudo, pois até para lá tem acarretado quanto de valor alcança o seu dominio, como o padrão de Diogo Cão, a urna do Affonso d'Albuquerque, os azulejos da Sé Velha de Coimbra.

Porque occupar a presidencia da Commissão de monumentos, se exerce com ella uma acção que tem sido sempre perniciosa? Póde o sr. Luciano Cordeiro ter amor pela arte antiga e moderna, mas tem d'ella, certamente, uma errada comprehensão, e está longe de poder alcançar a intuição da sua sublimidade. Se comprehendesse o valor da arte ter-se-hia opposto, com a energia com que tem combatido as influencias contrarias ás suas, a que os monumentos artisticos do passado fossem profanados por mãos ignorantes. Teria influido tambem com os nossos architectos para que se dedicassem ao estudo dos nossos velhos monumentos, e não deixaria que a *Batalha* andasse pelas mãos por que tem andado.

A *Flor da Rosa* cahiu antes que se puzesse em pratica o projecto de repara-

ção que estava acceite, e que não tendo sido elaborado por artistas conhecedores da architectura da edade média, era um projecto profano. Á direcção de obras publicas de Portalegre estava confiada a reparação e portanto a vigilancia do monumento; ora, para provar o interesse que lhe era dedicado vem, já depois da derrocada, um telegramma do Crato annunciar que um bandido tentou violar a a sepultura do pae do grande Condestavel, e não conseguindo levantar a campa, pelo seu excessivo peso, teve tempo de arrancar os lagedos lateraes do tumulo. Cuidadosa a maneira porque estão guardados tão preciosos restos!

O estado actual da Arte em Portugal não é exactamente o mesmo de ha vinte annos, o ensino de Bellas-Artes tem-se aperfeiçoado, os pensionistas da Escola de Paris voltam illuminados pelos fulgores da arte moderna, e do contacto com os grandes mestres trazem, não só o respeito pela arte, mas a consideração pelo valor proprio. Os estudos da arte do

passado, sobre que os trabalhos de Violet-le-Duc e dos seus successores lançam um brilho diamantino, não podem ser desattendidos por esses artistas, e o sr. Luciano Cordeiro parece ignorar isto.

O sr. Ventura Terra que mostrou um soberano talento no brilhante curso que fez em Paris, se não se dedicou especialmente aos estudos da architectura do passado conhece muito bem o seu valor, e o sr. Luciano Cordeiro oppunha-se á sua entrada para a commissão; o sr. Adães Bermudes, que é um devotado á arte antiga, tem encontrado muito pouco acolhimento; nenhum esculptor, occupando a esculptura um logar tão importante nos edificios do passado, tem voto na commissão de monumentos, e, além do sr. Manuel de Macedo e do sr. Benarus, nenhum pintor, que me conste, entra no numero dos 23 vogaes.

Com os elementos predominantes da commissão, apesar de a ver iniciar um periodo de actividade, não creio que pos-

sam ser felizes os resultados que d'elle hão de sair.

A commissão devia alcançar mais amplo poder official, para tornar efficazes as suas deliberações, mas devia ser o mais technica possivel: as investigações eruditas dos archeologos auxiliando os artistas no estudo consciencioso das obras do passado, sendo porém estes os unicos a poder deliberar activamente ácerca d'ellas, pois só artistas podem tomar o pulso a uma obra d'arte.

D'outro modo as restaurações continuarão sendo profanações, e os reparos e concertos verdadeiros desastres, para que as leis de protecção são inuteis. Os monumentos, alterados e deteriorados, irão perdendo o seu valor historico e artistico; continuarão mesmo desapparecendo, porque serão homens estranhos á arte que creou esses monumentos quem d'elles terá o cuidado. Hão de tratal-os como coisas mortas, embora a vida n'elles palpite ainda sob o peso dos seculos.

Porque não levantam os artistas energicamente a voz a favor d'esta causa d'arte? Porque consentem o dominio de estranhos em assumptos que particularmente lhes pertencem?

Se os nossos mais intelligentes artistas se dedicassem com algum amor ao serio e carinhoso estudo dos monumentos do passado, olhassem por elles e os defendessem de vandalismos de qualquer especie, uma nova força de vida os animaria, permittindo-lhes continuarem sendo os inalteraveis representantes, gloriosos, da nossa historia e da nossa antiga arte.

Março de 1897.

O CONCURSO DE PAYSAGEM

PARA PROFESSOR

DA

ESCOLA DE BELLAS-ARTES DE LISBOA

Ao visitar a sala onde estão expostas as provas para o concurso á cadeira de paysagem na Escola de Bellas-Artes, vaga desde a morte de Silva Porto, a impressão maior que senti foi a saudade d'esse mestre, insubstituivel ainda, apesar da pleiade de discipulos que em volta d'elle se formaram. Estavam alli as provas de tres artistas, que se pódem considerar distinctos, mas onde uma prova de mestre? Simplesmente expostas para me dizerem do talento e da boa vontade dos seus auctores, dar-me-hiam prazer; mas indicando-me que elles procuram ser os

directores d'uma nova geração de artistas, desalentam-me. Como esperar a direcção segura de um mestre n'esses braços que movem pinceis hesitantes, n'esses caprichosos cerebros de visionarios phantasistas?

Silva Porto era realmente um mestre, tinha a sciencia e o *savoir faire* a acompanharem a inspiração e o sentimento. Ao talento juntava a severidade do estudo e as riquezas da observação profunda, e em volta d'elle agrupou-se essa multidão de artistas novos que tão esperançosamente abriam um futuro á arte portugueza. Partiu cedo de mais, deixando incompleta a sua obra de artista e a sua obra de mestre; é por emquanto insubstituivel.

O actual concurso diz-nos que se póde preencher o logar de professor na escola, mas que não é possivel dar um verdadeiro mestre aos paysagistas portuguezes.

Constava de duas provas o concurso: pintar do natural um cavallo, e bem as-

sim um trecho de paysagem. Apresentaram-se tres concorrentes, Ramalho, Carlos Reis e Arthur Mello.

Ramalho desistiu, depois de apresentar a primeira prova, que está lá a dizer-nos o que elle sempre nos diz: Se eu quizesse... Inegavelmente é superior entre as tres, essa pintura de animal, um velho cavallo, que elle, mercê é verdade d'um pouco de *chic,* nos apresenta, ainda que um tanto amortecido pelos annos, fino e tratado por boa mangedoura. Não pousa lá muito bem, mas está estudado no esqueleto, nas articulações e na musculatura. Avaliam-se n'essa machina de movimento as alavancas e a força que as move nas suas charneiras, mas sente-se tambem a vida que a anima nas veias a transparecerem sob a pelle do animal. A cabeça ehega a ser fina e intelligente. É uma prova digna de Ramalho, um dos nossos melhores artistas; todavia não me atrevo a censural-o por ter desistido; é possivel que o seu temperamento descuidado de bohemio se não

coadunasse com a methodica severidade d'um professor.

Carlos Reis é talentoso, tem mesmo rasgos de genio, mas as suas provas são demasiadamente incorrectas para o logar a que aspira. Na primeira prova o cavallo está copiado, talvez exacta, mas banalmente; vê-se que o modelo o não interessou e tambem que o não preoccupou muito a ostheologia e a arthrologia. A côr é bem encontrada.

A segunda prova tem qualidades, e por outras paysagens que d'elle conheço, sei que póde fazer mais e melhor. Resente-se este trabalho da dependencia com que é feito, mas revela muito a inquietação hesitante do artista, para lhe garantir a sciencia de mestre. Tem prespectiva e muito ar. É um effeito de manhã junto á ribeira de Algés. Reis aqueceu-o demasiadamente, o que é uma tendencia do seu temperamento; são pouco mais de oito horas e parece quasi meio dia.

Os ultimos planos, á esquerda do observador, são muito bem executados,

teem uma bella prespectiva aeria e uma agradavel tonalidade; os primeiros planos, porém, são falsos, muito convencionaes. A paysagem executada por este secco e poeirento verão parece que foi expressamente lavada a grandes aguaceiros na vespera. O terreno não tem tambem o tom do calcareo dos arredores de Lisboa e o excessivo recorte das arvores accusa hesitação e augmenta a dureza que a tonalidade lhe imprime. Uma contradicção flagrante existe entre o brilho luzente da folhagem humida e a poeirada que do chão levanta o rebanho em caminho para o fundo do quadro. O céo bem tratado dá a impressão d'uma atmosphera agitada.

Arthur Mello, apezar de ter talento e de prometter bastante, está ainda longe tambem de poder ser um mestre. Tem hesitações e miudezas que o prejudicam. É tambem a seu modo convencional; se Reis escaldou aquella fresca manhã, Mello esfriou-a de brumas que o nosso clima aqui não tem a essa hora, n'aquella es-

tação. Como muitos dos nossos artistas, ainda conserva a retina impressionada pelo céo de Paris e da Bretanha. O seu trabalho, importante para um artista que estuda, não tem a segurança do artista completo, que deixou de hesitar, que conhece fundamente o seu mister e póde ser um dirigente. Apresenta pouca profundidade e planos mal definidos; por vezes o arvoredo toca-se e confunde-se. A teimosia violacea da tonalidade tambem me faz saudades da luminosa sobriedade com que Silva Porto illuminava as suas télas, tão sentidas, tão naturalmente interpretadas e tão portuguezas, emfim.

A sua primeira prova, a do cavallo, é inferior á de Reis. O animal poisa, mas o estudo anatomico falta-lhe por completo e tem um triste ar de rossinante.

Considerava a nossa escola de paysagistas como alguma coisa mais do que uma cadeira da escola de Bellas-Artes; parecia-me ter vida e movimento. Como eu desejei poder n'este concurso admirar e exaltar provas que me dessem a certeza

de que esse movimento, dirigido por mão firme, continuaria a encaminhar-se na procura d'um bello ideal de arte.

São ainda bastante novos os concorrentes, resta a esperança de que aquelle a quem o jury der a preferencia poderá completar-se e adquirir a solidez de aptidões necessarias para dignamente occupar o logar a que aspira, mas o nome de Silva Porto nunca se fará esquecer d'aquelles que puderam admiral-o, e os corações de todos os que amarem a arte em Portugal lhe erguerão um monumento indestructivel de preito e de saudade.

Outubro de 1896.

AINDA O CONCURSO DE PAYSAGEM

A paysagem adquiriu na pintura um logar tão proeminente que a sua influencia actua sobre todos os generos. Confessando sinceramente o seu amor pela natureza em todas as suas manifestações, as mais simples, rusticas e expontaneas, a arte moderna tem elevado, nobilitado, essas manifestações e o pincel dos artistas conseguido revelar almas occultas, nos bosques, nos rios, nas montanhas, nos vegetaes humildes, procurando vel-as com os olhos da sua propria alma.

Em absoluto a paysagem não se ensina, é uma visão do espirito, hypnoti-

sado pela força suggestiva da natureza; mas póde essa visão ser empanada por sombras de preconceitos, cortada por desvios e intermitencias de luz.

Foi sempre a natureza a mesma, immutavelmente grande e bella, e os artistas de todos os tempos possuiram em si, innatas, as mesmas faculdades de sentir e amar, a mesma impressionavel e clara retina; porque, então, percorrendo a historia da paysagem encontramos d'ella interpretações tão differentes?

Nenhum dos grandes pintores da Renascença, em Roma, Florença, na luminosa Veneza mesmo, rendidos á idolatria da fórma humana, da qual continuaram na pintura a deificação que a esculptura grega começara, sentiu a emoção perturbadora dos encantos d'essa natureza tão explendorosamente rica da terra italiana, nenhum d'ella colheu segredos que nos deixasse nas suas télas, ou nos frescos immortaes.

Annibal Carrache, no seculo XVII, parece ter attentado no valor da paysagem, pro-

curando interpretal-a com um accento de verdade, mas essa interpretação é fria e destituida de interesse, não tendo merecido do artista mais importancia, que a de fazer n'ella movimentar livremente as figuras dos seus quadros.

Foram os hollandezes, que iam estudar pintura com os mestres italianos, os primeiros a ousarem apresentar a simples natureza como digna d'um quadro; ella era mais aspera e rude nas steppes dos Paizes-Baixos, mas lá ensinava-se a amal-a. João Wynants, contemporaneo dos Carrache, encetou o cyclo dos grandes paysagistas hollandezes, que nos fazem ainda hoje adorar a Hollanda. «Para elles, diz Viardot, a natureza deixa de ser o theatro do assumpto para ser o assumpto mesmo. Estudavam-n'a, reproduziam-n'a em todos os seus aspectos, fizeram d'ella, como d'uma mãe querida, mil retratos diversos, todos palpitantes de verdade.» Mas toda a poesia de Ruysdaël e de Van der Neer, a captivante originalidade de Hobbema e de Koning,

não obstavam a que os mestres italianos olhassem desdenhosamente os seus collegas flamengos e que se considerassem *shocking* quadros admiraveis de Paulo Potter.

O genio de Poussin entreviu surprehendentes aspectos na paysagem, mas não teve a coragem d'emancipal-a da classica sugeição, e, ao mesmo tempo, o Loreno pintava nos seus quadros serenas visões do paraiso terreal; todavia estas visões aproximavam-se tanto da natureza que Valenciennes dizia: *Il a rendu avec la plus exacte verité et même avec intérêt le lever tranquille el le brulant declin de l'astre du jour*. Este Valenciennes que desde 1750 a 1819 foi mestre dos paysagistas francezes, teve, além dos numerosos discipulos, uma influencia enorme, e não só pintou mas escreveu sobre arte. Considera a paysagem como um genero indigno de ser tratado nas suas prelecções artisticas. Aconselha os seus discipulos a não fazer na paysagem o frio retrato da natureza *insignificante* e *inani-*

mada, mas de a obrigar a fallar á alma por uma acção sentimental. N'outros logares expõe opiniões como esta: *Le Guaspre à copié les beaux sites de l'Italie... Mais ont'ils affecté l'imagination? Il n'y a pas dans tons leurs tableaux un seul arbre ou l'imagination puisse soupçonner une hamadryade, pas une fontaine ou elle voie sortir une nayade. Les dieux, demi-dieux, les nymphes, les satyres, les héros même, sont etrangers a ces beaux sites... Ces paysages charmants ne peuvent être que l'habitation des pâtres et des bergers modernes. Van der Neer a peint superieurement des clairs de lune; mais aucun de ceux que nous connaissons ne vaut pour l'esprit cette charmante idée qu'un de nos artistes modernes a executée en faisant reposer um rayon de cet astre sur la bouche d'Endymion. Voilà de la poesie de la peinture!*

É facil pensar o quanto a esthetica d'este prelector prejudicou a arte, torcendo n'um artificio pedante a sua natural e expontanea inclinação. Entre os seus

discipulos houve verdadeiros talentos como Bertin e Bidault, que, se tivessem acceitado a influencia da intuição genial de Poussim ou da sinceridade do Loreno, teriam adiantado alguns annos a grande expansão da paysagem.

O seculo XIX produziu J. J. Rousseau e Bernardim de Saint Pierre, os grandes adoradores da natureza, mas os artistas seus contemporaneos pareciam ignorar-lhe a infinita e soberana belleza e só se atreviam a apresental-a mascarando-a, enfeitando-a de mentiras, enchendo-a de elegancias postiças, d'ouropeis. A critica d'arte dirigia o gosto, dizendo de Ruysdaël, de Rembrandt mesmo, que «parecia não terem trabalhado senão para homens d'espirito e alma entorpecidos, a quem era absolutamente desconhecido o ideal.»

É notavel não serem os primeiros artistas que estudaram com amor a natureza, filhos dos paizes onde o sol, sempre vivo e brilhante, doira tudo d'explendor. Depois dos hollandezes são os inglezes, é

Gainsborough, é Constable, quem mais amorosamente a observa; elles foram os percursores de Theodoro Rousseau e do grande Millet.

As maximas de Rousseau lidas depois das de Valenciennes, bastarão para nos revelar a interpretação que a nova escola de paysagistas francezes dará á arte. *Notre art ne peut atteindre ao pathetique que par la sincerité. Si je parviens par l'assimilation de lair avec ce quil sait faire vivre, de la lumière avec ce qu'elle fait éclore et mourir à donner la vie à ce monde de la vegetation, alors vous entendrez les arbres gemir sous la bise et les oiseaux que appellent leurs petits.*

Elle considera as plantas, as aves e os rochedos como creaturas vivas, tendo cada uma a sua phisionomia e a sua individualidade propria. *Si l'on peut contester qu'ils pensent, disait il, à coup sûr ils nous donnent à penser et nous leur devous en retour non une arrogante maîtrise et une estyle pédant... mais toute la sincerité d'une attention reconnaissante*

dans la reprodution de leurs êtres pour la puissant action qu'ils exercent sur nous.

Os criticos academicos ainda então nada percebiam d'este modo de comprehender, e indignavam-se. Censuravam-n'o de não pensar em variar a *silhouette* das suas arvores, elle que tanto se occupava dos mil tons differentes do colorido. A verdade e a sinceridade venceram o pedantismo e a brilhante pleiade dos paysagistas modernos é uma das grandes glorias da escola franceza.

Contemporaneos de Rosseau figuram n'um áparte d'individualidade grandiosa Corot e Millet.

Corot é um alegre pagão e rende culto ás nymphas e aos mythologicos habitantes dos bosques; mas transforma-os em verdadeiros filhos da bôa e formosa natureza de que elle canta na téla as harmonias sublimes. Demora-se a estudal-a e observal-a, na Italia onde, em Roma, segue os estudos classicos, nas provincias do seu paiz, que percorre; conhece-lhe os mais intimos segredos e não a falseia

para a idealisar. A sua attenção procura sempre «a modelação na luz, as relações harmonicas das coisas, a grande lei do *enveloppe* e dos valores.»

Millet não tem o risonho lirismo de Corot, é um epico. Que grandioso poema elle compoz da vida e do rude trabalho dos campos, n'esse *atelier* á entrada do bosque de Fontainebleau, onde, depois de ler a biblia em familia e de passar esquecidas horas na contemplação da terra e de tudo que a envolve e anima, pintava os seus quadros, sem que o preoccupasse nada mais além da sua consciencia d'artista. Como é largo e solemne esse gesto simples do = *Semeur* = na acção d'enviar á terra a semente de que os = *Moissonneurs* = mais tarde, curvados na vasta planicie ondulante, foice na mão, irão colher o fructo! Cada um d'estes rusticos, tão naturalmente interpretados, nos lembra um sacerdote celebrando um sacrificio. As suggestivas, emocionantes e ao mesmo tempo tão naturaes e singelas paysagens em que essas figuras se mo-

vem! Nas — *Glaneuses* — que amplidão, que fuga d'horisontes, que profundidade de céo! No — *Angelus* — que intensidade d'expressão n'essas figuras de camponezes, tão religiosamente absorvidos na sua prece, e o silencio respeitoso e sublime de toda a natureza em volta d'elles! Todos os que teem sentido a impressão profunda da poesia que emana da rusticidade dos campos, na solemnidade dos poentes, no silencio das noites, nos sorrisos das madrugadas, os que teem admirado os mantos de flores da primavera, e parado a escutar o vento arrastando a folhagem murcha dos arvoredos no outomno, assistindo á laboriosa tarefa do lavrador, fica retido por uma religiosa emoção ante as obras de Millet.

A escola de Fontainebleau, gerada da influencia de Rosseau, a quem o proprio Millet ouvia como mestre, deixou entre outros notaveis nomes os Daubigny, de Troyon, de Decamps, de Fromentin.

Embora decaindo um pouco, os paysagistas francezes dos ultimos annos, sus-

tentam as boas tradições, e nomes illustres como o de Courbet, de Breton, de Harpignies, e d'esse grande e malogrado Bastien Lepage, de Cazin, em quem parece ter-se encarnado a alma dos grandes mestres, do original e atormentado Claudio Monet, continuam glorificando a familia dos cultores da paysagem.

Analysando estas differentes interpretações artisticas da paysagem reconhece-se o quanto a influencia dos mestres e das escolas actua sobre os artistas, que tendo sempre o mesmo motivo a dispol-os, independentemente do proprio temperamento, para um *estado d'alma,* o exprimem e traduzem de modos tão diversos. Razão porque este concurso para a cadeira de paysagem, que para muitos parecerá de pequena importancia, tem a meu ver grande valor.

Os nossos paysagistas são directamente filhos da escola franceza, Silva Porto recebeu ainda as lições de Daubigny. Ramalho, Marques d'Oliveira, Carlos Reis, e tantos outros, fizeram em Pa-

ris as suas primeiras grandes provas. Vieram de lá providos d'uma technica d'arte, e com uma larga visão sobre o mundo esthetico; mas todo o artista precisa, para nacionalisar-se, sentir fortemente a influencia da natureza e do meio patrio, soffrer uma transformação. Essa transformação fôra completa em Silva Porto, elle tinha no cerebro as lições dos grandes mestres que escutara, mas o seu coração abria-se expansivo para os campos da sua infancia, com quem trocava confidencias d'amigo, ao perpetuar-lhes na tela os aspectos mais caros. A sua alma de paysagista comprazia-se em ingenua e doce communicação com a natureza patria e o seu melhor ensino eram as suas telas, que mostravam aos seus discipulos feições conhecidas e amadas, e, vendo-as, elles comprehendiam as palavras d'ensino do mestre. O paysagista é necessariamente um animalista. Nenhum como elle, entre nós, conseguiu dar vida aos animaes; possuia a sciencia, o conhecimento perfeito da

sua anatomia, a comprehensão affectuosa dos sentimentos das suas simples almas.

A falta d'este mestre, que pela sua demorada influencia poderia ter encaminhado seguramente a florescente geração d'artistas que, em volta d'elle, desabrochava, foi tanto mais sensivel quanto era difficil substituil-o, pois nenhum dos artistas, capazes da honrosa tarefa, se prestava a desempenhal-a. Marques d'Oliveira trabalhava indolentemente nos seus devaneios de roseas atmospheras, poetisando as aldeãs do seu Douro e o viver dos pescadores, que de lá partem para as luctas do mar. Grande talento, mas em demasia abstracto para ser um dirigente. Sousa Pinto deixava-se arrebatar pelo deslumbramento de Paris, Ramalho apenas por distracção se occupava de paysagem e aquelles a quem seduzia a visão artistica da natureza, não encontravam o conselheiro e guia necessario ás suas indecisões e receios de principiantes.

Realisado o concurso para professor de paysagem na Escola de Lisboa, o jury entregou a Carlos Reis a direcção d'essa cadeira, e o jury fez bem, porque tendo abandonado Ramalho o seu logar no concurso, era Reis o concorrente em quem, com justiça, deviam convergir todos os votos; mas só o futuro poderá dizer se, vencedor pela superioridade das suas, aliaz não muito valiosas provas, elle alcançará devidamente o nome de mestre.

É inegavel o talento de Carlos Reis. Quem vê isoladamente a sua = *Manhã de Clamart* = julga-o um artista completo, quem vê toda a sua obra, a dos ultimos annos, excluindo as suas primeiras provas, que são sem valor, hesita em julgal-o definitivamente. Estará elle destinado a surprehender-nos pelo salto de alguma genial manifestação? Tudo póde esperar-se dos talentos febris e inquietos como o seu. Poderá tambem equilibrar-se, condensando todas as faculdades da sua poderosa intelligencia,

n'um estudo sereno da natureza, procurando, não produzir effeitos, mas dar-nos realisações, e tornar-se definitivamente um mestre.

A sua prova do concurso seria desanimadora se a não amparassem as potentes manifestações de talento dadas antes e depois d'essa prova. Carlos Reis é um artista que procura, com hesitações ainda, uma maneira definitiva d'enterpretar o que observa, de transmittir-nos o que comprehende e sente, mas na sua actividade revela uma força intellectual que se não perde. Não posso consideral-o por emquanto capaz de continuar a missão elevada de Silva Porto, todavia quero inclinar-me a esperar que a sua individualidade energica, dominando pela disciplina das suas faduldades as violencias desordenadas do temperamento, conseguirá realisal-o no futuro. É seductora essa tarefa, que lhe incumbe, d'apontar aos que dirige um ideal artistico irradiando na serena limpidez da verdade.

O seu eclectismo não me assusta, mas

desejo vel-o purificar-se na fonte pura da natureza, mãe e eterna mestra da suprema arte.

Abril de 1897.

O CONCURSO DE PINTURA HISTORICA

PARA PROFESSOR

DA

ESCOLA DE BELLAS-ARTES DE LISBOA

A importancia do assumpto e o interesse que me despertavam os concorrentes, levaram-me, n'uma ardente curiosidade, para a abertura do concurso. As provas á vista, uma soberba figura de matrona, envolta na tunica patricia, de attitude severa e tragica, na fronte contrahida a expressão desdenhosa de um indomavel orgulho, empolgou-me n'uma emoção subita e forte, absorvendo-me a attenção por um largo espaço de tempo.

Como aquella figura me revelava a alma de Tullia, a ambiciosa sem coração, que, mordida pelo desejo de um throno,

passara sobre os cadaveres do esposo gentil, da irmã, talvez amoravel, para unir o seu destino ao cunhado, em cujo peito sentia ferver ambições eguaes ás suas. É afinal rainha! O scelerado Tarquinio, para usurpar o throno, não hesita em assassinar o velho rei, mas esse rei era o pae de Tullia, filha desnaturada, que corre a acclamar o usurpador, a buscar acclamações. Na volta, a cortar-lhe o caminho, como uma maldição, encontra o cadaver do pae; para passar tem de esmagal-o com as rodas do seu carro. Que lhe importa? Passará sobre tudo, não ha horror que a detenha na sua carreira de espantoso triumpho. Não é uma criminosa vulgar a Tullia de Columbano, mas uma romana altiva, de energica soberbia, parece que n'ella estão latentes a grandeza e os crimes da futura Roma.

Columbano modelou-a a claro-escuro admiravelmente; é, na expressão, no desenho, na sobriedade magnifica do gesto, uma figura de mestre. É tambem de mestre o escorço do cadaver cahido com

pungente naturalidade e envolto em roupas que teem panejamentos surprehendentes, amarfanhados sob as rodas que passam triturando-o. Ha em todo o quadro uma grande harmonia entre a acção e o sentimento, até a expressão de instinctivo horror do joven escravo está intensamente traduzido. A scena historica resalta da téla psycologicamente animada, e, completo, este trabalho alcançará a primasia entre os melhores de Columbano; mas satisfará plenamente ao thema academico proposto?

Columbano, no esboceto, nada nos diz de Roma, n'elle a figura de Tullia é bastante fria. O quadro desenvolvendo tão admiravelmente a parte humana do thema, deixa o resto inteiramente vago; não nos permitte mesmo suppor bem em que parte do mundo se dá o facto. Os cavallos que puxam o carro de Tullia em vez de pisarem o Esquilino, parece que mythologicamente pairam sobre nuvens. Estão pouco estudados e incompletos, o que é desculpavel pelo limitado tempo

fixado para tão importante trabalho. Ha tambem um erro, que Columbano transporta do esboceto para o quadro, a collocação do conductor da *biga,* o *agitator equorum* que deve ir á direita no estribo, atraz, e não á frente de Tullia.

Mas se Columbano nos deixa ignorando a Roma de Tarquinio, Salgado transporta-nos á Roma dos Cesares. Em logar das cabanas dos pobres e das casas de madeira cobertas de ripas dos abastados, espalhadas *pele-mele* nas encostas, vemos ricos ornamentos em edificios bellamente construidos. Nas eminencias onde os artistas etruscos elevavam os rudes monumentos de rijo e baço tufo vulcanico, brilham os marmores em que estão trabalhadas preciosas columnas jonicas, e o pobre rei, que os sicarios tinham acabado de prostrar no caminho escuro do Esquilino foi decerto por elles transportado para o centro da cidade, afim de todos poderem assistir ao medonho sacrilegio.

Tullia é aqui uma accelerado energu-

mena, que parece querer intimidar a populaça pelo terror. O seu elegante *cisium* vae disputar o premio das corridas, não n'esse campo do valle do Aventino onde o primeiro Tarquinio fizera construir barreiras e estrados de pau, mas no circo soberbo d'Agusto:

Illuminado por uma luz convencionalmente crua, o quadro tem um ár d'espectaculoso cartaz, ha n'elle rasgos que denunciam um vigoroso pulso d'artista, interessa mesmo nos seus defeitos, as figuras teem vida, a acção emociona, mas que obsecação, singular em quem tem dado taes provas de talento, poude produzir semelhante conjuncto d'erros e faltas? Aquelle cadaver mesquinho nos primeiros planos, aquella figura d'anão junto ás rodas do carro, aquelle hercules d'aço que sustem a desenfreada corrida dos cavallos, tudo isto me assombrou porque me não parecia de Salgado. O conductor do carro pousa classicamente com uma larga *aisance,* mas tem desproporções extraordinarias. Não foi mesmo feliz o artista na

interpretação de Tullia, acho a do esboceto preferivel á do quadro.

É lamentavel que Salgado produzisse em tal occasião um trabalho convencional, inferior a tantos outros com que nos tem provado o seu valioso talento, distrahindo-se na preoccupação d'um classicismo apparatoso, que o fez ir buscar cavallos ás pinturas muraes de Pompeia, ou aos baixos-relevos d'Athenas, e darnos uma Tullia que mais parece cortezã grega do que matrona romana.

É tambem para notar, transportada a scena para o interior da cidade, o socego que n'ella existe no dia do assassinato d'um rei popular, é verdade que a maioria d'esses cidadãos, soldado-lavradores, estão tratando da ceifa, mas o caso, echoando, deveria ter feito que muitos d'elles abandonassem as foices.

Condeixa, que apresenta um bom esboceto, não nos dá um quadro á altura da comprehensão historica que esse esboceto revela. A factura molle, habitual ao artistas, apesar da perfeição do seu

desenho, prejudica tudo. Apresenta-nos tambem uma Roma monumental posterior aos dias da realeza. O que os auctores nos contam dos Tarquinius e de Tullius não deixa suppor tal riqueza architectonica, mas o peior do quadro é essa Tullia indifferente que nada nos diz dos seus sentimentos, não sabemos a que ella vae, nem que fito a move. Passa desappercebida a intensidade dramatica da scena.

Houve um desastre no trajecto do vehiculo, que parece uma malaposta, todos olham, e depois seguem pensando em coisas diversas.

Como Condeixa desenha primorosamente, essa qualidade do artista sobresahe, os seus cavallos são os melhor estudados, e nos ultimos planos ha pedaços captivantes. Se o esboceto porém tem vida e acção, faltam no quadro, onde a attenção se esfarrapa pelos detalhes, quando o artista a devia ter prendido ao violento episodio que é o principal assumpto do thema.

O trabalho de Galhardo é uma ingenua tentativa de estudante arrojado, que ainda está longe de poder alcançar, em tão importante assumpto, o logar de mestre.

Se reflectir-mos sobre os themas propostos para este concurso de pintura hisrica na nossa escola de Bellas-Artes não os acharemos absurdos? Deverá exigir-se a um artista a erudição necessaria para traduzir n'um immediato esboceto, sem estudo algum prévio, nem explicação elucidativa a verdade historica e archeologica de qualquer remoto facto tirado á sorte para thema? D'esse esboceto precipitadamente feito não póde, para mais, o artista affastar-se na execução do quadro. É um exaggero de preito ás tradições academicas. Bem mais do que este lendario caso de Tullia interessaria um facto da nossa historia nacional, ou que com ella se prendesse, e seria muito mais util que os nossos pintores estudassem os monumentos e costumes dos primeiros seculos da nossa existencia civil do que a Roma primitiva e barbara.

D'este pedantismo classico resultou o desastre a que acabamos de assitir e do qual só se salvam essas magnificas figuras com que a personalidade de Columbano se affirmou, mais uma vez, original e unica no nosso meio artistico.

Abril de 1897.

A DECORAÇAO

DA

CERVEJARIA JANSEN

Já estamos algo longe do café do *Nicola* e do *Pedro das Luminarias,* onde os officiaes de Junot estavam sempre a beber, de dia e de noite, ora para se refrescarem, ora para se aquecerem, como nos conta o sr. Benevides, e o bom chá e torradas de Meleças, que o grande marquez se não dedignava de ir tomar ao *Marcos Filippe,* deixou nos costumes logar ao bello *bock* e á *sandwich.*

Se o Garrett agora voltasse á sua terra e entrasse no *Jansen,* sob que paiz do globo imaginaria encontrar-se? Ficaria um pouco transtornado, e, se não visse

por lá certas caras a lembrar-lhe umas outras de ha cincoenta annos, não julgaria logo achar-se entre compatriotas, elle que protestava que, se o levassem de olhos fechados aonde quizessem, não lh'os desvendando senão no café, em menos de dez minutos diria a terra em que estava, se fosse paiz sublunar.

Como tudo se transforma! Até isto a passo de tartaruga se vae transformando. Em meio seculo, mesmo devagarinho, se faz muita coisa, e, entre aquella Lisboa, que Oliveira Martins nos descreve com as ruas, focos de immundicie decomposta, ou ambulante e viva, com os seus mendigos, os seus frades, surgindo das tabernas, onde os gallegos descançavam á porta, sentados nos barris sarapintados de verde e vermelho, a procissão nocturna das pretas a caminho do rio, caneco á cabeça, e as mulheres catando-se ás janellas, onde floriam craveiros e mangericos, entre aquella Lisboa oriental e a Lisboa de hoje, que differença! Mas não vamos tão longe, a Lisboa de ha vinte

annos, do *Passeio Publico*, do *Marrare*, já vae dando logar a uma outra. É verdade que a mudança não é em demasia animadora, e toda essa casaria reles, espalhafatosa e sem caracter, que se tem levantado pelos bairros novos, não diz lá muito bem do gosto artistico da nossa geração.

Uma idéasinha d'arte tem ido, porém, verrumando no duro cerebro burguez, e, nos ultimos annos, dado resultados d'um imprevisto agradavel. As velhas baiucas, onde se fazia o negocio, substituindo-se por estabelecimentos proprios de terra civilisada, um luxo novo, o da decoração artistica, apparece e desenvolve-se promettedor.

A primeira tentativa deve-se, como tantas outras felizes, áquelles bons rapazes do *Grupo do Leão*, que, sob a mansa preponderancia de Silva Porto, iniciaram uma epocasinha de arte. Os paineis do *Café Leão d'Ouro* foram a primeira decoração pictoral do seu genero. O gosto pegou, desabrochando rachiticamente, aqui e além, por padarias e botequins, onde

rapins, mais ou menos inexperientes, tem enxugado as brochas; deu um bello exemplar na *Monaco,* que Raphael Bordallo e Ramalho decoraram, e agora nas cervejarias, onde Baeta mostrou, aos frequentadores da *Trindade,* a sua pericia decorativa n'um formoso tecto, e Ramalho, no *Jansen,* dá largas ao seu plastico talento.

Como se passa bem um pedaço de noite em amena cavaqueira, ante a caneca do liquido espumante, ouvindo uns trechos da *Favorita* ou da *Gioconda*, distinctamente regidos pelo Caggiani, agora que o pincel de Ramalho nos deixou por onde recrear a vista!

Tenho pena de que em vez da chita de ramagens, que nos deu para *lambris* elle não tivesse feito partir dos capiteis das columnas, de uma decoração aliás bem bonita, nervuras que servindo de haste ás flôres as fizessem subir para o berço da abobada, procurando, com a liberdade de artificio permittida aos decoradores, dar-nos uma illusão de altura

n'aquella abobada, que pesa um pouco quando o calor da agglomeração abafa.

Ha bem bons pedaços de pintura ali. O quadro que decora o fundo tem uns deliciosos tufos de verdura; a = *Mulher da pipa* = como lhe chama o Fialho d'Almeida, é fresca e graciosa como os pequerruchos que a acompanham. Superiormente pintado o grupo da = *Musica* = e encantadoras de gentileza as creanças que brincam sobre a porta. Todos os nus estão cuidadosamente estudados, as composições teem levesa e caracter; conhece-se em toda a obra o delicado pincel de Ramalho. Aos lados da porta principal, collocou uns finos medalhões, onde brilham pela sua carnação explendida umas formosas cabeças femininas.

A decoração geral transporta-nos aos jardins de Queluz, de onde são o bello vestibulo de marmore e o lago que enche um dos *panneaux* aos lados da tribuna do sextetto. Aquelle lago é que eu acho um bocadinho *encombrant;* havia-os em Queluz bem mais de geito.

Mas como toda aquella verdura é fresca e o ar circula pela atmosphera suavemente luminosa!

É um luxo divino o da arte! Um pouco de pintura, um pouco de musica e temos a *brasserie* transformada n'um sanctuario. O espirito eleva-se e purifica-se no goso immaterial.

Isto não é para todos, é verdade, mas, digam lá o que disserem, mesmo os mais refractarios aos prazeres intellectuaes, sentem-se bem nos meios em que a arte espalha o seu indefinivel e seductor encanto, que, pouco a pouco, subjuga os rebeldes.

Oh! esta Lisboa, d'um tão doce clima, onde as brumas do inverno não conseguem esconder o azul do ceu, e o sol nos consola das asperezas d'alguma purificadora nortada, como ella podia tornar-se bella!

Eu imagino-a desabrochando em rosaes pelos *squares,* em que o marmore das estatuas se iria suavemente brunindo, as eminencias coroadas por edificios, can-

tando harmonias d'arte e a arte em tudo, mãos dadas com a natureza, perguntando-nos, maliciosa, o que é que ainda guardava-mos de tradicções do Eden.

Mas vamos-nos consolando com o que apparece, e applaudindo aquelles que teem a coragem d'emprehender melhoramentos d'esta ordem. Devemos agradecer-lhes o prazer que nos proporcionam, e o bem que fazem ao publico a que ajudam a pulir a casca grossa.

Novembro de 1897.

O GRANDE HOTEL MONUMENTAL

DO BUSSACO

E O

Scenographo LUIGI MANINI

A matta do Bussaco, soberbo templo que a natureza erguera, torneando as gigantes columnas de cedros e de carvalhos, rendilhando os capiteis de folhagem, serviu durante seculos d'abrigo á prece fervente de humildes cenobitas, e occupa hoje na historia portugueza um logar, sagrado por um facto glorioso. Ali os nossos obscuros e inexperientes soldados, embora sob o commando de generaes que lhe fallavam uma lingua estranha, prodigalisando com generosa bravura o seu sangue á patria fizeram baixar a aza altiva do *Anjo da Victoria* e impal-

lidecer a estrella brilhante de Ney, o invencivel, o heroe!

Os cantos das aves sobre a ramaria, os hymnos religiosos dos monges callaram-se um momento para escutarem o fragor da lucta, os brados victoriosos.

Já lá vão quasi cem annos, o nome de Napoleão passou á historia e encaminha-se á lenda, mas o do Bussaco ficou tão aconchegado ao seio da alma portugueza, que ainda hoje a aquece, consolando-a.

A escarpada serrania, cujas cristas rompem em recortes agudos pelo roxo-azul da atmosphera, onde os collossos da vegetação extremeceram de pavor áquella tempestade nova e estranha, aterrando o imperio d'aves, tribus e nações, diversas, que lá se conservava d'immemoriaes idades, em tranquilla segurança, offerecia um grandioso fundo ás epicas scenas da batalha memoravel.

É um d'esses logares de que a belleza mal se descreve, surprehendente thesouro de naturaes riquezas, de que o encauto

só devidamente se aprecia sentindo-o no suggestivo silencio das suas alamedas, no goso dos panoramas deslumbrantes.

A idéa nova, que os soldados de Napoleão espalhavam pelo mundo, cantando a *Marselheza,* varria com o seu sopro as tradicções e as antigas crenças; da matta do Bussaco ella foi expulsar os velhos cenobitas, que morreram saudosos do seu eden de verdura. Preces e hymno foram substituidos pelas vibrações d'echos mundanos, e áquelles que lá iam buscar a saude d'alma succederam os que vão procurar a do corpo. O ar vivificante da matta, a frescura do clima, a riqueza medicinal das aguas, que irrompem das suas fontes, transformaram o Bussaco n'uma concorrida estação thermal e a arte, reunindo-se á natureza, augmentou-lhe os attractivos.

Companheiro das singelas e toscas habitações que abrigavam os antigos habitantes da matta, ergue-se hoje ali um formoso edificio, a mais artistica obra d'architectura que nos ultimos annos se tem

erguido em Portugal. Foi o sr. Emygdio Navarro, quando ministro das obras publicas, quem encarregou varios artistas do projecto para a edificação do *Hotel Monumental* do Bussaco, escolhendo, entre os projectos apresentados, o de Manini, em que o estylo manuelino é interpretado com uma original independencia artistica.

Não parece uma obra portugueza do nosso tempo aquella; construida para um fim pratico, adaptada perfeitamente á utilisação precisa, pela captivante harmonia da arte prende-nos e interessa-nos vivamente o espirito.

É um bello edificio de tres pavimentos, encostado a uma torre de 44^{m} de altura coroada por um mirante d'altura superior a 10^{m}. Uma formosissima galeria corre em volta do rez-do-chão, formada por elegantes arcos duplos, cortados por maineis de uma ornamentação rica e variada. Á medida que o edificio vae subindo, torna-se mais sóbria a ornamentação, dando á vista o prazer do des-

canço que lhe permitte apreciar o harmonioso conjuncto de todas as partes. Na torre ha uma joia de janella, toda em rendilhados, ladeada por uns nichos onde, sob formosos baldaquinos, se abrigam estatuas devidas ao cinzel do esculptor Antonio Augusto Gonçalves, director da Escola Industrial de Coimbra.

Os lavores na pedra, em geral primorosos, teem sido executados por ex-alumnos da mesma escola e da Escola Livre de Coimbra, provando a efficacia do ensino popular do desenho.

É tão conhecido entre nós o talento de Manini, não só pelos seus trabalhos scenographicos como pelos decorativos, entre os quaes se distingue o bello tecto da escada do palacio Foz, que esta nova manifestação nada nos surprehende.

O que nos surprehendeu foi ver surgir quasi de repente, tão pouco se fallava d'elle, o formoso edificio do *Hotel Monumental,* digno ornamento da admiravel montanha que em si guarda memorias tão grandiosas.

*

* *

Entre os artistas estrangeiros que em nosso tempo teem vindo trabalhar para Portugal, sobreleva-se notavelmente Luigi Manini, homem superior, pelo talento, pela energia e por todas as qualidades do seu caracter. É um filho da opulenta e activa Lombardia, da formosa terra considerada por muitos o paraizo da Europa. Nasceu em Crema, na provincia de Cremona, estudou na Escola de Milão, sob a direcção de Ferrario, e veio para Portugal, em 1879, com trinta e um annos, substituir Rambois e Cinatti, que occuparam por bastante tempo o logar de scenographos em S. Carlos. Manini, que desde a mais juvenil idade praticara acções de rara energia e audacia, que se formara homem pelo esforço da sua vontade independente, passou o melhor da mocidade entre as agitações das guerras d'Italia, em que tomou parte activa, e

entrou em Portugal na mais bella epoca da vida, quando o ardor indomavel da primeira juventude abranda, o talento se confirma, e a crença e a esperança, ainda vivas no peito do homem, que adquiriu a convicção da propria força, lhe fazem ter confiança no futuro.

Manini possue a tenacidade no trabalho, a exaltada imaginação, dominada por um espirito pratico, que são qualidades dos seus conterraneos, rudes lavradores quando precisam domar as resistencias dá natureza do solo da patria, e sublimes artistas quando sobem ás levantadas regiões do ideal. É um homem que com o mais pequeno tracto adquire o respeito e a estima dos que o conhecem, e como artista, os seus trabalhos, tão conhecidos do publico frequentador dos nossos primeiros theatros, são os melhores pregoeiros da sua fama. Todos os que frequentavam S. Carlos, por occasião da sua chegada a Portugal, se lembram da subita e maravilhosa transformação que o scenario do theatro lyrico offereceu á

nossa vista quando os largos e bellos trabalhos de Manini ahi appareceram. Primeiro o *Guarany*, depois *Mephistopheles, Beatriz, Lohengrin, Rei de Lahore, Herodiade, Carmen, Gioconda, D. Branca, Simão Bocanegra, Aida, Africana, Othello, Estrella do Norte, Frei Luiz de Sousa, Mala Pasqua, Lakmé, Dina, Navio phantasma, Irene, Tannhäuser,* todas as operas que d'então se teem cantado em S. Carlos, foram abrilhantadas pelo pujante talento de Manini, que nos faz divagar pela encantadoras regiões que os artistas sonharam, e elle levanta, suaves, mysteriosas, tragicas, terriveis, illusionarias e suggestivas, prendendo a imaginação pelo conjuncto harmonico que formam com a musica, com o poema.

Ainda tenho presente na imaginação o scenario do *Tannhäuser,* sobre tudo a vista do profundo e pittoresco valle, á direita do qual se levanta sobre as penedias o lendario Castello de Varterburgo. É d'uma perspectiva soberba, d'uma harmonia de linhas e d'effeitos surprehen-

dentes. Um encanto a estrada coberta, que pela encosta do monte dá ingresso ao Castello, e no parapeito da qual, do lado esquerdo, se ergue a estatua da Virgem. Á esquerda a floresta extende indefinidamente o seu macisso d'uma profundidade melancolica, e, ao longe, pela embocadura do valle avista-se o monte Hörselberg, em cujas entranhas se escondem os segredos do perfido amor.

Toda a scena tem uma expressão mystica e suave, animada pelos sons da cornamusa do pastor que canta a primavera, e pelas vozes dos peregrinos que vem entoando:

Eterno, eccelso creator
Ricorre a te lo spirto anel!...
Speranza tu del peccator,
Deh! volgi un guardo — a noi dal ciel!...

Mas o scenario toma proporções de um grandioso phantastico, no terceiro acto, quando as estrellas brilham no ceu, o Castello illuminado parece fitar-nos e se ouve ao longe o cantico dos

que acompanham o cortejo funebre de Elisabetta...

Tem trabalhado tambem muito para o theatro de D. Maria II, e são explendidos alguns dos scenarios feitos para ali, como os do *Cardeal de Richelieu, Othello* e *Hamlet,* e essa magnifica vista d'Alfarrobeira, no *Regente,* onde o pinheiral illuminado pelos raios obliquos do crepusculo se affasta n'uma prespectiva admiravel. Pela sua impressão suggestiva o scenario completa a grandeza d'aquelle ultimo acto em que palpitam de abnegação e de heroismo tantos corações leaes.

A scenographia exige, alem d'um *savoir faire* completo, um delicado sentimento artistico, para pela illusão optica e pelo accordo do scenario com a acção, satisfazer os que no theatro procuram um conjuncto perfeito d'arte.

Manini é verdadeiramente um grande artista, dotado do mais vasto talento e d'uma erudição igualmente vasta, tem alcançado entre nós profundas sympa-

thias, mas não esquece nunca a sua querida patria, as amoreiras e os vinhedos da ridente planicie de Cremona, as brizas vivificantes dos Alpes, e eu, um dos mais humildes e mais enthusiastas dos seus admiradores, desejaria que uma rede de calorosos applausos e sinceras affeições o prendesse por largos annos á minha terra, para ter o prazer de admirar as bellas producções do seu trabalho e amiudadas vezes apertar calorosamente a sua mão leal e amiga.

Dezembro de 1897.

A SEXTA EXPOSIÇÃO

DO

GREMIO ARTISTICO

I

Na educação d'um povo, verdadeiramente civilisado, devem entrar elementos que o preparem para receber a impressão suggestiva d'uma obra d'arte, qualquer que seja a sua natureza, a sua fórma, o seu modo de ser. Se a arte não é, como diz Veron, senão uma resultante natural do organismo humano, constituido de modo que encontra um goso particular em certas combinações de fórmas, linhas, côres, movimentos, sons, rythmos e imagens, tambem é certo que sem uma previa cultura essa disposição natural do homem ficará ru-

dimentar, como aquellas flores de que admiramos a formosa opulencia e que, bravas e incultas, mal parece terem dado origem aos bellos exemplares que a cultura nos offerece.

A cultura intellectual precisa para se receber a suggestão emotiva da obra d'arte é simples, umas leves noções de esthetica bastam para abrir á imaginação do homem uma larga janella sobre o campo em que as manifestações d'arte apparecem, com a harmonia que as torna bellas, ou com a força que as eleva ao sublime.

Toda a obra d'arte deve ser mais ou menos comprehendida por aquelles que vivem no meio que a produz, ou ella se dirija ao grupo escolhido que representa o apuro da selecção espiritual d'esse meio, ou, simplesmente, falle para toda a multidão que a escuta; mal, porém, da multidão se a não ouve, porque estará surda para as mais delicadas e harmonicas vibrações. Mas a melhor parte d'essa educação publica é aos artistas que com-

pete. São elles, qualquer que seja o ramo d'arte a que se consagrem, que, elevando-a acima dos proprios interesses, dedicando-lhe a melhor porção da sua alma, traduzindo com sinceridade as suas emoções, a farão comprehender por outras almas, cujo sentir deve estar em muitos pontos d'accordo com o seu.

As exposições, meio porque as artes plasticas, cujos productos são geralmente destinados a um particular, fallam com a collectividade publica, devem procurar influir o mais poderosamente possivel sobre essa collectividade, e os artistas que a ellas concorrem attenderem a que as obras expostas não pertençam á cathegoria das que enchem os bazares do commercio, mas ao numero escolhido das que tem logar no coração do artista e que elle firmou com orgulho ou com amor.

A exposição do *Gremio Artistico,* este anno, mais escolhida que a do anno anterior, está ainda assim longe de corresponder ás esperanças dos que muito desejam.

Silva Porto faz lá muita falta Não são só as suas formosas paysagens, que tão intensamente animavam aquellas paredes, de que se sente a ausencia, mas é da sua alma, que tambem animava o *Gremio* com o seu enthusiasmo d'artista sincero, e com o seu conselho de mestre. *Acima de tudo a arte,* era a sua norma. Ninguem como elle dirigia os interesses de todos para o ponto culminante que nenhum deve desfitar, e, conciliador de vontades, era quem melhor sabia destruir os effeitos perniciosos da *ciumeira azeda,* que, como diz Fialho d'Almeida, envenena os agrupamentos d'artistas.

Deploravel effeito, talvez, d'esse veneno foi a questão trazida para o soalheiro dos jornaes a proposito de Salgado e dos quadros destinados á exposição de Berlim, questão em que não sei, nem me preoccupa o saber, quem tem razão, mas na qual lamentei a fórma porque os artistas, amesquinhando-se a si, vão de varios modos prejudicar a arte.

As pequenas *coteries* que, guerrean-

do-se mutuamente, desprestigiam artistas de merito a favor de nullidades mais ou menos espaventosas, tambem pelo *Gremio* agitam as suas *marottes*.

Uma excessiva febre de ganhar, dominando o nobre interesse da gloria, vae-se denunciando fortemente. Se o jury de admissão teve este anno o bom senso de ser mais severo para com as phantasias do diletantismo, por outro lado commetteu, a meu vêr, uma falta grave, começando a fazer aos estatutos o mesmo que os governos teem feito á Carta Constitucional.

Esta infracção de leis, hoje a favor de um artista do mais elevado merito, e de quem sou o maior admirador e sincero amigo, benificiou a actual exposição, mas ameaça as exposições futuras, porque, aberto o exemplo, póde depois qualquer banal influente reclamar a cada passo eguaes concessões, e d'ahi resultará uma desordem inadmissivel.

Digo e direi sempre desassombradamente o que penso, não sacrificando a

minha opinião ao prazer de nenhum dos membros do *Gremio,* e, preferindo a associacão aos associados, prefiro, tambem, aos intcresses d'ella o grande interesse da *Arte,* fim grandioso para que devem convergir todos os esforços. O *Gremio Artistico* excita, porém, o meu zelo de amador apaixonado da pintura; vêl-o elevar-se, á altura d'uma grande instituição, seria para mim a satisfação d'um ardente desejo. Esta associação artistica, unica no seu genero em Portugal, creada e dirigida polos melhores artistas portuguezes, é, na ausencia absoluta d'interesse dos governos pelas cousas d'arte, uma instituição séria e util, quasi imprescindivel; mas, por isso mesmo, adquire tambem serias responsabilidades.

Conscia do muito que póde, e do nobre fim a que devem tender todos os seus esforços, poderá adquirir os fóros d'uma academia dirigente, com applauso de todos. Desviando-se do caminho que as proprias circumstancias da vida artistica em Portugal lhe indicam, não pas-

sará d'uma reunião de elementos mal cimentados, periclitantes, e terá de ceder o logar a outra, melhor organisada, que, pela necessidade absoluta de uma instituição d'esta ordem, terá forçosamente de a substituir.

A actual exposição, embora não seja rica, está longe de ser banal, e basta a analyse dos elementos novos que apresenta para que interésse á critica e offereça motivos de ensinamento.

Os dois artistas que este anno se estreiam no *Gremio* são do caracter mais opposto nos seus processos e na sua maneira subjectiva; um é extremamente decorativo, outro profundamente expressivo.

Carlos Reis tenta deslumbrar pelas vibrações fulgentes do colorido, e Columbano apresenta-nos o triumpho do claro-escuro sobre a illusão da côr. O colorista sacrifica, ao seu instinctivo desejo de brilhar, algumas vezes a verdade, esfriando o enthusiasmo dos sinceros, que ávidos procuram a fonte da emoção, o

outro esquece a côr, apaga os detalhes, quando não servem para exprimir uma feição do conjuncto, deixa vivas apenas as phisionomias, as ideias, toda a porção possivel do ser moral das suas obras.

A observação d'estes dois artistas, d'um caracter tão diverso, é o maior attractivo da exposição. Os trabalhos de Salgado, descurados ou insignificantes alguns, mas demonstrando outros o grau de superioridade do artista, distinguem-se tambem.

Quanto aos restantes direi, embora me peze dizel-o áquelles de quem sou amigo, apresentam um ou outro quadro que se salva pelas naturaes qualidades do artistas, mas nenhuma obra que se saliente, nenhum esforço que mereça applauso; mesmo entre os novos, embora alguns provem que se applicam e trabalham, nada apparece de extraordinariamente promettedor.

II

A apparição de Columbano nas exposições do *Gremio Artistico* é um facto

de que devemos congratular-nos, tanto a falta das suas obras, de tão poderosa originalidade, lá se fazia sentir.

Foi uma entrada á pressa, realisada, na sua maioria, com trabalhos da ultima hora, retratos pela maior parte, alguns decorados com titulos caprichosos, mas o grande valor da sua exposição está nos tres retratos que dominam o primeira sala, e de tal modo que, fitando-os, empolgam-nos e fazem-nos esquecer a restante pintura que os cerca.

O retrato de Raphael Bordallo Pinheiro, que fôra exposto em Paris no *Salon* de 1891, exprime admiravelmente o modo de sentir de Columbano.

Ante o seu modelo o que viu foi a alma energica, amargurada, enthusiasta e descrente, forte pela intuição do seu genio, desdenhosa da imbecilidade circumvisinha, do grande caricaturista. A fórma omitte-a, os detalhes subordina-os ao symbolismo da sua ideia, e essa ideia, viva no olhar, na attitude, na expressão de todas essas feições, afogadas n'uma

sombra sapiente, brilha, chamando-nos, attrahindo-nos para a interrogação d'uma personalidade que, se a não conhecessemos, a adivinhariamos, tanto o artista a faz dizer de si pelo vigor com que a apresenta.

A pintura é larga e solida, as tintas lançadas com a firmeza d'uma decisão absoluta. Sentado n'uma *chaise-longue,* o sobretudo desabotoado, mostrando a sobrecasaca, tendo ao pé de si uma meza onde se vêem, espalhados, papeis, Raphael Bordallo parece tomar um instante de passageiro repouso, e o seu olhar negro e profundo fita-nos, penetra-nos, pensativo, emquanto que o começo d'um sorriso ironico parece agitar-lhe os musculos da face. Não é um retrato, é a synthese d'um homem, feita pelas projecções, da luz e da sombra ao sopro da inspiração.

O retrato de Ramalho Ortigão, como bem representa a *pose* que o nosso velho Ramalho tem sustentado na vida, e que o não abandona mesmo na hora de

se confessar *vencido!* Parece que foi lançado na téla d'um jacto, que não foi preciso o trabalho dos pinceis, nem o esforço da mão para os dirigir.

A bella cabeça de Batalha Reis, tão finamente modelada, brilhante de intelligencia, completa este grupo de retratos d'homens notaveis com que Columbano veio animar a exposição.

Um retrato tambem é, sem duvida, aquella preciosa cabeça, da=*Mulher que ri*=, tão expressiva e tão delicada, assim como retratos são a tão singular=*Mulher da luneta*=e a que alegremente toma chá, estudo que exprime com uma franca bonhomia a physionomia sympathicamente intelligente e viva da retratada.

Raul Brandão, um dos *novos,* com talento e alma, alma magoada por doentia sensibilidade, mas tão aberta á emoção, diz de Columbano, quando n'um pequeno artigo lhe pinta a feição a largos traços:

«A educação da côr a que Columbano fugiu, preferindo-lhe a sua visão pessoal,

é uma das coisas que mais irrita n'este pintor. A outra é o seu genio. Ter personalidades e ter genio — eis ahi duas coisas que bastam para ser odiado.

«Quem pela primeira vez vê os seus retratos tem esta impressão: parecem de afogados. A côr é escurissima, fundo negro, tintas que não estamos acostumados a ver. Mas é certo que, quem se pozer na luz do *atelier* a olhar um modelo, para logo vê a verdade da côr: a carne dá aquillo. Depois ainda mesmo que a côr não fosse verdadeira, bastaria a alma e a vida que resalta de cada um dos retratos, para fazer de Columbano o maior dos nossos pintores.

«Não é a copia banal e colorida do modelo: é a alma que elle conseguiu arrancar-lhe e estatelar na téla. Parece que cada um dos retratos foi surprehendido quando sósinho tecia as suas ideias mais negras...»

É entre os novos que Columbano tem encontrado os seus mais ardentes adeptos, a sua pintura tão psycologica deve

ser melhor comprehendida por esses devaneadores irrequietos. Mas aquelles que o não comprehendiam, tambem pelo retrahimento em que se encerrava, vão aprendendo a aprecial-o, e a elle, que é ao mesmo tempo um audaz e um timido, deve ser-lhe grato o vêr-se comprehendido e sentir-se animado pelo calor dos applausos.

III

Carlos Reis apresenta uma espectaculosa exposição de télas de vastas dimensões, e entre ellas, um pequeno quadro, o = *Retrato de minha mãe* = que, pela sua simplicidade e tocante sinceridade, absolve o pintor de todos os defeitos que resaltam nas obras com que intenta deslumbrar.

Realmente admiravel este bocadinho de pintura, no meu entender um dos melhores da exposição.

É arte feita religiosamente, o retrato d'aquella boa velhinha, com o seu ar feliz de doce aconchego; a paleta do ar-

tista, suavisada pelo toque da emoção, dá-nos n'esta obra a medida do que elle póde fazer, sempre que seja sincero e justo.

Pena ainda foi que o amor do insolito o levasse a deixar incidir sobre os olhos do modelo aquelles importunos raios de luz que lhe alteram a expressão, dandolhe um ar noctivago.

A factura, como a de toda a pintura de Reis, é agradavel e larga, mesmo nos mais pequenos detalhes, que, apezar de tudo, eu desejaria aqui vêr menos tratados.

A mais bella das suas paysagens é a =*Manhã em Clamart*=, tão rigidamente fria, como as outras são ardentemente esbrazeadas; procura seduzir por meios oppostos, e realmente consegue-o, pois é uma das obras que mais attrahe na exposição.

São verdadeiramente bellos os effeitos da luz matinal que brilha atravez das brumas fluctuantes sob um céu, que se vê logo não ser o nosso céu.

No =*Cahir das folhas*= e nas =*Vaccas na pastagem*= tambem o talento do artista domina o seu instincto espectaculoso, mas nos restantes, o ruidoso ar decorativo e a tendencia de brilhar por meio de esforços violentos, roubando-lhes toda a sinceridade, desvia-os do caminho das obras de arte para a pintura de *bric-a-brac*.

Reis é um indisciplinado e um orgulhoso; estes defeitos transformam-se algumas vezes em qualidades, que servem o artista, e podem mesmo eleval-o a grande altura, quando uma ponta de genio os toca, mas conservando-se simplesmente defeitos prejudicam o talento mais solido, lançando-o nos desvarios da extravagancia. Vejam aquella paysagem =*Ao cahir da tarde*= em que a extremidade dos galhos da arvore incendiados, lembram um fogo de artificio. Por muito que conceda ao temperamento do artista, não me parece que elle podesse vêr aquillo sinceramente.

A physionomia especial do caracter de

Reis interessa-me, lembra-me de o conhecer ainda creança, na tabacaria Neves, encetando a carreira do commercio; mas não era aquelle o seu destino, e dentro em pouco encontrava-se na *Escola de Bellas-Artes*, estudante applicado e distincto. N'um concurso de paysagem, o seu natural talento e a protecção de Silva Porto, de quem era um discipulo querido, fizeram-no passar pensionista do estado, para a *Escola de Bellas-Artes* de Paris, que mal frequentou, porque as violencias do seu caracter o rebellavam contra a disciplina academica.

Foi á solta pelos museus e *ateliers* que elle fez a sua educaçãa artistica, e eil-o de volta a apresentar-nos, com igual ruido, o seu merito e os seus exaggeros em paysagens, retratos, composições de genero, onde vemos oppor-se fogosamente, n'um singular contraste a obra d'um meridional *tapageur,* irrequieto, doido pela côr n'uma ardencia que escalda, e a sua physionomia loura, d'olhos pallidos, a figura de levita abotoada n'uma comprida

sobrecasaca, que pareceria conter toda a fleugma d'um homem do norte, se não fossem os movimentos nervosos que o agitam.

Sejam porém quaes forem os defeitos com que se apresenta, este artista tem personalidade, o que é já bastante, viu, estudou, e, na monotonia geral da exposição do *Gremio,* os seus trabalhos picam-nos, excitam-nos a analysal-o, devemos pois agradecer-lhe a porção de vida que veio trazer a um corpo anemico.

Salgado não apresenta este anno nenhuma obra que se imponha nos dominios da arte. Se o que expõe para outros seria muito, para elle é pouco. Retratos, completos uns, ligeiramente esboçados outros, e não são estes os que valem menos, indicando a facilidade do pincel que os apontou em dois traços, dizem-me que são d'um verdeiro artista, mas tambem de que elle se esqueceu de que fizera o retrato de Braamcamp Freire, e de que, portanto, nos tinha na expectativa d'alguma obra que viesse aquecer-nos e dar-

nos o prazer do enthusiasmo. Não me demorarei na analyse d'esses retratos, que só dizem ao publico o que elle não ignora ha muito, isto é, que Salgado sabe pintar.

Interessam-me mais os dois quadros =*No castanhal*= e =*Visão*=. Este ultimo, que na côr e na fórma parece indicar que o artista se inspirou em Puvis de Chavannes, é uma d'essas phantasias que para muitos nada dizem, mas que devem ser filhas dilectas de certas imaginações exaltadas, exprimindo estados d'alma em momentos raros que, pela sua raridade mesma, não são vulgarmente comprehendidos, mas tambem não deixam por isso de ser manifestações d'arte sincera. Aquella *pochade*, feita d'uma maneira tão arrojada e simples, tem feito sorrir alguns; confesso, porém, que me prendeu a attenção por muito mais tempo de que outras obras mais reaes e acabadas da exposição.

No castanhal — um delicioso *plein air*, é de vêr como o pintor amorosamente

lançou na téla aquella serena e graciosa figura de mulher, que tranquilla avança sob as arvores copadas. É tão delicadamente poetica esta bella paysagem, exhala uma emoção recatada de tão inexplicavel encanto, que decerto o artista a executou n'alguma hora boa em que o seu espirito, n'uma propensão de ternura, o tinha afastado das violencias da lucta pela vida, que fazem soar tantas horas más.

IV

Á hora em que isto escrevo já a exposição está encerrada, e resta-me ainda tratar da maioria dos expositores. É facil a tarefa, porque em geral fizeram bem pouco. Não admira; quem poderá ter gosto em trabalhar aqui?

Malhôa apresenta um quadro = *Embraçar cebolas* = onde ha a admirar a belleza dos ultimos planos, expõe tambem alguns retratos, sendo muito interessante pela delicadeza de tons e fina expressão o da condessa de Proença-a-Velha.

Ramalho continua dormindo á sombra dos louros, e depois, nas horas de espreguiçamento, pinta alguma coisa, para não nos esquecermos d'elle, mostra-nos uns explendores de luz a dizer-nos: vêem vocês, se eu quizesse... e volta ao somno. Arranjava uma bella cama aquella palha fresca dos=*Milhos de S. Miguel*=. Que dormideiras conseguiriam entorpecer o vivo espirito d'esse rapazote que, correndo atraz da Arte, como outros correm atraz de borboletas, veiu parar a Lisboa, merecendo uma epopeia, e que de Paris nos deslumbrou com a magia do *Lanterneiro?* Ah Ramalho, Ramalho...

Condeixa escolheu um interessante assumpto na antiga historia portugueza para o seu quadro=*El-Rei D. Fernando I* e o *Infante D. Diniz*=mas a interpretação é inferior ao que o artista podia dar. Acho fraca a expressão geral das figuras, mau o gésto de D. Fernando, de que a physionomia exprime bem, na contracção, a colera. Gósto da attitude contida de D. Leonor Telles, e acho boa a

execução de alguns accessorios, principalmente do tapete que cobre o pavimento. É bastante crua a luz que entra, coada, pelos vidros de côres.

Luciano Freire continua trabalhando sem ruido, mas conscienciosamente. A = *Bucolica* = é um bello estudo de poente, vae-se a luz perdendo em gradações no extremo horisonte, e nas encostas, onde os rebanhos correm buscando o aprisco, a noite cerra-se n'uma melancolia de escuridão que se condensa. = *Inverno* = é uma *pochade* bem feita; Freire sempre teve predilecção pelas brunas. Na = *Tresmalhada* = acho pouco estudados os animaes. O = *Retrato de Silva Porto* =, apesar da semelhança, é de pouca expressão. Em todos os trabalhos d'este artista encontro, porém, uma sinceridade que me seduz e me faz tel-o em grande apreço.

Vaz continúa a serie das suas marinhas, dando-nos este anno uns bocadinhos da luminosa costa do Algarve. É um artista que estacionou; agradam sempre os

seus bonitos trabalhos, todavia ás vezes, como em=*Um canto de Lisboa*=, uma meticulosa exactidão dá-lhe uma rigidez photographica.

Do Porto, Marques de Oliveira enviou ao *Gremio* duas das suas bellas paysagens; Torquato Pinheiro uma collecção de pequenas paysagens, algumas tocadas com bastante sentimento, e Costa uns quadros de flôres que, principalmente,=*Camelias* e *Junquilhos*=são deveras bem executados.

Por entre esses quadros, que formam sempre o fundo d'uma exposição, viam-se pequenas manchas de paysagem, flôres e estudos, merecendo interesse, trabalhos de alumnos da Academia, ainda incorrectos, mas sérios, trabalhos de amadores provando boa aptidão, e, á mistura, alguns *horrores,* que o jury, apesar da diminuição já sensivel de télas a expôr, devia excluir ainda.

Mas, conclusão final, o que se sentia, não obstante o concurso poderoso de dois artistas novos a chamarem vivamente a

attenção, era um arrefecimento de enthusiasmo da parte dos artistas; apresentaram alguma coisa que tinham feito, mas pouco ou nada se preoccuparam com a exposição uns, e outros faltaram.

É a apathia do publico que os desanima.

Alguns applausos que colhem, alguma remuneração que para o seu trabalho obteem, não é verdadeiramente a esse publico, para quem se abrem as exposições, que os devem; é geralmente dos amigos, de algum raro amador, que conhece os *ateliers,* de algum rico discipulo que deseja a seu turno lisongear o mestre, e isto limita-se a uma troca de attenções e obsequios para que não vale a pena affrontar a critica e dar-se á forte canceira de trabalhar com ardor.

V

Na sala destinada ao desenho e a aguarella dominavam como de costume, os *dilectantes.* Notava-se uma boa aguarella

de Gameiro = *A epistola* =, excellente retrato com solido desenho e uma grande frescura de tintas.

Seduzia tambem pelo seu *chic* o grande quadro do sr. D. Carlos = *Gado á bebida* =; deixou-me, porém, relativamente frio este regio trabalho d'arte, a mim que, quando vou ao *Gremio,* demoro sempre, preso por um novo encanto, diante d'aquella primorosa = *Marinha* = do Ribatejo, que me assombrou quando appareceu em publico, revelando a extraordinaria aptidão artistica que eu ignorava existir no chefe d'estado. Póde considerar-se um bom trabalho o que Sua Magestade expõe este anno, mas é muito menos sincero e muito menos sentido, visa ao effeito e tem grandes incorrecções no desenho dos animaes; apesar d'isso é superior a quasi todas as obras que n'aquella sala o acompanham, e é necessario que o sr. D. Carlos se dedique com bastante amor á arte para que possa apresentar-nos successivamente obras que são extraordinarias para um amador, e sa-

tisfariam a consciencia de muitos artistas.

A esculptura brilhava pela ausencia; um busto da sr.ª Falker representava todo o distincto grupo de esculptores portuguezes.

Uma interrogação. Este bello movimento para a arte moderna, que ha annos se manifestou em Portugal, irá, pela frieza d'um publico ignaro, pela desattenção que os homens publicos dão a tudo que verdadeiramente interessa á vida intima do paiz, anniquillar-se e perder-se, sem que deixe em documentos que os vindouros consultem provas da sua vitalidade collectiva? Ficará como uma manifestação sporadica, dois ou tres nomes apenas representando uma originalidade indiscutivel? É um receio bem justificado na derrocada incessante da nossa vida nacional. Os nossos melhores artistas refugiando-se em Paris, honram a patria de que são filhos, mas podemos bem chamar-lhe artistas portuguezes?

Soffrendo as influencias da escola e do

meio, debaixo de um céu de tão diversa luz, ouvindo constantemente n'uma lingua estranha expressar sentimentos que não são bem os nossos, tendo diante dos olhos rostos e figuras bem diversas, a sua arte é forçosamente a arte do paiz em que vivem e não uma arte nacional. Se Silva Porto nos deu, por amor, toda a encantadora paysagem portugueza, se Columbano, na intransigencia do seu caracter, não acceita imposições de escola, e se guia pela visão que lhe illumina o espirito, tendo a coragem de viver na obscuridade que occulta o artista portuguez, outros, como Sousa Pinto, de tão notavel talento, hão de desnacionalisar-se.

Se os artistas encontrassem no paiz, de que a nostalgia os persegue mesmo entre os mais radiantes explendores da civilisação, o acolhimento que o seu talento merece e o incitamento tão necessario aos que trabalham, decerto não iriam viver entre estranhos, e as suas obras, influenciadas pelo sentimento nacional, seriam bem nossas, e teriamos em poucos annos uma

pintura portugueza, em que se encontraria a nossa flora, os nossos costumes, as nossas tradições, os nossos bellos typos meridionaes, tudo quanto nos interessa e comnosco vive.

O alumno da *Escola de Bellas-Artes* que realisa o sonho atormentador de alcançar o pensionado em Paris, muito util pela defficiencia do ensino em Portugal e tambem pela educação que devem darlhe os museus e as exposições, onde póde estudar todos os primores da arte antiga e moderna, se tem talento que lhe permitta luctar com a concorrencia de Paris, necessita muita coragem e laços bem fortes a prendel-o á patria para que volte definitivamente.

Os qne voltam veem sempre cheios de enthusiasmo, com um arsinho de pedantismo ás vezes, mas dentro em pouco cahem n'uma apathia indolente, procuram como taboa de salvação um logar de professorado, e por ahi se esterilisam, dando pouco do que promettiam. A culpa não é d'elles.

Se é necessario muito tempo para que um ramo qualquer da educação publica se faça, se é difficil convencer a nossa burguezia, que tanto gasta nas bijouterias de *chic* banal que vem do extrangeiro, em empregar annualmente algum d'esse dinheiro na compra de obras d'arte, protegendo assim os nossos artistas, mais é para lamentar que seja difficil conseguir que os homens publicos attendam devidamente a este assumpto de magna importancia.

A acquisição para o *Museu Nacional* das obras de pintura e esculptura de um real valor que apparecessem, seria o premio mais desejado pelos artistas e o mais de molde a animar as Bellas-Artes. A acquisição annual para as escolas industriaes de algumas pequenas télas de merito, justa e rigorosamente escolhidas, seria tambem incitamento para que trabalhassem e bem.

A desculpa da pobresa das finanças não é acceitavel, porque a verba a destinar para este fim seria relativamente

pequena, quando em coisas de todo inuteis e insensatos esbanjamentos se dispendem sommas muito maiores.

Animar e proteger os nossos artistas, procurando avigorar em todos os ramos das Bellas-Artes o sentimento nacional, é uma bella tarefa, que tão pequena attenção vae merecendo. Tudo quanto se faça pela arte é pouco, mas parece que desconhecemos a sua consoladora influencia nos destinos da humanidade.

Abril de 1896.

A SETIMA EXPOSIÇÃO

DO

GREMIO ARTISTICO

I

Diderot, fazendo uma critica de *Salon* no seculo XVIII, abençoava a memoria do grande Colbert porque,— instituindo essa exposição publica dos quadros, excitara a emulação dos artistas, e preparara a todas as classes da sociedade, sobretudo aos homens de gosto, um exercicio util e uma recreação agradavel.

No seu tempo faziam as pastoraes de Greuze as delicias dos amadores e multiplicavam-se, deslumbrando a golpes de luz, as marinhas de Claudio Vernet.

A instituição alargou-se, deitou raizes que foram brotando rebentos por toda a

parte, mas nem sempre merecedores das bençãos do illustre creador da Encyclopedia.

O nosso pequeno *Salon,* mais composto de *morceaux d'atelier* que de grandes quadros, sempre vae servindo para excitar a bôa emulação dos confrades pintores, mas é, entre nós, bem limitado o numero d'aquelles a quem, mesmo replecto d'obras primas, elle seria recreação agradavel. O dia da inauguração é sempre um grande dia, abafa-se nas salas de concorrencia; mas uma duzia apenas de visitantes examina os quadros. Uns rostinhos gentis, que por lá sorriem, teem para muitos olhos attractivo bem mais real que a pintura. Os grupos femininos observam-se e analysam-se; conversa-se, cada um no mundo a que pertence; espera-se a chegada das Magestades, todos desejando colher um doce sorriso da rainha; falla-se, discute-se um pouco d'arte, como de tudo o mais. Nos outros dias a exposição está quasi deserta de publico. Artistas, repor-

ters, algum critico, obrigados pelos interesses e exigencias da profissão, formam a maioria dos habituaes frequentadores.

É na primavera que sempre se realisa a abertura dos grandes templos da Arte. Estão as almas dispostas para receber os mais doces influxos. As flores desabrocham por toda a parte onde existe um grão de terra e brilha um raio de sol, e nas retortas e cadinhos do laboratorio subterraneo extrahem e preparam as delicadas essencias que nos offerecem nas taças artisticas das suas corollas. Uma embriaguez se espalha d'alegria e goso, canta-se o hosanna da vida, e os espiritos, entre amollecimentos de ternura e enthusiasmos de esperança, vão-se desprendendo e elevando para as serenas e luminosas alturas.

Éste anno o nosso pequeno certamen artistico, celebrando-se mais tarde, coincide com o grande certamen de Paris, e ao mesmo tempo que nos é permittido exultar os esforços coroados dos mais

modestos dos nossos artistas, poderemos tambem applaudir aquelles que, lançando vôos largos, vão ao concurso internacional da grande cidade buscar a consagração do seu talento.

Tem plena confiança em si, e não se arreceiam da visinhança dos grandes nomes que attrahem todas as attenções, os que, apenas conhecidos n'um limitado centro, lá esperam obter um pouco de *succès*. A obra d'um artista ignorado perde-se entre os milhares de quadros que, por circumstancias fortuitas, podem servir a fazel-o brilhar, ou a afogal-o em maior obscuridão n'essas exposições a que concorrem, n'um afan de celebridade, os mais laureados artistas do mundo civilisado. A influencia da visinhança é decisiva sobre o effeito d'um quadro, uma anecdota a respeito de Turner na *Royal Academy* de Londres põe esta verdade em relevo.

Meio equivalente ao *jour du vernissage*, em Paris, é o primeiro de maio em Londres, dia de *private wiew*. O publico só é

admittido á exposição depois do meio dia, e até então permitte-se aos expositores o retocarem as suas télas, já dependuradas no logar que lhes pertence nas paredes. O notavel artista inglez era pouco amavel para com os seus collegas. Durante os dias d'arranjo não puzera pé nas salas, para onde tinha enviado uma paysagem muito socegada, clara, tranquilla d'effeitos e de linhas. Dois outros pintores apressaram-se em collocar os seus qundros á direita e á esquerda d'uma obra de tão modesto aspecto, mas que pela celebridade do auctor devia attrahir a attenção geral. Turner, chegando no dia primeiro de maio, ás seis horas da manhã, á exposição, e, vendo o auxilio prestado pela sua paysagem aos visinhos, pegou nos pinceis e transformou-a completamente. Cavou-lhe sinistros valles, incendiou a neve dos cimos com a fulguração dos relampagos, movimentou n'ella figuras espavoridas. E á medida que do seu pincel terrivel sahia uma lucta violenta de luz e sombra, o *Terror* e a *Pie-*

dade, as obras dos seus visinhos, pareciam desbotar e evaporar-se no mediocre e no ridiculo.

Malhôa, entrando resolutamente no *Salon* este anno, não receiou visinhança que o prejudicasse e os seus *Potiers* chamaram a attenção sobre o seu nome, triumpho tanto mais lisongeiro e honroso para nós quanto elle é um verdadeiro e genuino pintor portuguez. Não cursou as escolas, nem frequentou os *ateliers* extrangeiros, foi sempre o nosso bello sol que dourou a sua paleta, os nossos typos que elle estudou, e ao seu esforço perseverante, ás brilhantes qualidades do seu espirito, á sua vontade energica deve o que tem conseguido.

Offerece-nos a exposição do *Gremio Artistico,* n'uma téla pequena=*Os oleiros* =a reducção do quadro que enviou ao *Salon* dos Campos Elysios, em que, até hoje, nunca reclamara entrada, e onde o acolhimento feito pela critica a este extrangeiro que se apresenta sem mais recommendação que o seu proprio valor,

é bastante agradavel para o artista e para o nosso orgulho nacional.

Rocheblanc, na *Independence Belge* de 24 d'abril cita o quadro de Malhôa com as seguintes lisongeiras palavras:

Non moins verveux, mais beaucoup plus fondu de pâte et harmonieux d'accent, est le morceau des = Potiers = *de Mr. Malhôa, de Lisbonne. L'autorité, la puissance. respirent en cette page, qui semble écrite dans un coup d'improvisation, tant elle est décidée, et qui n'en a pas moins toute la saveur e la force douce d'un Velasquez.*

A conhecida revista franceza *L'Illustration,* que annualmente publica um numero especial, consagrado ao *Salon,* em que reproduz pela gravura alguns quadros, escolhidos entre os mais interessantes dos milhares que n'elle se expõem, colloca n'essa escolha o quadro de Malhôa, que Alfredo de Lostalot fazendo a critica geral da exposição apresenta como um *savoureux morceau de peinture.*

Les châtaignes = de Sousa Pinto, que

tambem lá se encontram, citadas como quadro de mestre, fizeram-me mais uma vez lamentar a falta que as télas d'este illustre artista fazem nas nossas exposições tão modestas.

Salgado, enviou a Paris o seu magnifico retrato de = *Antonio Candido* = e este anno falta na exposição do *Gremio Artistico,* a que tem concorrido sempre. Varios outros artistas, pintores e esculptores se distinguem no *Salon,* mas como todos sabem que ninguem é propheta na sua terra, todos mais ou menos desdenham o pequeno concurso nacional, que assim carece d'um grande numero dos melhores ornamentos que poderiam animal-o.

A nossa exposição não apresenta uma obra que produza excepcional sensação, contém um pouco de tudo, de bom e de mau, segundo o costume; quanto ao merito dos expositores não chegarei a dizer quaes são os que teem um real talento, e quaes os que o não teem, seria necessarrio para isso, como diz um critico

consciencioso, ter juizo impecavel e coração de bronze e eu, tambem como esse critico, não possuo nem um nem outro.

II

Graves questões que se levantaram entre os artistas e agitaram vivameute e o animo de todos quantos se interessam por coisas d'arte, roubaram á exposição d'este anno o concurso d'alguns pintores e um tanto d'attenção. Outros ha que, não sentindo coragem para soffrer as agruras da critica, faltam tambem, e estes fazem mal, pois é luctando que se vence, e todo aquelle que sente em si alguma coisa não deve acobardar-se porque, tarde ou cedo, conquista o seu logar.

Nunca me cancei de applaudir em Malhôa a sua orgulhosa resistencia d'energico trabalhador, a quem as investidas, justas ou injustas, da critica só produziam a vontade de trabalhar mais e melhor. Grande qualidade, que dá a quem a possue o triumpho certo.

Expõe, este anno, retratos e, além dos =*Oleiros*=, outros quadros de genero bem interessantes.=*O primeiro melão*= tão formoso de luz e d'espirituosa malicia, dá-nos um bom burguez gosando, por sorridentes pomares, do bem estar conseguido á custa de muita canceira. Frescas roupas, largo chapeo, e elle, que já de longe se alegrava contemplando a sua bella macieira, está em delicias aspirando o perfume do primeiro melão maduro que, regado por um bom copo de palhête, será o melhor prazer do seu jantar.

Á passagem do comboio=é uma animada scena, tão frequente, a que o pincel de Malhôa apanhou em flagrante toda a vida e intensa expressão d'alegria expontanea. O comboio foge rapidamente e o rapazio, que correu ás barreiras a vel-o passar, ainda não acabou a esfuziada de gritos e risos; teem todos o gesto animado das grandes occasiões, um lança a perna sobre o ripado, agita-os um extremecimento de vida, só a

rapariguinha que traz ao collo a irmã pequenina, conserva a attitude socegada de quem, tendo um dever a cumprir, não pode deixar-se arrebatar por enthusiasmos.

Vaz apresenta a marinha que enviara á exposição de Berlim. É=*No Tejo*= á tarde, junto a Xabregas; as aguas serenas, d'uma bella transparencia á luz mansamente acariciadora dos raios obliquos do sol. Um grande barco abandonado, embalando-se ao de leve, e, no primeiro plano, um barco pequeno, onde uma mulher, de pé, está fiando. Para além, na outra margem, a azulada serrania de Palmella, no conjuncto um tom de melopeia suave, calmante.

A=*Chegada dos barcos*=*(Nazareth)*, é por uma formosa tarde. Os bateis na praia, vae o peixe á lota. Agitam-se grupos de pescadores, interessados no leilão da pescaria; alguns barcos partem. Uma pittoresca scena, muito bem observada.

Effeitos de neblina=*(Foz do Arelho)*.

Tem um ar sinistro este pedaço, a que se liga uma tradição de naufragios. Dunas á esquerda, e o mar espreguiçando-se com traiçoeira indolencia pela areia. Uns grupos de mulheres esperam, talvez, a volta d'algum barco. A neblina envolve tudo, esfuma as figuras, vela o horisonte. No = *Porto de Faro* =, alegre mancha, grupo de barcos, alguns cortando as aguas, em que passa um ligeiro fremito de brisa.

Vaz tem na retina impressos tal numero d'aspectos fluviaes, que lhe basta cerrar os olhos para entrever uma multiplicidade d'encantadoras *esquisses* que, passadas á téla, não precisam d'assignatura para se conhecer o auctor. E encontramol-as todas, sorrindo com o mesmo ar de placidez, pelas salas do *Gremio*.

Uma bella paysagem de Carlos Reis, incomparavelmente superior á banal prova que apresentou no concurso que lhe deu um logar na academia, é um dos melhores ornamentos da exposição. Fogosamente tratada pelo nervosismo do

pincel de Reis, tem essa expressão sentida d'um bocado da natureza interpretado, e não copiado, que nos prende e nos inquieta com um segredar de vida, que mesmo involuntariamente se escuta. Uma olaia em flôr, uma nesga de Tejo, em frente da Tapada, e, no primeiro plano, uma mulher trazendo um feixe de erva á cabeça. Bello pedaço colhido n'um momento d'inspiração.

José de Brito, que hoje occupa um logar de professor na *Academia de Bellas-Artes, do Porto,* prova-nos com as suas remessas, que continúa empregando no trabalho o melhor do seu espirito, serio e dedicado á sua arte.

O Avarento = é um pedaço solido de pintura; apresenta-nos um typo de velho e rico judeu, n'um cubiculo antiquado, examinando, á luz de antigo candieiro de latão, as preciosas gemmas do seu thesouro. Muito bom desenho, e uma bella distribuição de luz. Se não causa extraordinaria sensação, o olhar demora-se a gosar da perfeita harmonia d'esta com-

posição bem estudada. — *Carmen* — é uma ledora de *buena-dicha* a que Brito deu umas linhas plasticas correctamente lançadas na téla. Inquietam mais os seus olhos, de quc todos os sortilegios que vão sair-lhe das cartas.

Henrique Pinto expõe um feliz episodio rustico — *As melancias* — pintado um tanto á maneira de Malhôa. Duas mulheres, em pleno campo cheio de luz, e uma opulenta macieira. Uma das mulheres, de pé, experimenta a rigesa d'uma melancia, e a outra, que é a melhor das figuras, curva-se para colher o fructo. As figuras teem expressão e graça. É um alegre e pittoresco quadro.

Interessante apesar de certos senões é a grande paysagem de Galhardo — *Terras d'Azoia* — *(Valle de Lobos)*. Aqui está um que não desanima; tateando ainda a sua vocação definitiva, tem arrojo e energia que o não deixam sossobrar. Alguem lhe negou já qualidades de paysagista, mas tenho visto d'elle estudos de paysagem que, ainda melhor que os seus qua-

dros acabados me provam que elle possue bem d'essas qualidades. = *Terras d'Azoia* = tem muito boa perspectiva e um fino colorido. O ar da manhã bafeja humidamente o arvoredo de que o verde sorri aos primeiros raios de sol.

A = *Cabeça de velho* = é um bom estudo e tem caracter a maneira porque estão tratados os retratos que expõe.

Columbano no meio das preoccupações da lucta, que pela sua justiça sustenta, teve força para nos proporcionar o prazer de contemplar-m'os uma collecção dos seus extraordinarios retratos. O de = *João Rosa* = que tantos elogios obteve na exposição de Berlim. Os de = *João Barreira* = e = *Arthur Lessa* = de uma admiravel finura d'execução. O de = *Raul Brandão* =, trabalho delicado e forte, que representa vivamente o modelo com o accento de verdade d'um Keiser. Entre os ultimos trabalhos de Columbano é este um dos que mais me tem impressionado, e elle só bastava para representar na exposição o valor

artistico do auctor. = *A ceia da velha* = tambem me fez lembrar os bons mestres hollandezes. Que espirituosa bonhomia n'aquella cabeça tão admiravelmente modelada! = *A luva branca* = com menos expressão, tem igual finura de pincel e intensidade de desenho. Os retratos de = *Lopes de Mendonça* = e = *D. João da Camara* = completam este grupo de personalidades, animadas todas por um toque de vida que as faz moverem-se na téla, fitar-nos, seguir-nos, transmittir-nos pelo olhar tanto do seu pensamento, do seu intimo, que parecem reaes, a espreitar-nos pelo postigo das molduras.

A obra de Columbano que na exposição tem levantado em volta seu nome maior côro d'elogios, o = *Consummatum est* =, não me põe d'accôrdo com o geral enthusiasmo. É um trabalho d'improvisação e não um trabalho de meditação e d'estudo. Satisfaz ao intuito que moveu indubitavelmente o auctor ao concebel-o, mas não satisfaz como obra d'arte. Tem a decisão, mas tambem a

incorrecção de todos os improvisos, que sempre obedecendo á violencia d'uma inspiração, raramente são tocados pelo sopro do genio. A cabeça de Christo exprime bem a resignada angustia d'uma victima em holocausto, mas não encontro n'elle a verdade anatomica que tenho ouvido apreciar-lhe. Não é banal porque a banalidade não desmerece nunca os trabalhos de Columbano, mas é imperfeito, e inferior a muitas obras de pequena *allure* do artista. Com a minha habitual franqueza não hesito em manifestar ao artista e ao amigo uma opinião que discorda tanto do que a critica geral tem dito sobre o = *Consummatum est.*

Um artista que, embora esteja longe de chamar-se completo, tem bastante *verve* e uma certa originalidade atravez das suas faltas e grandes incorrecções de desenho, Jorge Colaço, apresenta, pela primeira vez, no *Gremio Artistico,* trabalhos que quebram, pelo assumpto, a monotonia da exposição. O esboceto = *D. Sebastião em Alcacer Kibir* =, ape-

sar d'incorrecto, é animado, e o grupo de combatentes, onde figura, brandindo furiosamente a espada, o infeliz monarcha, que a lenda poetisou, tem bastante expressão. A composição levanta no espirito uma vaga ideia d'essa lucta desordenada e fatal.

O baptisado arabe = representa uma scena de costumes populares marroquinos, que se filia n'uma outra de que irei buscar a Edmundo Amicis a pittoresca descripção: «Eram doze soldados d'alta estatura com o *fez* em bico, e uma capa branca, os caftans variegados, azues e vermelhos, e entre elles um rapaz vestido com uma elegancia femenil, filho do governador do Rif. Alinhavam-se ao sopé dos muros da cidade, voltados para a rampa; o filho do governador, no meio, erguia a mão e arrojavam-se todos juntos á carreira. Nos primeiros passos havia um pouco d'incerteza e alguma desordem. Depois aquelles doze cavallos unidos, desenfreados, a toda a brida, não formavam já senão um só corpo, um monstro furioso,

de doze cabeças e de cem côres que devorava o caminho. Então os cavalleiros, pregados na sella, com a fronte erguida, a capa ao vento, levantavam as espingardas acima da cabeça, apertavam-nas aos hombros com um movimento convulso, disparavam-nas todas ao mesmo tempo, soltando um urro de triumpho e desappareciam n'uma nuvem de pó e de fumo. Poucos minutos depois voltavam atraz lentamente, em desordem, com os cavallos cheios d'espuma e de sangue, os cavalleiros n'uma attitude firme e soberba, e ao cabo d'alguns minutos recomeçavam. A cada nova descarga, as mulheres arabes, como as damas dos torneios, saudavam o esquadrão com um grito que lhe é proprio, e que é uma repetição rapidissima de um monosyllabo, *Iu,* semelhante a um trilho agudo d'alegria infantil.»

A côr local que distingue os trabalhos de Colaço desperta o desejo de que elle complete a sua educação artistica. E das obras que expõe a melhor executada é =

España y sus cantares=, figura de mulher dada com expressão e sentimento.

Almeida e Silva leva-nos=*Ao lar do avôsinho*=d'uma rapariguinha apresentada com primores d'execução que muito o distinguem. Ha no quadro uns effeitos de luz admiraveis, que chamam sobre elle irresistivelmente a attenção. A composição tem um certo acanhamento, mas estão muito bem achados os planos e os valores do desenho. É um interessante quadrosinho de genero, que honra o artista portuense.

Encontra-se bastante verdade nos=*Moinhos á beira mar*=, quadro de Christino da Silva, artista que se distingue pela sua muita illustração. Arthur Mello expõe dois retractos de seductor aspecto pelo brilho nacarado dos tons, mas estão pouco modelados, e a carnação em demasia rosada, não é verdadeira. Varios outros artistas como Conceição Silva e Santos Junior, a quem não falta merito, concorrem á exposição, mas entre os seus trabalhos nada encontro que

sobresaia na gamma monotona do habitual.

III

Na sala destinada aos desenhos e aguarellas occupa o devido logar d'honra o grande quadro de sua magestade El-Rei. E embora não seja peccado forte em mim a lisonja, não posso deixar de louvar a maneira delicada porque o sr. D. Carlos honra os artistas do seu paiz, acompanhando-os annualmente na exposição dos seus trabalhos. E, como de costume, a obra que sua magestade este anno apresenta não é simplesmente uma distracção real, mas uma verdadeira obra d'artista que estuda, procura vencer difficuldades, e o consegue quasi sempre felizmente. O =*Pôr do sol*= a que póde notar-se pouca fuga d'horisontes e uma certa opacidade na espuma que resalta nas rochas, é um trabalho arrojado, de bastante merito pala interpretação e execução. O sol mergulhando no oceano deixa no ceu listrões esbraseados e atira

pedras preciosas á ondulação das vagas. Um formoso estudo de poente, feito a pastel por mão experimentada d'um observador que sabe ver e sentir.

Encantadoras as aguarellas de Gameiro, que de anno para anno apparece mais primoroso aguarellista. Como gosto das duas paysagens da = *Costa de Caparica* =, aspectos da vida maritima tão pittorescamente revelados. Na primeira, aquella mulher que prova a caldeirada junto da cabana, onde virão d'ahi a pouco procurar abrigo os que andam correndo os riscos da pesca. O verde baço das piteiras mancha a brancura do areal que se estende ao encontro do espreguiçamento das aguas. Na segunda, um pescador concerta as redes entretendo as horas de repouso das fainas do mar. Por detraz das cabanas dois saveiros, encalhados, levantam as grandes pontas de crescente. Uma piteira em flôr, soberbamente decorativa, corta o horisonte com o seu perfil. O defeito de Gameiro é ser um pouco frio; porque não aquecerá elle

a paleta, enriquecendo-a com uns tons fulvos, que dariam mais ardente vida ás suas producções tão bellas?

Alfredo Guedes expõe dois excellentes estudos a aguarella = *De volta do passeio* = e = *Pescador* = ambos de largo desenho e grande frescura de tintas. O desenho d'este artista é robusto como o seu pulso e solido como o aspecto da sua propria figura. Modesto em extremo, Alfredo Guedes, applica-se extraordinariamente ao estudo, revelando uma grande força de vontade. Como lhe não falta talento deve confiar no futuro. Alfredo Moraes tambem apresenta um = *Costume hespanhol* = bem estudado, mas o seu = *Retrato de Mercedes Blasco* = é imperdoavel. Quando se escolhe para assumpto uma *estrella* é necessario apresental-a brilhante, sob pena de ridiculo. Moço sonhador, de bôa vontade e muita inexperiencia, este artista possue qualidades que o estudo e applicação ao trabalho devem aperfeiçoar.

Completavam a sala alguns desenhos

a carvão e a pastel, e trabalhos d'arte applicada na sua maior parte devidos a amadores.

IV

É numeroso o grupo feminino que concorre á exposição, e n'elle avultam entre as mais distinctos amadoras, varias discipulas de Malhôa. D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro, que possue talento á altura do seu nome, sendo uma distincta artista, limita-se a expor modestamente umas = *Rosas* =. D. Josepha Greno espalha pelas salas profusamente, rosas, lilazes, papoulas, malmequeres e amores perfeitos, depois, entrando nos dominios de Pomona, offerece-nos morangos, cerejas e outros fructos apeteciveis, mas alguns d'estes trabalhos são menos felizes do que outros, anteriores, que lhe fizeram uma merecida reputação.

Mademoiselle Zoé Wauthelet faz-nos indignar ante o seu = *Quem espera desespera* = contra o deshumano que assim esquece a protogonista de tão bonito

quadrosinho, e mostra na — *Barrella* — muito apreciaveis qualidades d'observação e de estudo, e bastante justeza de colorido. D. Virginia Santos em — *Um caso complicado* — abre-nos o modesto *atelier* d'um reparador do desastres ceramicos onde com prazer vemos o consciencioso artifice resolvendo difficuldades. Não desmente esta senhora o talento de que já nos tem dado provas. D. Laura Sauvinet apresenta-nos, com muita mestria, — *Victor Wagner no seu atelier* — e D. Branca Assis na — *Tia Aurelia* — um bom estudo de velha. A condessa d'Alto Mearin, consagrando os seus ocios fidalgos ao cultivo da arte, dá-nos em — *Soror Mariana* — mais um dos seus delicados pasteis. D. Emilia dos Santos Braga, apresenta varios trabalhos como — *Adormecida* — e — *Bolas de sabão* — que confirmam a sua aptidão artistica. D. Fanny Munró continúa dedicando-se conscienciosamente ao estudo de — *Marinhas* — Varios outros nomes femininos firmam graciosos estudos, pequenos qua-

dros, e mesmo retratos, e se em alguns dos seus trabalhos ha um tanto de puerilidade que os devia fazer joeirar mais miudamente n'uma exposição d'artistas, nem por isso deixarei de louvar todas as que dedicam um bocadinho do seu coração á arte.

V

Teixeira Lopes enviou do Porto o seu explendido grupo = *A viuva* = uma joia da nossa arte moderna. Ha tão dolorosa angustia na physionomia da pobre resignada ao estender os braços ao filhinho, unica consolação que lhe resta, que só uma alma de poeta assim podia comprehender e traduzir aquella dôr.

Expõe tambem, obra de grande mestre, o modelo para uma porta em bronze da = *Igreja da Candelaria do Rio de Janeiro* =. Tendo d'harmonisar com o estylo geral do edificio é toda em *rocaille,* ornamentação que pela graça e elevação das figuras com que a decora, consegue tornar grandiosa.

Completam a sua exposição dois bustos de senhora e um adoravel = *Bebé* = em marmore. Esculptor delicadissimo, o grande artista; nas suas mãos a pedra suavisa a natural duresa para transformar-se em maravilhas. São d'um intellectual gozo extraordinario os momentos passados na contemplação dos trabalhos do grande esculptor portuense.

Acompanhando seu filho, que foi tambem seu discipulo, José Joaquim Teixeira Lopes, expõe um = *Christo* = em bronze, d'uma artistica correcção de linhas e modelação perfeita.

Um outro esculptor portuense, que, tambem como Teixeira Lopes, recebeu lições de Soares dos Reis, Augusto Santo, expõe um academico = *Ismael* = e um gracioso = *Busto de menina* = em bronze, muito bem executado, e que é realmente um trabalho interessante.

A esculptura, ainda assim limitada, póde considerar-se um dos maiores attractivos d'esta exposição.

VI

A arte floresce entre nós bem timidamente, não lhe corre favoravel esta época de *détresse* moral e material que atravessamos; mas todo o esforço feito para a animar é util, mesmo quando se sente e conhece que d'esse esforço pouco resultará.

Se, d'entre a pobreza dos terrenos gelados, uma florita surgindo faz palpitar d'alegria o tranzido caminheiro, nós não podemos deixar de alegrar-nos quando algum rebento da ideal flor de grato perfume, surge a consolar-nos a alma. Não são para nós os jardins opulentos onde crescem robustas as plantas ricas, sugando a seiva d'um chão uberrimo, e onde exotismos deslumbram; mas para todos existe um pouco de primavera, e entre o matto inculto abrem setineas flores.

Não podemos regosijar-nos de possuir uma arte vigorosa, nem mesmo ter

d'isso para o presente a esperança, em tão mesquinhas condições nos encontramos, não deixemos, porém, d'encaminhar para ella os nossos votos mais intimos, de conservar viva a chamma que, de quando em quando, soltará ao menos uma brilhante faisca a illuminar-nos a escuridão.

Junho de 1897.



INDICE

Parte I — Perfis

	Pag.
Alfredo Keil	3
Roque Gameiro	11
Antonio Motta	19
Teixeira Lopes	29
Adães Bermudes	45
Celso Herminio	59
João Vaz	67
Leandro Braga	77
Luciano Freire	93
Bordallo Pinheiro	101

Parte II — Notas e impressões

A Egreja da Flôr da Rosa e a commissão dos monumentos nacionaes	121
O concurso de paysagem para professor da Escola de Bellas-Artes de Lisboa	159

Pag.

Ainda o concurso de paysagem.......... 167
O concurso de pintura historica para professor da Escola de Bellas-Artes de Lisboa...... 183
A decoração da Cervejaria Jansen........ 193
A sexta exposição do Gremio Artistico .. 213
A setima exposição do Gremio Artistico.. 243

ACABADO DE IMPRIMIR

NA

IMPRENSA DE LIBANIO DA SILVA

aos 11 dias do mez de Janeiro

anno

M DCCC XCVIII

2e série

A

